

# **O CHEFE: A VIDA DE ROBERT BADEN- POWELL**

Do original: THE CHIEF: THE LIFE STORY OF ROBERT BADEN-POWELL. London: Wolfe Publishing Ltd., 1975 (edição revisada). Primeira publicação em 1924, sob o título *The Piper of Pax*, pela casa C. Arthur Pearson Ltd.

Eileen Kirkpatrick Wade

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

**ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA  
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA.  
ESTA TRADUÇÃO LIVRE FOI FEITA COMO EXERCÍCIO  
INTELECTUAL DE MANUTENÇÃO DA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA,  
SEM FINS LUCRATIVOS DE QUALQUER NATUREZA.**

### **Aos Escoteiros de hoje**

Para a rua o flautista caminhou,  
Sorrindo, de início um leve sorriso,  
Como se soubesse que mágica dormia  
Naquele momento, em sua flauta silente.

E o flautista avançou,  
E as crianças o seguiram.

*(Robert Browning, tradução livre)*

Esta é epigrafe do livro original.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos Grupos Escoteiros a que pertenci/pertenço: Grupo Escoteiro São Francisco de Assis (17°/MG – São Lourenço), Grupo Escoteiro Duque de Caxias (52°/MG – Belo Horizonte) e Grupo Escoteiro do Ar Padre Eustáquio (7°/MG – Belo Horizonte).

## O TRADUTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia (Universidade Federal de Minas Gerais), pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente nos idiomas inglês e italiano. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista (11º Batalhão de Infantaria de Montanha) e Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy). Integrou o 2º contingente do Batalhão Brasileiro (fevereiro a agosto de 1996) na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III). Verteu para a língua portuguesa *The left handshake: the Boy Scout Movement during the War, 1939-1945*, de Hilary St. George Saunders, e *The Scouts' book of heroes: a record of Scouts' work in the Great War*, de F. Haydn Dimmock.

Obras publicadas:

- **Um romancista em campanha:** Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- **Jogando para a segurança:** jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (coautoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- **Comida de aventura:** alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Em uma tarde de janeiro, recebi, com grande alegria e honra, o inesperado convite para prefaciar a obra *O Chefe: A Vida de Robert Baden-Powell*, traduzida pelo grande amigo Fernando Antônio Lucas Camargo.

Trata-se da primeira tradução para o português (Brasil), pelo que tenho conhecimento, da obra *The Chief: the life story of Robert Baden-Powell*, de Eileen Kirkpatrick Wade.

Para todos os membros do Movimento Escoteiro, e também para seus admiradores, conhecer a vida de B-P, como carinhosamente é tratado pelos Escoteiros, tem um caráter especial.

Durante muitos anos, em especial no Escotismo brasileiro, houve grande carência de literatura sobre a vida de B-P, sendo a sua autobiografia, *Lições da Escola da Vida*, publicada em uma versão resumida, apenas em 1991. Desta forma, ter acesso à presente obra, originalmente escrita por uma pessoa que conviveu com o Fundador do Escotismo, lança luz sobre aspectos até então pouco conhecidos sobre a vida de Baden-Powell. Não serão poucos os leitores que irão se surpreender com as suas aventuras e peripécias. Como tenho também por área de interesse a história do Movimento, a disponibilidade desse texto em língua pátria, por alguém que conhece história, a vida militar e o Escotismo, cria oportunidade para mais leitores compreenderem a personalidade e os feitos do Fundador.

Fernando Camargo é pesquisador metódico e um exímio escritor, que, longe de apresentar uma tradução direta do livro publicado por Eileen Wade, lançou mão de extensa pesquisa, buscando compreender os fatos narrados por Wade também na visão de outros escritores. São inúmeras notas, que permitem ao leitor conhecer não apenas aspectos da vida de B-P, mas explorar os locais e entender as situações pelas quais passou.

Historiador por vocação, Fernando Camargo nos presenteia com a tradução de *O Chefe: A Vida de Robert Baden-Powell*, que é um verdadeiro

convite a todos os amantes do Escotismo, para conhecer um pouco mais sobre a vida do Fundador, que se confunde com a própria história do Movimento Escoteiro.

Sempre Alerta!

Orlando Paixão Salgueiro

Chefe IM – Região de Minas Gerais

# O CHEFE: A VIDA DE ROBERT BADEN-POWELL

## INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Em minha vida Escoteira, li algumas obras de Baden-Powell e outras sobre ele. Obviamente, a primeira fonte para conhecer o Fundador do Movimento Escoteiro é sua autobiografia, *Lições da escola da vida*, cuja primeira edição brasileira (1991) foi, por motivos de custos editoriais, simplificada; quando li o texto original, percebi quantas passagens saborosas haviam sido cortadas. Já no século XXI, finalmente publicou-se uma edição integral em português brasileiro.

Nesse ínterim, pude ler a biografia escrita por Tim Jeal, que, complementando a autobiografia, ajudou a desmitificar o Fundador. A obra do Chefe Boulanger, *O Chapelão*, trouxe outras perspectivas desse personagem que levou a vida como um “homem-garoto”.

Ficou a curiosidade de conhecer o que outros, como William Hillcourt, Winston Churchill (*Grandes homens do meu tempo*) e Eileen Wade, disseram sobre “Lord Bathing-Towel”. Do mesmo modo que aconteceu com *The left handshake* e com *The Scouts’ book of heroes*, conheci esta obra ao garimpar na página *The Dump*, da Associação Escoteira do Canadá ([www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)). Li-a, e constatei ser um ótimo complemento para *Lições da escola da vida*, ainda mais que a Sra. Wade obteve muito do que registrou nas próprias anotações pessoais de B-P.

Baden-Powell não foi nem santo, nem super-herói. Foi um homem inteligente, perspicaz e versátil, espirituoso, e que soube lidar de forma criativa com as várias situações que se lhe depararam. Nasceu e viveu no apogeu do Império Britânico, educado na moral vitoriana. É importante ter isto em mente quando lemos que ele tinha servos na Índia, ou que os nativos tinham menor prioridade para as rações em Mafeking, ou ao ler suas considerações sobre sexo no *Escotismo para rapazes* ou no *Caminho para o sucesso*. É preciso considerar, ainda, que ele era militar; por conseguinte, apesar de ter aproveitado as oportunidades que teve para

se divertir ou desenhar/pintar paisagens, sua vida não era um passeio. Seu trabalho era comandar homens – pela força legal e pelo exemplo – para manter a ordem no Império, mesmo que isso significasse matar outros ou arriscar-se a ser morto (na profissão militar, a morte é uma hipótese de trabalho). E, não obstante, B-P, graças à sua curiosidade e disposição para aprender, desenvolveu uma notável abertura de pensamento em questões como relações entre os povos e religiosidade.

A Sra. Eileen Wade relatou que assumiu seu primeiro emprego em 1914, como taquígrafa e datilógrafa na sede da Associação Escoteira, acompanhando, assim, os primeiros anos do Movimento Escoteiro; dentro de um ano, estava casada com o Major A. G. Wade, então Secretário de Organização do Movimento e posteriormente Secretário de Gestão Conjunta. Veio a ser a secretária confidencial do Fundador e, com a morte deste, continuou a sê-lo para Lady Olave. Viu a família de Baden-Powell crescer e continuar, e viu sua “família expandida”, o Movimento Escoteiro, estruturar-se e fortalecer-se – de início, apoiado na carismática figura de B-P, e logo conquistando a institucionalização que o levaria a sobreviver, não apenas ao Fundador, mas também às duas grandes provas que foram as Guerras Mundiais.

A Sra. Wade escreveu a biografia de B-P com o título *The Piper of Pax*<sup>1</sup>, publicada em 1924. Em 1957, publicou *27 years with Baden-Powell*; escreveu, também, a biografia de Lady Olave. A edição revisada que ora se traduz, de 1975, agregou observações da Sra. Wade nos anos posteriores ao passamento de B-P.

Verter uma obra de um idioma para outro não é o que se poderia chamar “brincadeira de criança”. Há expressões idiomáticas, jogos de palavras e trocadilhos que por vezes podem ser perdidos, ou ficar sem graça fora do seu contexto original. Além disso, há expressões típicas do final do século XIX e primeira metade do XX, que podem ser dificilmente

---

<sup>1</sup> Jogo de palavras. *Pipe* pode ser gaita ou cachimbo. Um tocador de gaita-de-foles é um *bagpiper*. Um *Peace pipe* é o “cachimbo da paz”. O *flautista de Hamelin*, em inglês, é um *piiper*, tocador de gaita. Assim, B-P seria um flautista de Hamelin da paz, ou um “cachimbeiro” da paz (*pax*, em latim), novamente num jogo de palavras com Pax Hill, sua última residência na Inglaterra.

traduzíveis; pode haver, ainda, expressões que expressem uma visão de mundo que hoje poderia ser considerada “incorreta”, mas que à época era considerada “normal”. O trabalho de tradução, ou versão para outro idioma, necessita mais que substituir uma palavra por outra: é preciso entender toda a mensagem, o “espírito” de uma frase, ou até de um parágrafo inteiro, para, então, expor essa ideia no nosso vernáculo. Fez-se a adaptação na medida do possível e, quando preciso, adicionaram-se notas explicativas – especialmente para contextualizar alguns dos episódios vividos pelos personagens, ou para esclarecer alguma situação caracteristicamente militar ou peculiar ao período.

Como muitas vezes acontece a quem alcança notoriedade, B-P e o Movimento que criou são alvos tanto de enaltecimento quanto de ataques. B-P mesmo dizia, quanto à espiritualidade, que, pelas manifestações dos observadores, acreditava ter alcançado a justa medida, pois uns diziam que o Escotismo tinha religião de menos, e outros, que tinha religião demais... Não há como satisfazer a todos os gostos. Há os que arrenegam de qualquer semelhança ou aproximação com o meio militar, ou que atribuem a B-P um “divórcio” com os militares assim que passou para a reserva, em 1910. Por outro lado, há os que veem o Escotismo como “naturalmente” aproximando-se do militarismo e “tendo que ser assim”. Assim, para esclarecer apenas esses dois aspectos que tomei para exemplo, vamos aos fatos. **Fato:** B-P era filho de um reverendo anglicano que, conquanto tivesse uma grande abertura de pensamento, pautava-se pela moral e espiritualidade cristã. **Fato:** no *Guia do Chefe Escoteiro* e no *Caminho para o sucesso*, B-P recomenda fortemente aos jovens que tenham fê em algo mais que o puro materialismo; apreciando a obra da natureza e vivendo a aleatoriedade das doenças tropicais e do combate, B-P entendia muito bem o ditado “não há ateus nas trincheiras”. **Fato:** B-P foi militar e permaneceu na carreira por 34 anos, mais gostando que desgostando. **Fato:** B-P aprendeu na vida militar elementos positivos que trouxe para o Escotismo (a saudação, o uniforme, os rudimentos de ordem unida, a formatura, a Patrulha como unidade operativa tendo um líder, os valores,

a vida comunal, a necessidade de “saber se virar”...). **Fato:** B-P desvinculou o Escotismo de quaisquer pretensões de ser um “pré-militarismo”, enfatizando não a preparação para a guerra nem a disciplina cega e coercitiva, mas a disciplina consciente e a busca da paz pelo mútuo respeito fraterno entre os seres humanos. Os saberes e habilidades da vida mateira e os jogos serviriam não necessariamente para habilitar mateiros ou futuros combatentes, mas para construir atitudes que ajudam a sobreviver e eventualmente vencer, tanto na guerra quanto na paz: frugalidade, responsabilidade, resiliência, altruísmo, cooperação, determinação, perseverança, lealdade, probidade, zelo pela saúde, organização, planejamento, observação, respeito, auto-respeito...

As sucessivas edições do *Escotismo para rapazes* também sofreram modificações pela mão do próprio Fundador, com sua percepção do tipo de ser humano que a sociedade precisaria, na guerra que se aproximava, no imediato pós-guerra e no período entreguerras (por exemplo, uma seção sobre “proficiência no tiro” só apareceu na edição de 1908, sendo depois suprimida). Tais modificações, ainda assim, foram pontuais, pois os elementos essenciais de caráter, iniciativa, responsabilidade, aptidão para cuidar de si e para conviver saudavelmente com os outros são aspectos permanentes do Movimento.

Iniciei este trabalho em 1º de agosto de 2017, 110º aniversário da abertura do acampamento de Brownsea, e dei-o por terminado em 8 de janeiro de 1918, 77º aniversário da partida de B-P para o Grande Acampamento.

Vamos à leitura?

## **NOTA DA AUTORA**

Este livro foi escrito há mais de cinquenta anos, quando eu estava em contato diário com B-P e era capaz de verificar o manuscrito com o auxílio de suas anotações a lápis, que ainda possuo.

Fiz ligeiras modificações e acréscimos ao livro original de modo a atualizá-lo para leitores do presente, mas o material que B-P viu e aprovou ainda está aqui.

Gostaria de agradecer a Rex Hazlewood por sua ajuda e numerosas sugestões na reescrita desta história de B-P, com quem trabalhei alegremente por vinte e sete anos.

Eileen Kirkpatrick Wade

## PREFÁCIO

Ao longo da história humana, percebe-se a existência de uma pequena companhia de homens e mulheres, de diferentes nações e das mais variadas profissões, cujas vidas e atos, ideias e ideais enriqueceram o mundo e contribuíram para a felicidade da humanidade. Não tenho dúvida de que Robert Stephenson Smyth Baden-Powell deva ser incluído entre eles.

Apesar de seus originais métodos de treinamento e suas explorações na Índia, África e outras partes (recordadas nestas páginas) já terem tornado seu nome conhecido para muitos de seus colegas oficiais do Exército, foi sua animada defesa da cidadezinha de Mafeking, durante a Guerra Bôer, que tornou seu nome familiar a todos<sup>2</sup>. Ele foi um herói nacional, mas particularmente e compreensivelmente ele foi um herói dos garotos britânicos dessa época, que eram os anos iniciais do século XX. Então, quando seu livro *Scouting for boys* apareceu em 1908, o autor não era estranho aos rapazes aos quais se dirigia. Aí, nas “conversas de Fogo de Conselho”, como os capítulos foram chamados, havia coisas interessantes a serem aprendidas e coisas excitantes para fazer. Em pouco tempo, por todo o país (e não demorou muito para que ocorresse também em outros países), garotos estavam montando suas barracas, cozinhando suas refeições sobre fogos de lenha, aprendendo a “se virar” e usando seus olhos como nunca haviam feito antes. Eram Escoteiros, e ele era seu Chefe.

Suponho que para os Escoteiros atuais<sup>3</sup> Baden-Powell seja apenas uma figura histórica, ainda que, para eles, seja uma figura especial. Mas entre as pessoas mais velhas, ainda estarão vivos muitos dos que o viram, ouviram ou conheceram bem: restarão ainda apenas uns poucos que de fato o conheceram muito bem. E destes, pouquíssimos terão podido

---

<sup>2</sup> No original, *household word*, como no discurso do rei Henrique V em Agincourt (Shakespeare, *Henrique V*, ato IV, cena III).

<sup>3</sup> A edição é de 1975, cabe lembrar.

conhecer B-P tão bem quanto a senhora que é autora deste livro. A Sra Wade (ou Srta Eileen Nugent, como era à época) estava havia alguns meses como integrante da equipe da Sede Escoteira, então localizada na Victoria Street, Westminster, quando, numa manhã de domingo em 1914, foi-lhe solicitado que fosse ao nº 32 da Princes Gate, Kensington, onde o Escoteiro-Chefe e Lady Baden-Powell estavam morando, para escrever algumas cartas. Daí por diante, ela permaneceu como secretária confidencial de B-P até ele partir da Inglaterra, em 1938.

Qualquer coisa escrita ou editada pela Sra Wade sobre B-P, portanto, carrega o selo de uma fonte documental histórica original, contemporânea e pessoal. Este seu livro, publicado pela primeira vez há alguns anos, agora volta a aparecer com revisões. Sorte nossa que assim seja.

Tenho certeza de que será amplamente lido, muito apreciado e longamente recordado. Não haveria Escoteiros nem Guias<sup>4</sup> hoje, se B-P não tivesse sido o grande e singular homem que foi – e aqui ele está retratado e lembrado para nós por alguém que o conheceu muito bem por muitos anos.

Sir William Gladstone  
Escoteiro-Chefe do Reino Unido e Seções do Ultramar

---

<sup>4</sup> N.T.: Usarei “Guias” para referir-me às *Girl Guides*.

## **CAPÍTULO I**

### **LONDRES**

*Para o coração jovem  
O mundo é uma estrada larga.*

*(Robert Louis Stevenson)*

Numa rua sossegada, então conhecida como Stanhope Street, no lado norte do Hyde Park, nasceu, em 22 de fevereiro de 1857, um garoto cuja futura carreira teria efeitos de muito amplo alcance.

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, 1º Barão de Gilwell, OM, GCVO, GCMG, KCB, FRGS, DCL, LLD<sup>5</sup>, Fundador do Movimento Escoteiro, era o sexto filho, e o oitavo de dez crianças do Reverendo Professor Baden Powell, nascido de sua terceira esposa, Henrietta Grace.

Baden Powell (Baden era seu prenome) vinha de uma longa linhagem de cavalheiros fazendeiros e mercadores, mas desde a infância desejava ser clérigo. Era um menino esperto que se tornou um homem instruído. Após alguns anos como cura (em Midhurst, Sussex) e depois como vigário (em Plumstead, Kent), ele aceitou a oferta da Universidade de Oxford para a cátedra de Geometria, e assim tornou-se um professor de Matemática. Seus interesses intelectuais tinham uma grande abrangência, mas eram especialmente orientados para a educação, ciência e filosofia. Ele foi membro da Comissão Real de 1850, que ampliou o escopo do currículo da universidade, e foi um dos colaboradores num livro de ensaios sobre cristianismo e ciência, chamado *Ensaios e revisões*, que gerou grande agitação em seu tempo.

Mas por toda a vida ele permaneceu leal à sua fé cristã, em sua forma de viver, em sua pregação e ao ensinar. Era amigo dos principais escritores e cientistas de sua época.

---

<sup>5</sup> Condecorações e títulos acadêmicos. Respectivamente: Order of Merit; Knight Grand Cross of the Royal Victorian Order; Knight Grand Cross of the Order of St Michael and St George; Knight Commander of the Order of the Bath; Fellow of the Royal Geographical Society; Doctor of Civil Law; *Legum Doctor*.

Em seus apontamentos cinquenta anos depois da morte do pai, B-P disse: “Tive um pai bastante peculiar, um homem de personalidade marcante. Ele simplesmente respirava Amor. Tinha um cérebro que o colocava na primeira fileira entre os cientistas, em astronomia, geologia, química ou estudos sobre a luz. Ao mesmo tempo, ele era um líder entre os estudiosos de teologia, um bom escritor e um orador fluente. E, no entanto, ele gostava da vida de pároco no interior, e adorava crianças”.

A Sra Baden Powell<sup>6</sup> (posteriormente o nome foi hifenizado) era filha do Almirante William H. Smyth, DCL, FRS<sup>7</sup>, e irmã do Professor Piazzi Smyth, então Astrônomo Real da Escócia. Escoteiros e Guias no mundo inteiro têm muito mais pelo que agradecer a ela do que jamais chegarão a saber, pois, como B-P frequentemente disse, foi em grande parte devido ao encorajamento dela e à crença em suas possibilidades que chegou a ser dada a partida no Movimento Escoteiro no mundo.

Ela deu à luz cinco filhos, e foi, juntamente com a Srta Shirreff e a Sra Grey, uma das pioneiras originais das *Girls' Public High Schools* na Grã-Bretanha. Ela gostava de crer que sua família tinha ligação com o aventureiro Capitão John Smith, fundador da Virgínia<sup>8</sup>. Na realidade, não se conseguiu traçar nenhum laço de descendência, apesar de um dos seus [do Cap Smith] ditos mais conhecidos parecer especialmente aplicável a B-P, que frequentemente o mencionava para seus Escoteiros: “Não nascemos para nós mesmos, mas sim para fazer o bem aos outros”.

Como se verá, se a hereditariedade contar para alguma coisa, o jovem Baden-Powell teve um bom ponto de partida na vida apesar de a mãe viúva esforçar-se com ardor para arranjar o dinheiro necessário ao desenvolvimento e educação de sua numerosa família.

---

<sup>6</sup> E. E. Reynolds, em *Our Founder*, apresenta uma versão apócrifa, de o sobrenome Baden-Powell ser constituído pela junção da família Powell, de East Anglia, com a família Baden, de Wiltshire. Aqui, quando a Sra Wade fala na Sra Baden Powell sem hífen, é como se a referência fosse à Sra Winston Churchill (Clementine).

<sup>7</sup> Doctor of Civil Law; Fellow of the Royal society.

<sup>8</sup> No que hoje são os Estados Unidos da América.

Feliz é a infância – assim como a nação – que não tem história<sup>9</sup>, e houve pouquíssimos eventos nos primeiros poucos anos da vida de B-P que valessem a pena ser publicados.

Ele nasceu numa Londres de crinolinas<sup>10</sup> e cavalos: uma Londres na qual as Selfridges<sup>11</sup> e os cinemas, Aldwych e Kingsway<sup>12</sup>, automóveis e ônibus motorizados ainda estavam por vir à realidade e achar espaço. Seu padrinho, de quem tomou os dois primeiros nomes, era Robert Stephenson<sup>13</sup>, famoso engenheiro civil e construtor de pontes.

A Sra Baden Powell [Henrietta Powell] teve a vantagem da amizade com muitos dos mais eminentes acadêmicos, escritores e artistas de sua época, e não se incomodava de pedir-lhes conselhos quanto à educação de seus filhos.

Assim, o escritor John Ruskin encontrou o futuro Escoteiro-Chefe como um garotinho desenhando alternadamente com suas mãos direita e esquerda, e aconselhou a mãe a deixá-lo continuar com essa prática – o que lhe daria bons resultados em toda sua vida posterior no que concerne a escrever, desenhar e modelar.

O famoso novelista William Makepiece Thackeray era também um visitante assíduo, e B-P guardava com muito carinho uma moeda de um *shilling* que o grande homem lhe dera. Foi por ocasião de um jantar festivo na casa materna que B-P aproveitou a chance para escapulir do quarto de dormir e juntar-se ao grupo dos convidados trajando apenas sua

---

<sup>9</sup> Obviamente, a Sra Wade quis dizer histórias traumatizantes ou vergonhosas – como para as nações seriam as invasões e saques, para a criança seriam episódios de violência ou de miséria.

<sup>10</sup> Armação que se usava sob a saia, para constituir a saia-balão, e que se associava ao espartilho, para dar à mulher a forma de uma ampulheta. Esse trambolho (chegaram a haver armações de 1,80 m de diâmetro!) foi moda dos anos 1830 a meados da década de 1860, quando começou a diminuir de tamanho, sendo substituída pela *crinolette* e, depois, pelas anquinhas.

<sup>11</sup> Loja de departamentos, fundada em 1909.

<sup>12</sup> Ruas no estilo haussmaniano dos *boulevards*, implantadas no começo do século XX, para cuja abertura vários prédios antigos de Londres (como o *Globe Theatre*) foram postos abaixo.

<sup>13</sup> Não confundir com o pai, George Stephenson. George foi o introdutor do transporte ferroviário, construtor da locomotiva *Rocket*; Robert (1803-1859) foi engenheiro civil e de ferrovias, construindo a partir das realizações paternas.

roupa de dormir. Thackeray, evidentemente temendo uma cena, subornou-o com um *shilling* para que sumisse das vistas antes que sua presença pudesse ser descoberta pelas autoridades.

Quando B-P tinha seus três anos de idade, o pai faleceu, e a família mudou-se da Stanhope Street para Hyde Park Gate South, onde foi passada a maior parte da infância de B-P. Ele foi educado predominantemente em casa pela mãe, apesar de por um curto período ter comparecido a uma escola em Kensington Square. Ele jamais conseguiu se lembrar de ter aprendido alguma coisa lá, mas recordava-se de ter usado, naquele período, um chapéu de copa reta baixo, com a aba virada para cima, e que, certo dia chuvoso, quando corria para a escola, com a aba do chapéu cheia d'água, um valentão vindo da esquina arrancou o chapéu da cabeça de B-P e sacudiu-o sobre ele, deixando-o meio afogado.

Até a morte de seu avô, Almirante Smyth, em 1865, B-P escreveu regularmente para ele, e foi nesse ano também que ele cuidadosamente redigiu as “Leis para mim mesmo quando for mais velho”:

*Farei que os pobres sejam tão ricos como nós, e eles têm o direito de serem tão felizes quanto nós somos, e todos que passam pelos cruzamentos darão aos pobres varredores algum dinheiro, e agradeçamos a Deus pelo que Ele nos deu, e Ele fez os pobres serem pobres e os ricos serem ricos, e agora posso dizer como se deve fazer para ser bom. É preciso rezar a Deus sempre que puder; mas não se consegue ser bom apenas rezando, é preciso tentar com verdadeiro esforço, ser bom. R.S.S. Powell.*

O menino, era, realmente, “o pai do homem”.

Assim, desde uma idade bem precoce, B-P mostrava as características, a energia, ambidestrezza e versatilidade que o distinguiriam no porvir. Com sua família de irmãos ele aprendeu a trabalhar de maneira inteligente, a buscar conhecimento, a acampar e a “se virar”, a lidar com um barco e a praticar jogos – ou, como poderia ser resumido, a “escoteirar”.

Aos onze anos, B-P foi mandado para uma escola preparatória, Rose Hill, em Tunbridge Wells, dirigida pelo Sr Allfrey. Lá, ele mereceu uma grande homenagem do diretor, que, quando o menino deixou a escola, informou à mãe que teria tido muito gosto em mantê-lo sem mensalidades ou taxas de qualquer espécie, tão grande foi sua influência no nível moral da escola.

Mas o garoto tinha aproveitado bem o tempo, e conseguira uma vaga de ingresso para a Fettes School, para onde sem dúvida teria ido, se não tivesse, ao mesmo tempo, assegurado o ingresso em Charterhouse na condição de interno bolsista (subsidiado)<sup>14</sup>, graças à indicação do Duque de Marlborough<sup>15</sup>. A velha Charterhouse era em Londres mesmo, e, portanto, muitíssimo mais perto de casa que Edinburgh – e assim, lá foi o garoto para Charterhouse, em 1870<sup>16</sup>.

O primeiro período letivo numa escola pública nunca será tão horripilante para um garoto que cresceu com quatro irmãos em casa quanto para um filho único. Nenhum disciplinário poderia ser mais durão com os garotos sob seus cuidados do que o foi Warrington, o irmão mais velho de B-P, que, da cátedra doméstica que lhe dera o serviço naval, instruiu seus irmãos menores nas artes da marinharia e, sem dúvida, também em outras habilidades importantes.

O incidente a seguir, relatado pelo próprio B-P, mostra que a vida sob o comando de Warrington estava muito longe de ser um mar de rosas:

*“Frank vai sentar-se aí e assegurar-se de que você comerá essa gororoba até o fim”, foi o veredito pronunciado contra mim por meu irmão*

---

<sup>14</sup> *Gownboy foundationer*. Charterhouse tinha obrigação estatutária de acolher um número determinado de alunos bolsistas – e B-P teve a felicidade de ser incluído nesse número. As escolas “públicas” na Grã-Bretanha, nesse tempo, eram pagas, e era preciso ter uma condição financeira que permitisse arcar com esses custos. A família de B-P entrava na categoria, digamos assim, de “remediada”; a condição de bolsista foi o que permitiu a B-P continuar a escolarizar-se.

<sup>15</sup> John Winston Spencer-Churchill (1822-1883), 7º Duque de Marlborough, avô paterno de Sir Winston Churchill (que não foi Duque de Marlborough – o título coube a seus primos).

<sup>16</sup> Por essa época (em 1869), dona Henrietta obtivera a mudança do sobrenome de Powell para Baden-Powell, homenageando a memória do Reverendo e emprestando ao nome da família uma impressão de aristocracia (sobrenomes compostos).

*mais velho. Por ter sido marinheiro, ele era o comandante de nossa tripulação. Nós, quatro irmãos, tripulávamos um cúter de 5 toneladas, e vivemos um tempo maravilhoso em cruzeiros nele pela costa da Inglaterra e da Escócia.*

*Mas essa era a minha primeira viagem e, sendo o mais novo, eu fora unanimemente eleito cabineiro e cozinheiro, além de – mais especificamente – lavador. Minha primeira tentativa de fazer sopa de ervilhas demonstrou ser um fracasso, devido em parte a um fogo fumacento e a um caldeirão escaldante, e em parte devido ao fato de eu não ter percebido que alguma espécie de ingrediente substancial era necessária, e que usualmente uma sopa tem mais água que aveia.*

*Daí o veredito acima citado. Mas numa tal escola e sob tal professor, eu rapidamente aprendi não apenas como cozinhar, mas também a “manejar as coisas qualquer que fosse a emergência” – e nossas emergências eram muitas e variadas. Até hoje eu me pergunto como saímos vivos disso tudo; mas também, até hoje as lições aprendidas nessa época me mantiveram em boa condição em mais de uma situação de aperto.*

## **CAPÍTULO II**

### **CHARTERHOUSE**

*Os homens que nos bronzearam os corpos,  
Nossos amigos e adversários diários,  
Eles não deixarão de ter orgulho de nós  
Como quer que a jornada acabe.*

*(Henry Newbolt)*

Charterhouse, em Smithfield, na cidade de Londres, era um prédio muito antigo quando B-P nela ingressou aos treze anos.

O Dr Haig-Brown<sup>17</sup> fora nomeado diretor em 1863, e foi sob os seus cuidados que a totalidade dos dias de B-P em Charterhouse foi passada. Ele era descrito como o “tipo forte” de diretor, um homem que inspirava mestres e acadêmicos com profundo respeito. Em seu livro *Indian memories*, B-P contou uma história que mostra que o Dr Haig-Brown também possuía um senso de humor e alguma simpatia com as escapadas juvenis:

*A rixa entre os valentões do Mercado de Smithfield e os garotos de Charterhouse tornara-se uma instituição perene, e com frequência os combates feriam-se por dias sucessivos. Nesta ocasião em particular, os garotos de Smithfield haviam tomado posse de um terreno baldio vizinho ao nosso campo de futebol, de onde nos atacavam com chuvas de pedras e pedaços de tijolo sempre que tentávamos jogar lá. Nosso lado respondia na mesma moeda, com ocasionais sortidas dos mais fortes por sobre o muro. Com quatro ou cinco outros meninos, pequeno demais para tomar parte na luta real, eu estava assistindo à batalha quando, de repente, percebemos que o diretor estava ao nosso lado, ansiosamente assistindo o desenrolar da luta. Ele então nos fez uma observação: “Acho que se alguns de vocês passassem por aquela porta lateral poderiam atacá-los pelo flanco”.*

*“Sim, senhor”, replicou um de nós, mas a porta está trancada”.*

---

<sup>17</sup> William Haig-Brown (1823-1907) foi diretor de Charterhouse de 1863 a 1897, continuando lá como professor até sua morte em janeiro de 1907. Considerado um dos quatro grandes reformadores das escolas públicas da era vitoriana.

*Então o mestre afundou a mão em sua beca e disse: “De fato, mas aqui está a chave”.*

*Ele nos liberou jubilantes, e nosso ataque foi um pleno sucesso*<sup>18</sup>.

O Dr Haig-Brown não precisou de muito tempo em Charterhouse para perceber que, se a escola tinha que crescer e se expandir numa escala compatível com sua fundação e tradições, precisava partir das apertadas instalações na City<sup>19</sup> e fazer um recomeço no campo. Apesar de, a princípio, ter havido forte oposição das autoridades, ele conseguiu por fim persuadi-las a comprar um local em Godalming, e lá construir a escola que é atualmente conhecida como Charterhouse por milhares de garotos e “garotos de outrora”.

A decisão de mudança, de fato, já havia sido tomada em 1867, três anos antes de B-P ingressar na escola, mas demorou até 1872 para que ela realmente se completasse. Assim, durante todo o período escolar de B-P, agitações e transição estiveram no ar.

As seguintes palavras do Dr Haig-Brown mostram como até mesmo um menino muito jovem pode ajudar numa situação desta natureza. Falando de B-P, ele disse:

*Nas desafiantes circunstâncias desta movimentação, ele mostrou-se de grande valia. Demonstrou notável inteligência e liberdade de sentimentos – a maioria dos garotos tende a ter natureza conservadora – ajudando a atenuar as dificuldades envolvidas na mudança para um novo local, e tomando a si cada nova instituição escolar. Ele tinha a natureza de um líder inato dos garotos, como veio a tornar-se um líder de homens.*

Estas palavras foram ditas em 1900, quando o mundo estava vibrando com a história da defesa de Mafeking. Depois disso, o “líder de homens” voltou à sua antiga ocupação, de líder de garotos. O Dr Haig-

---

<sup>18</sup> B-P, *Memories of India*, p.16.

<sup>19</sup> Hipercentro de Londres, onde se localiza o centro financeiro da capital britânica.

Brown não viveu o suficiente para ver a realização da maior obra de seu discípulo, a criação do Movimento Escoteiro.

Um contemporâneo de B-P na velha Charterhouse dá dele o seguinte retrato:

*Nesta casa (grupo dos internos bolsistas) e nesta comunidade alegre, animada e bem organizada ingressou o futuro Escoteiro-Chefe, aos treze anos de idade, um rapaz de tamanho mediano, cabelo ruivo cacheado, muito sardento, com um par de olhos brilhantes que logo lhe granjeariam amizades. É possível que ele não morresse de amores pela sua nova vida no início, já que o funcionamento desse novo mundo ainda lhe era estranho; sem dúvida, ele teve a sua dose de safanões e pontapés imerecidos, mas demorou pouco para ele adaptar-se ao jeito de ser de seus colegas. Como valete<sup>20</sup> ele estava acima de qualquer elogio. Seu veterano, para quem ele tinha o dever de preparar torradas e tudo o mais para o desjejum e a ceia, frequentemente era servido com gentilezas extras, que temos todos os motivos para crer serem frutos daquele espírito Escoteiro que ele depois desenvolveria para um propósito ainda maior. Nesse tempo, ele podia ser visto em qualquer noite depois das seis horas, mais um em um grupo de garotos aquecidos diante da grande lareira da sala de redação, pelejando para manter seu garfo de torrar num bom lugar, trocando palavras farpadas com seus rivais e curtindo plenamente suas experiências na arte culinária, aprendendo truques que lhe seriam úteis mais tarde em muitas partes do mundo.*

*Ele estava sempre com bom ânimo, perfeitamente limpo e correto em tudo que fizesse. Sem nada de pedante, ele tacitamente desencorajava o uso de expressões de calão e o papo vulgar, e foi certamente uma boa influência em toda sua vida escolar. Ao mesmo tempo, ele sempre foi um pouco diferente dos outros garotos, que ele deixava intrigados e nunca tinham certeza se ele estava falando sério ou fazendo graça. De uma forma geral pode-se dizer que era popular, mas nunca pareceu ter feito alguma amizade muito próxima, e o prestígio que ele gradualmente adquiriu veio de seu bom humor, de sua capacidade de*

---

<sup>20</sup> Os alunos veteranos pegavam um calouro para servir de *fag* (valete), com o encargo de providenciar a boa apresentação do seu respectivo veterano. B-P foi valete de Edward H. Parry, como relata Tim Jeal.

*imitação e suas muitas palhaçadas excêntricas que faziam os garotos comuns considerarem-no dotado de uma admirável espécie de loucura.*

O progresso de B-P do início ao topo de sua vida na escola foi descrito como estável antes que brilhante. Nem sempre foi muito estável<sup>21</sup>. Seus registros continham observações tais como: “Clássicos: parece ter muito pouco interesse no trabalho”, ou “Matemática: para todos os fins, desistiu de estudar matemática”. Mas ele era o tipo de garoto inteligente, talentoso, de múltiplas capacidades cuja percepção exterior de sucesso na vida é tão enganadora quanto sua fácil ascensão em Charterhouse e em sua posterior carreira podem parecer. Nem “papiro<sup>22</sup>” nem fanático por jogos, ele era um bom trabalhador e jogador para qualquer situação, com tantos e tão variados espetos no braseiro que nunca lhe sobrava tempo ocioso. Ele jogava todo tipo de jogo que estivesse acontecendo, e se destacou no futebol<sup>23</sup>, conquistando seu lugar na equipe da escola no último ano. “Um bom goleiro, que se mantinha sempre calmo”, registrou a revista da escola de 1876. Ele pertenceu ao Corpo de Cadetes da escola e à equipe de tiro com fuzil, e relata-se que foi quem obteve o único impacto na “mosca” registrado no Torneio entre as Escolas Públicas, em Wimbledon, em 1874.

Como tantos outros rapazes, B-P se dava melhor em algumas matérias que em outras, mas ele conseguiu chegar ao 6º nível com relativa facilidade.

Ele confessou não ser muito chegado aos Clássicos e à Matemática, mas tipicamente obteve o melhor de uma coisa ruim. “Muitas coisas boas me atraíam quando eu estava no colégio”, escreveu ele depois. “De fato, penso que a maioria delas era atraente à sua própria maneira. Mas Grego

---

<sup>21</sup> Em *Lições da escola da vida*, B-P conta que não teve como cobrar de seu filho Peter uma melhora no desempenho escolar se tomasse por base seus registros de Charterhouse.

<sup>22</sup> Sujeito extremamente devotado ao estudo, devorador de “papiros”.

<sup>23</sup> Levava dois pares de chuteiras, trocando-os no intervalo do jogo. É que ele ganhara um de cada tia, e não queria desagradar a nenhuma delas por deixar de usar as chuteiras.

simplesmente não era uma delas. Eu odiava Grego. Sei que isso soa imoral, mas é inútil fazer qualquer fingimento sobre isso. Eu verdadeiramente detestava<sup>24</sup>. E isso continuou até o último período na escola, e então, bem tarde, é fato, mas antes tarde do que nunca, o Sr T. E. Page me deu um novo olhar sobre o idioma ao demonstrar as possibilidades dramáticas e belezas que se escondiam sob as entonações e acentos”.

Possibilidades dramáticas: aqui estava a linha bonançosa no meio das nuvens. B-P era um ator inato, e nas representações dramáticas na escola ele construiu uma reputação que nunca o deixou ao longo de sua carreira subsequente. Não apenas ele encontrava nisso imenso divertimento, como também em muitas situações difíceis foi capaz de auxiliar seus amigos por meio do exercício de suas habilidades dramáticas.

O Dr Haig-Brown recordava-se como em certa ocasião, numa apresentação na escola, um ator previsto não se apresentou. Os meninos estavam ficando impacientes, então o diretor voltou-se para B-P, sentado ali perto, e perguntou se ele podia fazer algo para “tampar o buraco”. Sem hesitar nem por um milésimo de segundo, o garoto se levantou, foi para o palco e começou a contar alguns episódios da vida escolar, provocando no auditório um estrondo incessante de gargalhadas com sua imitação de uma aula de Francês. Para sua sorte, o professor de Francês não estava presente.

Como palhaço, pianista, violinista, e especialmente ator cômico, B-P, ou Toalha de Banho (Bathing-Towel)<sup>25</sup>, como era conhecido na escola, estava constantemente atarefado. E quando ele tinha algum tempo disponível, ele o usava para aprender a assentar tijolos e misturar cimento com os pedreiros trabalhando na capela do colégio, e,

---

<sup>24</sup> Em *Lições da escola da vida*, ele diz: “Grego era grego para mim”.

<sup>25</sup> Trocadilho eufônico: Baden-Powell/Bathing-Towel. Nessas escolas, os alunos muitas vezes fundavam suas “sociedades secretas”. Tim Jeal relata que B-P pertenceu aos *Druids*, e seu “nome místico” era “Lord Bathing-Towel”.

incidentalmente, fazer amizade com os próprios trabalhadores e aprender alguma coisa sobre seus lares e vizinhanças.

Em 1878, ele chegou ao último ano do colégio e foi feito monitor, e a descrição que o diretor fez dos seus serviços nesta condição àquela época é simplesmente aquela que se poderia aplicar ao melhor tipo de Monitor de Patrulha de hoje:

*Ele cumpriu as obrigações de sua posição de responsabilidade com senso de justiça e fidelidade. Lealmente ligado às tradições da escola, ele usou sua inteligência para bem interpretá-las. Em sua atitude para com os rapazes mais novos, ele foi generoso, gentil e encorajador.*

Nem todos têm a sorte de nascer com tantos talentos, mas, por outro lado, os talentos não são lá de muita valia se, como o cavaleiro na parábola, você os mantiver enterrados<sup>26</sup>. B-P sempre procurou usar o máximo dos seus muitos e variados dons quando estava no colégio, e entre esses dons havia o de uma boa voz para cantar. Segue-se sua própria descrição, escrita alguns anos depois, de sua iniciação no coral:

*Quando pela primeira vez fui para minha escola pública, Charterhouse, o professor de música era o famoso John Hullah. Ele levou a nós, novatos, para a bela sala antiga, coberta de tapeçarias – a sala em que a Rainha Elizabeth frequentara – e lá ele testou nossas vozes. Cada menino, após examinado, era encaminhado para um ou outro canto da sala. Quando chegou a minha vez, ele me mandou para um terceiro canto, sozinho, e lá eu permaneci, solitário, até todos os garotos presentes terem sido examinados.*

*Depois descobriu-se que um dos grupos era dos que levavam jeito para cantores no coral, o outro grupo era dos que não tinham voz ou não tinham ouvido, enquanto eu – pobre de mim – fora considerado com boa voz de falsete. Como o Sr Hullah descobriu isso, já que então eu tinha apenas um agudo esganiçado, não sei; mas era bem verdade, pois fui enfiado no coral e nele permaneci por seis anos. Quando minha voz para falar “se definiu”, eu ainda era capaz de cantar, e ao final de meu tempo*

---

<sup>26</sup> Evangelho de Mateus, capítulo 25.

*no colégio eu podia pegar qualquer parte que fosse necessária, fosse soprano, contralto, tenor ou barítono.*

*Não digo que eu tivesse uma boa voz em qualquer delas, pois eu certamente não tinha, mas era satisfatória para o uso geral no canto coral. Bem, eu aproveitei muito mais do que se eu tivesse sido um solista – era como jogar futebol e qualquer outro jogo, numa equipe.*

*Um jovem que seja excepcionalmente bom em qualquer coisa, especialmente se for algo em que ele não precise se esforçar, fica muito propenso a tornar-se presunçoso. Este é especialmente o caso com cantores. A única cura para cabeça inchada (presunção) é um golpe duro e forte sobre a outra extremidade [pode ser interpretado ou como um pisão no pé ou como um pontapé no traseiro]. Mas quando um camarada atua em coral ele tem o gosto de pôr sua voz nisso, não para sua própria glorificação e aplauso, mas para honra da equipe. Isto significa cada garoto cantar da sua melhor forma possível ao modular sua voz para ficar em harmonia e proporção com os demais – em outras palavras, jogar na sua posição e jogar o jogo não para si próprio, mas para o seu time.*

*Mas até os corais podem tornar-se muito cheios de si se as pessoas os enaltecerem demais.*

*Portanto, eu sempre insistirei com cantores neste ponto: lembre-se que não foi você quem fez sua voz; assim, não lhe cabe ficar muito convencido por causa disso e cantar apenas para receber aplausos. O Criador emprestou-lhe a voz, e lembre-se que você pode tocar o coração de algum homem ou mulher completamente desconhecido. Por esse modo, você bem pode estar a transmitir-lhes uma mensagem de Deus. Então, quando cantar, cante com seu coração e com reverência.*

“Exploração” e artes mateiras eram, acima de todas as outras, as coisas que mais atraíam B-P desde seus primeiros dias no colégio. Ele reconheceu isso num artigo, *A escola do Bosque*, que escreveu para *The Greyfriar*<sup>27</sup> [revista do colégio] no quinquagésimo aniversário da mudança para Godalming:

---

<sup>27</sup> Literalmente, *O Frade Cinzento*, ou *O Cartuxo*. A “velha casa” de Charterhouse, em Smithfield, quando da fundação da escola por Thomas Sutton, em 1611, tinha sido um convento de frades cartuxos (Ordem

*Foi outro dia – não podem já ter passado cinquenta anos – que eu estava aprendendo a capturar coelhos no Bosque da nova Charterhouse, e a cozinhá-los, para evitar ser descoberto, no minúsculo fogo de um bosquímano. Também aprendi como usar um machado, como atravessar uma ravina por cima dum tronco de árvore caído, como mover-me silenciosamente pelo mato, de modo a tornar-me um camarada em lugar de um intruso entre os pássaros e animais que viviam ali. Eu sabia como esconder meus rastros, como subir numa árvore e permanecer imóvel lá em cima enquanto as autoridades passavam embaixo, esquecendo-se de que eram anthropoi, capazes de olhar para cima (ou seria, talvez, por serem homens de verdade que se impediam de olhar para cima, sabendo que se o fizessem descobririam alguém?). E os pássaros, os arminhos, os ratos-dos-lameiros que eu observava e conhecia.*

*Já faz cinquenta anos que eu fiz parte daquela alegre companhia designada para trazer as canoas de Oxford a Godalming? Cinquenta anos desde que o Sergeant-Major George Ford nos ensinou a proficiência no tiro que mais tarde ajudaria alguém a obter sua parcela de caça grossa mundo afora?*

*Estas coisas parecem ter ocorrido ontem. Críquete. Futebol. Atletismo. Sim, curti todas elas também; mas elas morreram faz tempo, são apenas uma lembrança parecida com o que aprendi nos bancos escolares. Foi no Bosque que eu adquiri a maioria dos saberes que me ajudaram posteriormente na vida a descobrir a alegria de viver<sup>28</sup>.*

Já houve muitas discussões e pronunciamentos sobre como, quando e onde *Scouting for boys* nasceu. Às vezes a cena é posta em Mafeking, outras no Exército de tempo de paz, outras num acampamento na ilha de Brownsea.

---

de São Bruno, fundada na França em 1084), lá instalado desde o século XIV. Daí os alunos da instituição serem apelidados *Carthusians* (cartuxos).

<sup>28</sup> Segundo informações obtidas na página de Charterhouse na internet, B-P conseguiu que fosse doada à escola uma peça de artilharia ligada ao Cerco de Mafeking: um canhão de 7 libras que estava com a Coluna de Socorro, que levantou o cerco em maio de 1900. Foi ele, também, quem custeou a instalação de um memorial dos *Old Carthusians* mortos na Guerra dos Bôeres ([www.charterhouse.org.uk](http://www.charterhouse.org.uk)).

Mas eu olharia mais para trás. Eu retornaria um século e espiaria no bosque da “nova” Charterhouse para ver o jovem Toalha de Banho pondo toda sua atenção e cuidado na montagem de sua fogueirinha.

### CAPÍTULO III

#### ÍNDIA

*Pegue o fardo do homem branco,  
Acabaram-se os dias de infância.*

*(Rudyard Kipling)*

Quando B-P se despediu de Charterhouse, a intenção era ir para Oxford<sup>29</sup>. Seu irmão George se havia destacado em Balliol, e foi uma decepção para ele ser declarado, após ser submetido a um breve exame pelo grande Dr Jowett, então diretor daquela escola, como “não estando à altura de Balliol”. Mas, de todo modo, houve uma interveniência destinada a mudar completamente o rumo de sua carreira.

Vendo o anúncio de um concurso público para comissões como oficial no Exército, B-P decidiu tentar a sorte nessa direção, não com grandes esperanças de passar na primeira tentativa, como ele mesmo contou. Para sua grande surpresa e de seus amigos, ele passou em segundo lugar para Cavalaria e em quarto lugar para Infantaria, entre mais de setecentos candidatos. Ou, como admitiu o Dr Haig-Brown: “por sua instrução escolar, e  *muito mais pela ajuda da presença de espírito de sua mãe*, ele conquistou lugar destacado na competição”.

Os candidatos aprovados eram incorporados em Sandhurst<sup>30</sup> para um curso de formação com a duração de dois anos, mas os primeiros seis classificados na lista foram dispensados desse treinamento preliminar<sup>31</sup>. Foi então que, mesmo tendo deixado a escola somente em junho, B-P

---

<sup>29</sup> Seu avaliador na prova de Matemática, e que o reprovou, foi o Prof Charles L. Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas*. B-P diz que o Prof Dodgson “descobriu aquilo que eu poderia simplesmente ter-lhe contado, que Matemática era um assunto sobre o qual eu sabia pouco ou nada (*Memories of India*, p.17)”.

<sup>30</sup> Academia Militar de Sandhurst, onde se formam os oficiais do Exército Britânico.

<sup>31</sup> Nesse tempo, como o Exército tinha uma grande carência de quadros para o serviço nas possessões imperiais, abriu-se esse tipo de recrutamento emergencial, no qual os oficiais seriam treinados no próprio local em que estivessem servindo – nosso conhecido *on-the-job training*.

recebeu sua comissão como oficial já em setembro daquele ano, ganhando assim dois anos de avanço sobre seus contemporâneos.

Foi uma mudança radical, da protegida vida numa escola pública para a de um Regimento de Cavalaria.

Até então, sua educação custara à família bem pouco, e apesar de ele estar ingressando numa profissão cara<sup>32</sup>, seu principal propósito agora era continuar a dar-lhes a menor despesa possível. Ele se determinou a viver somente com os seus vencimentos, algo geralmente considerado impossível na Cavalaria; mas os vencimentos eram melhores na Índia do que na Inglaterra, apesar de as despesas iniciais com fardamento serem maiores<sup>33</sup>. Então, foi uma sorte que ele tivesse sido designado para a Índia aos 19 anos de idade.

O 13º Regimento de Hussardos<sup>34</sup>, no qual foi lotado como Aspirante-a-oficial, era o mesmo que, como 13º de Dragões Ligeiros, formara o flanco direito da linha da Cavalaria que fizera a famosa Carga da Brigada Ligeira em Balaclava<sup>35</sup>. Quando B-P juntou-se ao Regimento,

---

<sup>32</sup> Fardamento e equipamento são custeados pelo próprio militar; no caso da Cavalaria, o equipamento do cavalo também. São vários uniformes para diversas situações. E não basta ter, é preciso ter sempre com boa apresentação.

<sup>33</sup> Provavelmente, deveria haver algum adicional pelo serviço no ultramar (não houve como verificar essa possibilidade); mas o serviço nas colônias era “mais barato” que na Metrópole, principalmente devido ao custeio de fardamento, moradia e alimentação. Na Inglaterra, B-P passaria muito aperto com seus vencimentos de Aspirante, Tenente e Capitão, mas na Índia podia até dar-se ao luxo de ter empregados domésticos.

<sup>34</sup> Hussardo: Cavalaria ligeira, destinada a missões de reconhecimento. Ao tempo de B-P, os hussardos usualmente se armavam com carabina, sabre e, segundo a situação o exigisse, lança. O 13º foi constituído em 1715. Entre as principais ações em que tomou parte estão a Campanha Peninsular de 1810, a batalha de Waterloo, a Guerra da Crimeia, a Guerra dos Bôeres e a Primeira Guerra Mundial. Em 1922, foi juntado ao 18º, tornando-se o 13º/18º Regimento Real de Hussardos. Na Segunda Guerra Mundial, combateu na Batalha da França (1940) e na Normandia (1944). Atuou na Irlanda do Norte, fez parte das forças da OTAN na Alemanha Ocidental, forneceu esquadrões para a Força de Paz das Nações Unidas em Chipre. Em dezembro de 1992, o regimento foi fundido com o 15º/19º Real de Hussardos, constituindo os Dragões Ligeiros (*Light Dragoons*). Atualmente, é o único Regimento de Cavalaria Ligeira do Reino Unido.

<sup>35</sup> Em 25 de outubro de 1854, durante a Guerra da Crimeia. A Carga da Brigada Ligeira foi um exemplo de manobra estúpida e desnecessária, devida principalmente a choque de egos e ordens mal dadas, na chamada Batalha de Balaclava. A Brigada executou uma carga atravessando um vale totalmente exposto ao fogo da artilharia russa. Tornou-se, devido à bravura demonstrada pelos seus executantes, mais

este estava instalado em Lucknow<sup>36</sup>, e tinha por comandante o Coronel John Miller, que logo seria substituído pelo Coronel Baker-Russell, sob cujo comando a unidade ganharia o apelido de “A dúzia de Baker<sup>37</sup>”.

O *SS Serapis* deixou Portsmouth rumo à Índia, via Queenstown, em 30 de outubro de 1876, com o jovem hussardo como passageiro. Ele enviou à mãe um completo e descritivo diário de sua vida a bordo, do qual cito alguns extratos:

*30 de outubro. D<sup>38</sup>. e eu percorremos o Pandemônio<sup>39</sup> (nome usado para referir-se ao alojamento dos oficiais subalternos) a noite passada, por volta de meia-noite, balançando todos os colegas nas redes para fazê-los enjoar.*

*2 de novembro. Pouca diversão a bordo – percebemos isso intensamente quando corremos para terra ontem na lancha do navio. (...) Falam sobre arranjar apresentações teatrais a bordo, então vou me candidatar para tomar parte nisso.*

*3 de novembro. Partimos de Queenstown. Todos os moradores vieram para se despedir de nós. Até os telhados das casas estavam cheios de gente, e as janelas, cheias de mãos agitando lenços.*

---

famosa que a Carga da Brigada Pesada e a defesa dos redutos pelos infantes turcos e escoceses (93<sup>o</sup> Highlanders), estas bem-sucedidas e que realmente decidiram a sorte do combate desse dia contra os russos.

<sup>36</sup> As unidades do Exército Britânico, ao tempo do Império, faziam rodízio em suas localidades de parada; o 13<sup>o</sup> Regimento de Hussardos passaria alguns anos na Índia, depois passaria uma temporada na Metrópole, depois poderia ir para a África do Sul ou para a África Oriental...

<sup>37</sup> De novo, trocadilho de difícil tradução. “Baker”, em inglês, é “padeiro”, então “a dúzia de Baker (sobrenome)” faz jogo com “a dúzia do padeiro”, ou “a dúzia de pães”.

<sup>38</sup> Tommy Dimond, incorporado junto com B-P e companheiro muito próximo até morrer vitimado pela cólera-morbo, na Índia, alguns anos depois.

<sup>39</sup> Em *Memories of India* (p.17), B-P relata que o alojamento dos oficiais subalternos era uma espécie de caverna abaixo da linha-d’água, acompanhando a quilha e perto do hélice e do leme; fora apelidado “Pandemônio” por ser um lugar “profundamente lá embaixo”, escuro e, devido à carência de ventilação, abafado e quente. Seus ocupantes distribuíam-se em grupos de quatro em pequenos compartimentos. Os ocupantes do “Pandemônio” faziam incursões para inquietar os felizardos que se alojavam nas cabines, alguns níveis acima.

*4 de novembro. Encontramo-nos no Golfo de Biscaia<sup>40</sup>. Tive de dar serviço de guarda do meio-dia às quatro da tarde, e novamente da meia-noite às quatro da manhã, com dois outros oficiais e uma guarnição de sessenta homens. Tínhamos de visitar todos os postos de sentinela do navio a cada hora.*

*6 de novembro. Vimos alguns golfinhos e um tubarão bem perto, brincando por perto do hélice do navio. Nessa noite, vimos um farol ao largo da costa portuguesa.*

*8 de novembro. Fui o primeiro a enxergar um espanhol. Às 10: 30 passamos por Gibraltar. Consegui fazer três pequenos esboços a lápis, mas como passamos a toda a velocidade, eles ficaram muito pouco acabados.*

*12 de novembro. Acordo às sete, enfio-me num capote e num par de chinelos, corro para o banheiro e espero pela minha vez de tomar banho. Mais ou menos aos quinze para as oito, estou vestido e pronto, e passo por aula de hindustani até as oito e meia. Então tomo o desjejum: café, ovos, torradas, carne fria, costeletas de carneiro, peixe, etc. às dez e meia, há formatura e entro em forma com minha Companhia, composta de homens do 68º Regimento. Das onze ao meio-dia, sento-me no convés assistindo à banda. Ao meio-dia e meia, almoço, pão, queijo, salada e cerveja. Da uma às quatro, jogos: malha (argolas), esgrima com bastão, boxe, etc. Às quatro, pôr o uniforme para o jantar, que é às quatro e meia. Às seis, trocar de novo para o uniforme formal e ir ouvir os cantores negros se apresentarem. Às oito, temos chá, pão com manteiga e geleia. Das oito e meia às dez e meia, vou para o salão do convés conversar com as senhoras, e depois vou para a cama.*

*13 de novembro. Malta. Chegamos ontem. Fui a terra com alguns outros colegas, fomos ao Palácio do Governador e assistimos a uma revista, e visitamos o mosteiro dos Capuchinhos... Malta é um belo lugar.*

---

<sup>40</sup> Ainda em *Memories of India* (p.18), B-P conta que a passagem pelo Golfo de Biscaia foi marcada por uma tempestade. Diz ele que, como estava costumado com as viagens veleiras com os irmãos, não sentiu problema nenhum com o jogo do navio no mar agitado. Ele se instalou numa poltrona entre o mastro e uma mesa no salão, lendo um livro. Num momento em que o navio foi atingido por uma onda mais forte e muitos passageiros tomaram um susto maior, ele acalmou uma passageira cedendo-lhe o livro e a poltrona; não conseguiu achar outro lugar igualmente confortável nem recuperar o livro, pois pelo resto da viagem a tal passageira evitou-o, por ter testemunhado um momento em que ela exibira fraqueza.

*17 de novembro. Já ouviu falar das águas azuis do Mediterrâneo? Se não acredita, venha para cá e verá um azul inconfundível. Um pintarroxo e uma alvéola (lavandisca) estavam a bordo, quer dizer, voando por aí e pousando no cordame. Vieram conosco de Malta. Não sei onde conseguem o que comer. Falando em pássaros, diga a G. para registrar este fato em seu caderno, quando partimos de Portsmouth dois pardais nos acompanharam até Land's End<sup>41</sup>, onde se separaram de nós. Quando deixamos Queenstown, um pintarroxo, uma cotovia e um estorninho nos acompanharam. O estorninho voltou logo, mas o pintarroxo e a cotovia continuaram conosco até perdermos vista de terra, mas não voltamos a vê-los pela manhã.*

*Durante esta tarde, montou-se um palco na popa do navio, construído com perfeição, um pequeno teatro com luzes de palco, cortina de suspender, entradas e passagens feitas com lonas e bandeiras. À noite tivemos uma apresentação. Eu recitei o prólogo, que fora escrito pelo Comandante do navio, então veio Whitebait at Greenwich, depois The Area Belle, na qual fiz o papel de Pitcher... O Comandante disse que estava muito satisfeito, e pediu para ficar com o cartaz que eu havia pintado.*

*18 de novembro. Chegamos a Port Said<sup>42</sup>. (...) Era bem esquisito ver os homens colocando carvão no navio à noite, com grandes braseiros de carvão servindo de lâmpadas. Não havia nada para fazer em terra firme, por isso não houve tristeza nenhuma quando navegamos para dentro do Canal de Suez. Mas é uma paisagem triste, com barrancas baixas de lama, atrás das quais de um lado há um deserto de areia, e do outro uma laguna alongando-se para o horizonte... Gostaria que você estivesse aqui, o clima está ótimo, nem uma nuvem no céu e não faz tanto calor. Durante toda a manhã passamos por bandos e bandos de milhões de flamingos. Aos poucos, o Canal foi ficando bem mais estreito, de fato agora há apenas uns três metros de cada lado entre o navio e as*

---

<sup>41</sup> Extremo sudoeste da Inglaterra.

<sup>42</sup> Em *Memories of India* (p.19), B-P retrata Port Said como “um dos lugares mais desgraçados, fedorentos, imundos, pitorescos e cheios de areia”. E na passagem pelo Mar Vermelho, conta que tiveram uns três dias de calor tão intenso que umas cinco crianças a bordo morreram e que um dos cozinheiros enlouqueceu, pulou pela borda do navio e nunca mais foi visto.

*margens, em consequência encalhamos umas duas ou três vezes. Às três da tarde, passamos por Ismailia. (...) Após o jantar, descemos a terra, rumo ao deserto em um barco estreito que nos seguiu por alguma forma. Alguns colegas brincaram de Hi Cockalorum<sup>43</sup>; outros, entre os quais eu, puseram fogo nas moitas que crescem na areia pouco distanciadas; então, um de nós começou a tocar um grande apito de nevoeiro pertencente ao navio e levou a nós outros a uma correria pelo deserto. O fogo marcava nosso ponto de reunião. Outros foram banhar-se no Canal. Outros foram tentar a sorte na pescaria de tainhas, das quais víamos alguns cardumes.*

*20 de novembro. Nesta manhã, quando cheguei ao convés, já estávamos sob medida e atravessamos o Grande Lago Salgado. Esperamos alcançar Suez por volta da uma da tarde. O tempo está bonito, mas o vento dá uma esfriada. Ainda não precisei mudar meu tipo de roupa de baixo, e ainda uso um colete por baixo do uniforme, e fico feliz por sentar-me ao sol. Mas depois do meio-dia todo mundo se enfia debaixo do toldo. De Suez, seguiremos direto para Bombaim, onde esperamos chegar em 6 de dezembro.*

*6 de dezembro. Chegamos a Bombaim às sete e meia.*

Citei os extratos acima de suas cartas para casa, porque eles mostram alguma coisa dos gostos, *hobbies* e talentos do seu autor de 19 anos de idade, muitos dos quais ele conservou até o fim da vida. O interesse em pássaros e animais, a habilidade com caneta e lápis, o gosto pela representação e pelos trotes inócuos, e o interesse pelo trabalho, tudo isso é mostrado, assim como um sincero interesse em pessoas, lugares e coisas.

---

<sup>43</sup> Parecido com pular-sela, mas com os participantes de uma equipe formando uma longa “serpente”, sobre cujas costas os da outra equipe vão passando, pelo impulso dos braços, sem poder tocar o chão com os pés, até acumularem-se uns sobre os outros e a equipe “cavalgada” ceder ao peso. Após a Segunda Guerra Mundial, essa brincadeira foi proibida nas escolas da Grã-Bretanha, pelo seu alto risco de acidentes. B-P, no *Caminho para o sucesso* (p. 69-70), conta de outra brincadeira favorita, os “irmãos saltadores do Bósforo”: executar um salto por cima de uma mesa (como o “salto sobre o cavalo” olímpico), fazendo uma cambalhota, e aterrissar sobre uma pilha de móveis que, ao gosto do freguês, poderiam estar com as pernas para cima.

A vida de B-P durante esses primeiros tempos na Índia, onde passou os anos de 1876 a 1883, com um intervalo de licença, é descrita por ele mesmo em seu encantador livro *Indian memories*, publicado em 1915 e copiosamente ilustrado pelo autor, em contornos e em cores.

Das cartas escritas a partir de 1876 e desse livro escrito quase quatro décadas depois, podemos considerar aqueles dias indianos como tendo sido muito felizes, cheios de trabalho, diversão e esporte, de boa camaradagem e segura progressão na experiência militar.

No fim de seu primeiro mês em Lucknow<sup>44</sup>, ele escreveu à mãe:

*Meu dia é bastante ocupado. Às sete e meia, meu carregador me acorda e meu kitmutgar (servo) traz chota hazaree, que é um prato com torradas amanteigadas e uma xícara de chá. Então, eles saúdam e se retiram, após o que eu tomo um banho; quando saio do banheiro, vestindo apenas as calças, o velho carregador que fica esperando junto à porta do quarto coloca o colete pela minha cabeça e continua a vestir-me; feito isso, monto meu cavalo e, acompanhado pelo meu syce (cavaliariço), sigo para a escola de equitação, lugar cercado por quatro paredes de barro com mais ou menos quatro pés de altura, onde cavalgamos das oito às dez. Às dez, seguimos para o refeitório (Mess), onde temos o mesmo tipo de desjejum que vocês têm aí, com a diferença de ter meu próprio kitmutgar agindo como garçom para mim. Então, retorno ao meu bangalô (uns 200 m do Mess) e visto o uniforme com casaca. Às 11:30, saio novamente em meu cavalo para os estábulos do meu Pelotão (Pelotão B). Percorro as instalações até 12:45, verificando se os cavalos estão sendo adequadamente tratados. À uma, vou para o bangalô do pelotão e verifico se as camas, o vestuário, etc., estão limpos e arrumados. Daí vou sentar-me do lado de fora do Posto de Comando com os outros oficiais, para o caso de o Coronel querer falar comigo. Às duas da tarde, volto para o Mess, para almoçar ou, como chamamos, tiffin, depois disso retorno ao meu bangalô, visto jaqueta de montar e a espada, e às três vou para a área do aquartelamento, onde tenho treinamento com espada e carabina*

---

<sup>44</sup> Ao chegar a Lucknow, ele e os companheiros constataram que a cidade ainda tinha muitas marcas da destruição ocorrida durante a Revolta dos Sipaiois de 1857.

*até às quatro e meia. Nesse horário, volto ao meu bangalô e mudo de roupa para o jantar, que é às sete e meia. Às dez, retorno para meu sofá.*

O jovem soldado logo adaptou-se a esse novo estilo de vida<sup>45</sup>, e suas cartas para casa pelos próximos dois anos abundam em descrições juvenis de seu trabalho e diversões, de seus sucessos e acidentes, de cavalos de montaria comprados e vendidos (cada um aparentemente mais maravilhoso que o anterior), de festas no Palácio do Governo, onde seu sucesso como cantor e ator tornaram-no um convidado bem-vindo, de seus progressos na escola de equitação e nas formaturas, de seus colegas, suas roupas, o que estava ao seu redor e suas despesas (sua contabilidade mensal era regularmente enviada para casa, para conferência); e onde faltassem as palavras (por exemplo, para descrever alguma vestimenta notavelmente elegante ou um maravilhoso trecho de paisagem), ele recorreria ao seu lápis.

O encargo de muitas cartas de um jovem para casa, em circunstâncias similares, seria “Mande-me mais dinheiro”. Com B-P, era “Mande-me mais canções cômicas”. Seu apetite por manuais táticos e por canções era insaciável, e sua família deve ter tido um trabalhão para mantê-lo suprido. Cada carta trazia o mesmo refrão: “E quanto àquelas canções? Estou louco para recebê-las”.

Lendo as entrelinhas de algumas de suas cartas, podemos perceber que luta deve ter sido viver tão simplesmente como ele o fez e ainda assim manter sua popularidade com tantos companheiros mais abonados. Nem todo subalterno recém-incorporado ousaria fazer-se tão fora do comum nas formas que B-P adotou. Mas ele se fez popular desde o início, e assim podia sustentar sua independência.

“Não sei se já lhes contei”, escreveu ele um ou dois meses após juntar-se ao regimento, “que já larguei de fumar. Isso economiza um bocado nas contas do fim do mês”.

---

<sup>45</sup> E. E. Reynolds, em *Our Founder*, diz que o sargento que fora instrutor de equitação de B-P relatou: “Quando em formatura/serviço, ele estava na formatura/serviço; fora dessa situação, ele estava sempre disposto a qualquer tipo de diabrura”.

E novamente:

*No jantar bebo muito pouco, apenas uma garrafa de soda com um copo de sherry diluído nela. Muita gente toma grandes taças de prata de clarete e outras bebidas, mas eu me sinto muito mais saudável após beber pouco, apesar de ter sede suficiente para beber uma dúzia de copos cheios – e vocês podem imaginar a diferença que isso faz nos gastos no fim das contas. Mantenho minhas contas do Mess bem baixas, por beber pouco e por não pegar extras, na forma de frutas e outros produtos. Então, permanecendo no Mess pelo tempo possível durante o dia, não preciso empregar punkah coolies<sup>46</sup> em meu bangalô, o que é uma economia de mais de vinte rupias por mês.*

Quanto ao verdadeiro trabalho de comandar homens, ele se adaptou a isso como um pato à água, como se percebe desta pequena anedota sobre sua primeira inspeção. Era regra nesse tempo (quase um século atrás<sup>47</sup>) que todo homem devia vestir, ao redor da cintura, um pedaço grosso de flanela conhecido como “cinturão de cólera<sup>48</sup>”, e muitos e variados eram os esforços para se livrar de usar esse quente, pinicante e compreensivelmente impopular acessório ao vestuário. Em tais inspeções, os soldados eram dispostos em duas fileiras; após haver inspecionado a fileira de trás, tendo visto cada homem abrir sua camisa para expor seu “cinturão de cólera”, B-P moveu-se para verificar a fileira da frente. Ao fazer isso, ele notou (“pelo olho na nuca”) que um dos homens passou da fileira da frente para a já inspecionada fileira de trás – e aconteceu de ser o único cujo nome ele já sabia. B-P completou sua verificação da fileira da frente, e depois disse calma e animadamente: “Agora, Hardcastle, todos nós gostaríamos de ver a cor do seu cinturão.

---

<sup>46</sup> *Coolie* era o serviço para trabalhos não especializados: carregar bagagens, conduzir carretinhas, riquixás ou liteiras, e outros; o *punkah coolie* manobrava o *punkah*, abanador/ventilador geralmente feito com largas folhas de palmeira.

<sup>47</sup> Falando em 1975.

<sup>48</sup> Acreditava-se que servia como preventivo contra o cólera-morbo, que hoje se sabe ser causado por uma bactéria (*Vibrio cholerae*) e contraído principalmente por água ou alimento contaminados.

Saia de forma”. O soldado, no aperto, deu um passo à frente e revelou o fato de que estava sem o cinturão e, em meio ao riso de seus camaradas, recebeu a punição de usar dois cinturões até segunda ordem.

Caminhando para o final de seu segundo ano na Índia, o clima, o duro trabalho necessário para colocar a unidade em dia para o exame de instrução da guarnição em vias de acontecer, as várias demandas de sua vida social, sua forma espartana de viver, tudo isso junto veio cobrar sua conta. Mas quando, a despeito de um ataque de febre, ele foi examinado em junho de 1878, passou na Primeira Classe, com um “crédito especial” por levantamento topográfico, o único dado na Índia naquele ano; e, em consequência, seu comissionamento como Primeiro-Tenente foi adiantado em dois anos. Mas sua saúde não estava como deveria estar e, por recomendação médica, ele solicitou ser submetido a uma junta de inspeção de saúde, que o considerou um bocado doente e necessitando receber uma licença para tratamento de saúde na Inglaterra.

## **CAPÍTULO IV**

### **ÍNDIA NOVAMENTE**

*Uma hora lotada de vida gloriosa  
Vale mais que toda uma era sem um nome reconhecido.*

*(Thomas Osbert Mordaunt)*

Dezoito meses na Inglaterra (durante os quais ele fez o curso de Instrutor de Tiro de Armas Longas em Hythe, passando em Primeira Classe com certificação extra) trouxeram Baden-Powell à completa recuperação de sua saúde, e no final de 1880 ele estava encantado por poder partir no *Serapis* para juntar-se novamente ao seu regimento na Índia. Ele havia recobrado sua animação:

*3 de outubro. Acordei às cinco da manhã e toquei a ocarina acompanhando o banjo de Schreiber e a gaita de Burns (meus colegas de cabine) até acordarmos todo mundo. (...) Eu daria tudo para termos uns vinte desses instrumentos barulhentos a bordo, o meu criou uma sensação muito agradável.*

Esses eram os famosos dias da Fronteira Noroeste da Índia (sobre os quais se pode ler, por exemplo, no maravilhoso livro *Kim*, de Rudyard Kipling, e que eventualmente pode dar uma vívida ideia do tipo de lugar que era a Índia quando B-P servia lá como militar<sup>49</sup>). Logo após a fronteira ficava o Afeganistão; como a Grã-Bretanha tinha muitas suspeitas sobre as intenções da Rússia lá, e acreditava que a Rússia tinha planos para a Índia, ela também considerou essencial manter o Afeganistão livre da influência russa<sup>50</sup> e, de fato, sob a sua. Havia muita agitação e intriga, e, em 1880, alguns chefes afegãos que não gostavam da interferência

---

<sup>49</sup> Era a época do chamado “Grande Jogo”, a disputa entre Grã-Bretanha e Rússia pela influência e pelo poder geopolítico na Ásia Central. O romance *Kim* e o conto *O homem que queria ser rei*, de Kipling, foram também ambientados nessa época (o conto deu origem a um excelente filme de 1975, dirigido por John Huston e estrelado por Sean Connery, Michael Caine e Christopher Plummer).

<sup>50</sup> Um século depois, a União Soviética invadiu o Afeganistão (em 1979), e lá manteve tropas por 10 anos, as quais enfrentaram as constantes incursões dos guerrilheiros afegãos.

britânica em seus assuntos reuniram seus guerreiros, proclamaram a *jihad*, ou guerra santa, contra os britânicos e em 27 de julho desbarataram um exército britânico que se admitiu ser numericamente inferior<sup>51</sup>.

O General-de-Divisão Sir Frederick Roberts, VC<sup>52</sup>, que estava em Kabul, rapidamente congregou uma grande força militar, e, por meio de uma notável e famosa marcha de 313 milhas em vinte dias passando por cadeias montanhosas e trechos extensos de deserto, chegou a Kandahar e derrotou os afegãos. Foi para Kandahar que o regimento de B-P, sob o comando de Sir Baker-Russell, fora designado, e lá B-P em breve reuniu-se a ele. Em 2 de janeiro de 1881, B-P relatou:

*Fui para Maiwand com o esquadrão de reconhecimento na semana passada. O Coronel St. John, o General Nicholson e alguns outros figurões foram conosco; foi uma divertida saída de três dias, e eu não a quereria perder por nada neste mundo. O campo de batalha estava muito semelhante à condição em que foi deixado, algum amontoado de cavalos mortos, linhas de estojos de munição, rastros de rodas e de cascos bem nítidos, homens mortos empilhados (boa parte deles fora sepultada apressadamente e depois desenterrada por cães), roupas e acessórios espalhados pelo terreno. Eu trouxe comigo um projétil de obuseiro, o casco de um cavalo da Real Artilharia a Cavalos (RHA), um pedaço ensanguentado de cinto e uma folha de um livro de bolso de Sir Garnet Wolseley. Daí eu tinha de fazer dois mapas do campo de batalha, para o General Wilkinson e para o Comandante-em-Chefe, e o Coronel me solicitou fazer um para ele também, para remeter a Sir Garnet Wolseley<sup>53</sup>.*

Os mapas em questão provavelmente tiveram muito a ver com o sucesso posterior na carreira militar de B-P, pois foram postos a circular

---

<sup>51</sup> Batalha de Maiwand. Os afegãos eram dez para um em relação aos britânicos.

<sup>52</sup> *Victoria Cross*, mais alta condecoração militar britânica por ação em combate, em presença do inimigo.

<sup>53</sup> Famoso pela supressão dos levantes ashanti, nessa época Sir Garnet Wolseley (1833-1921) era o Diretor de Intendência do Exército. À época da Guerra Anglo-Bôer (1899-1902), era o Comandante-em-Chefe do Exército.

entre muitas altas autoridades para serem usados no processo de corte marcial sobre os oficiais envolvidos na derrota em Maiwand.

Um incidente divertido conexo a esses mapas aparece numa carta para casa, datada de 3 de abril, a respeito de apresentações teatrais:

*A noite passada, eu tive de usar um boné em uma peça única, então eu tinha um velho mapa do campo de batalha de Maiwand que eu fizera há algum tempo, e mandei-o ao alfaiate para que o usasse como armação para o boné. Mais tarde, ele me contou que havia onze sargentos e outras pessoas querendo emprestado o boné quando eu acabasse de usá-lo. Qual você acha que era o motivo? Copiar o mapa da batalha para enviá-lo aos amigos em casa.*

Eram dias felizes e cheios de aventuras. Como B-P escreveu:

*De fato, não faltava ocupação. Num dia estávamos caçando os bandos de ladrões em um passo adjacente, apenas para descobrir que “os pilantras tinham partido”, como eu o expressara, então eu fiz um mapa do passo para Sir Baker. Noutra dia, eu seria enviado numa missão de reconhecimento com um pelotão; ou aproveitaria para fazer um piquenique como se a guerra fosse algo muito distante; um terceiro me acharia encarregado de um piquete de prontidão, o que significava ficar o dia inteiro equipado e com meu cavalo arreado, eu e meu pelotão, prontos para entrar em forma e partir com dois minutos do alarme. Então, ao pôr-do-sol nós nos afastávamos cerca de uma milha do campo, postando vedetas (sentinelas montadas) e enviando patrulhas a cada hora, por toda a noite, para averiguar as redondezas. Podíamos ter duas barracas conosco, mas tínhamos de nos manter equipados e com os cavalos arreados, sempre prontos para sair. Ao alvorecer, devíamos sair para examinar um posto umas cinco milhas distante, e então retornar ao acampamento. Às vezes fazia tanto frio à noite que, em lugar de montar a tenda, nossos homens preferiam enrolar-se nela sobre o solo. Eles tinham de vestir gorros balaclava (gorros tricotados que descem para cobrir totalmente a cabeça e o pescoço, com aberturas para os olhos). Tivemos êxito em adquirir muita experiência, já que estávamos constantemente esperando ataques, e as longas noites frias no serviço dos postos serviram para nos dar plena rusticidade.*

Pouco depois da chegada, foi promovido um concerto regimental, durante o qual houve agitação no fundo do salão onde os homens estavam sentados. Um General caminhou para dentro, seguindo pelo corredor central, dizendo em alta voz aos homens para se sentarem quando eles, vendo tão ilustre visitante, naturalmente se levantavam.

O Coronel Baker-Russell, sentado na primeira fileira, ouvindo a bulha toda, levantou-se e avançou para recepcionar esse convidado inesperado e conduzi-lo a um assento.

Mas o sujeito mostrava-se animoso por entrar na diversão e sugeriu, para grande surpresa do Coronel, que estava pronto para ir ao palco e oferecer a todos uma canção. Essa oferta foi acolhida por todos com grande aplauso, e ainda assim demorou até o visitante passar da metade da canção do “Major-General<sup>54</sup>” de *The Pirates of Penzance* para o Coronel perceber que tinha sido logrado, e que seu “visitante” não era outro senão seu jovem subalterno Baden-Powell, que, sabendo que seu Comandante ainda não havia sido apresentado a certo General em Kandahar, obteve de um ajudante-de-ordens camarada o empréstimo da farda do General. O Coronel levou a coisa na esportiva e nunca se esqueceu do episódio.

Foi em Kandahar que Baden-Powell fez um exercício de rastreamento que lhe valeu louvor de seu Oficial Comandante e provavelmente teve algo a ver com sua promoção precoce. Certa noite, houve uma impressionante tempestade, com um vendaval, os cavalos se apavoraram e fugiram, correndo com suas sogas e estacas presas a elas, e levou horas até que fossem novamente reunidos e acalmados. Todos foram recapturados, exceto um, o que era montado pelo *Regimental Sergeant-Major*, um dos melhores do regimento. B-P determinou-se a achar esse cavalo, e saiu sozinho em seu cavalo de batalha, *Dick*, para

---

<sup>54</sup> Major-General: equivalente a General-de-Divisão no Exército Brasileiro; abaixo desse posto, vem o Brigadier-General (General-de-Brigada); acima, vêm Lieutenant-General (Tenente-General), sem equivalente no Exército Brasileiro (seria o comandante de um Corpo de Exército, que congrega duas ou mais Divisões), e General, equivalente no Brasil a General-de-Exército.

procurar pelas marcas dos cascos. Após alguma procura, ele encontrou os rastros de um cavalo que galopou para longe do acampamento. Seguindo a pista por duas ou três milhas, descobriu que ela conduzia às montanhas, em terreno tão íngreme que ele teria de seguir a pé. Por sorte, *Dick* tinha sido treinado por seu dono para permanecer parado, não importando por quanto tempo, até receber novo comando, então ele podia ser deixado lá embaixo sem risco. B-P subiu à montanha, seguindo a pista, até que finalmente ele foi recompensado com a visão de um cavalo recortando sua silhueta contra o céu, bem no topo da elevação, e lá, após uma penosa escalada, ele encontrou o animal faltante, trêmulo de frio e com um corte feio feito pela estaca da soga, que ainda conduzia consigo. Foi grande a alegria no acampamento quando a triunfante procissão retornou, e, daquele dia em diante, B-P era definitivamente um homem conhecido<sup>55</sup>.

A próxima mudança do regimento<sup>56</sup> foi para Quetta, e foi nessa marcha que B-P teve o azar de ferir-se na perna com um disparo acidental de seu revólver, durante uma incursão noturna no Passo Kojak, tendo que fazer o restante da jornada num *dhoolie*, ou maca coberta.

Ao chegar a Quetta, ele teve de permanecer de cama por algumas semanas e de suportar dor e desconforto consideráveis enquanto os médicos, em suas palavras, “fizeram um pouco de trabalho de jardinagem” no seu pé para encontrar e extrair a bala<sup>57</sup>.

Ele passou esses dias desenhando, tomando lições de hindustani, estudando francês e persa para possível uso futuro, e planejando concertos e entretenimentos teatrais para os próximos meses. Ele tinha

---

<sup>55</sup> Outro caso, este relatado por Marguerite de Beaumont em *The Wolf that never sleeps*, foi o de uma missão de reconhecimento em que B-P foi com um guia nativo. Deixou-o cuidando dos cavalos, disfarçou-se em velho mendigo cego, encheu a boca de pedrinhas para não ser denunciado pela voz nem pela dicção, e foi para o acampamento rebelde, coletou as informações que queria e evadiu-se. No retorno, descobriu que o seu acompanhante, julgando que B-P tivesse sido descoberto e morto, retornara à base. B-P fez a viagem de volta a pé.

<sup>56</sup> O 13º de Hussardos não chegou a ser empenhado em combate nessa época, na Fronteira Noroeste.

<sup>57</sup> As sequelas desse ferimento acompanharão B-P pelo resto da vida.

um olho de águia para o que se produzia na Metrópole nessa direção. “Procure a primeira edição que sair da nova ópera de Gilbert e Sullivan e remeta para mim com esboços do vestuário e demais adereços”, foi a ordem que deu numa carta para casa, precursora da produção que, pouco tempo depois, seria um dos mais bem-sucedidos eventos da história do regimento.

Quetta era um lugar insalubre, e havia muita ocorrência de doenças entre os oficiais e praças. B-P descobriu que um ótimo preventivo contra doenças era dar aos homens farta ocupação e diversão no seu tempo livre<sup>58</sup>, e com isso em mente ele e seus companheiros oficiais estavam continuamente organizando gincanas, concertos e apresentações teatrais.

Agora ele era instrutor de tiro de fuzil do regimento, o que lhe trouxe um bocado de trabalho extra, e, o que era importantíssimo para ele, um pequeno adicional nos vencimentos.

Depois de Quetta, veio uma marcha de seis semanas, percorrendo 900 milhas até Muttra, junto ao rio Jumna. Aqui, ele e seus colegas oficiais tornaram-se apaixonadamente interessados em dois esportes indianos: polo e o que era chamado “espetar o porco”, que em verdade era a caça ao javali selvagem.

Deve-se lembrar que naqueles tempos, quase cem anos atrás, a Cavalaria era uma Arma essencial para o Exército, e os cavalarianos tinham de ser excelentes ginetes. Mas esses esportes ajudavam a prover o treino necessário para quem pudesse sustentar sua prática. O javali está entre os mais selvagens animais da selva – o verdadeiro Rei da Selva,

---

<sup>58</sup> “Mente ociosa, oficina do diabo”, é o velho ditado; os homens, deixados ociosos ou com tarefas inúteis, tenderiam a tornar-se indolentes e negligentes até com as condutas de preservação da própria saúde física. A falta de alguma coisa útil ou interessante em que se ocupar é terreno fértil também para a modalidade de depressão conhecida como “banzo”.

segundo alguns – e caçá-lo montado a cavalo, com lança, exigia imensa coragem e habilidade<sup>59</sup>.

B-P, a quem não faltavam coragem e habilidade de montaria, adotou a caça ao javali com tanto entusiasmo e sucesso que, em 1884, foi capaz de escrever o livro de referência sobre o assunto, e ganhou o mais cobiçado prêmio nesse esporte, a Taça Kadir. Ele relata o caso numa carta para casa:

*Sim, ganhei a Taça Kadir, algo acima de qualquer das minhas esperanças, de fato mal consigo acreditar. Havia 54 cavalos concorrendo a ela, divididos em equipes de quatro, e cada uma das equipes tinha um árbitro para acompanhá-la. Ele levava sua equipe para a selva e, quando via um javali, ele determinava aos quatro que fossem a ele; eles iam, e o homem que primeiro o lanceasse venceria a disputa. Bem, havia quatorze equipes na primeira rodada de disputas e eu estava em três equipes diferentes, com três cavalos, e ganhei todas elas. Então, todos os vencedores da primeira rodada foram novamente divididos em equipes de quatro, em três das quais eu tinha um cavalo. Os quatro vencedores desta rodada é que iriam competir pela Taça. Squeers foi o cavalo com que competi a primeira rodada. Fui o primeiro a chegar ao porco, lanceei e perdi o lance, pois a lança pegou em alguns capins e foi torcida para fora de minha mão – e o próximo camarada veio e espetou o porco. Perdi aquela partida, mas ganhei minhas duas outras com Patience e Hagarene. Então, dos quatro cavalos competindo pela Taça, eu era proprietário de dois. Bom, como não posso cavalgar dois ao mesmo tempo, McDougall cavalgou Patience e eu, Hagarene. Quão excitante! Vinte elefantes com plateia, companheiros trepados em árvores, outros cavalgando conosco para ver a diversão. Lá se vai um javali dos grandes. “Cavalquem”, e lá vamos nós. Hagarene logo distancia-se dos demais. O javali corre a embrenhar-se na vegetação fechada, mas estou bem perto dele e consigo vê-lo aqui e ali. Grandes touceiras de capim, de seis pés de altura, com o javali correndo através delas, vinte jardas de terreno aberto, depois entrando de novo num trecho de mato ainda mais denso*

---

<sup>59</sup> Em *Lições da escola da vida*, em *Memories of India* e em *Adventures and acidentes*, B-P conta casos de suas caçadas ao javali: quando acabou uma caçada de javali a pé, recebendo-o na ponta da lança, quando quebrou uma lança no corpo de um javali...

*que o anterior. De repente, um estrondo, e caímos – não, mas quase. Uma das touceiras de capim tinha escondido em seu interior um pilar de terra endurecida, e minha égua atingiu-o com o peito. Agora, então, estamos bem próximos dele – lança pronta –, agora prontos para alcançá-lo, quando uma espécie de sebe verde brilhante aparece à nossa frente, com o porco atravessando-a. Hagarene pula por cima dela e lá, oito pés abaixo, há uma poça d’água, na qual o porco mergulha, e Hagarene e eu quase fazemos o mesmo bem em cima dele. Descemos a alguma profundidade, algum esforço, agarrando-nos a ervas, e eu venho à tona na outra margem, e vejo Hagarene saindo também, e lá se vai ela para o acampamento, enquanto vejo o javali esgueirar-se entre os juncos. Chegam os outros três homens e olham para mim por cima da sebe. Aponto o porco e lá vão eles, e McDougall chega primeiro até ele, e lanceia-o, vencendo a Taça para mim, e eu pareço uma criatura bem engraçada quando os camaradas vêm me cumprimentar, todo molhado e coberto de lama e engrinaldado por molhos de mato.*

Enquanto isso, sua carreira no Exército avançava: em 1883, foi designado Ajudante<sup>60</sup> do 13º de Hussardos e promovido a Capitão.

Quando o Duque de Connaught<sup>61</sup> foi à Índia em 1884 como Oficial-General em Comando<sup>62</sup> da guarnição de Meerut, Baden-Powell foi temporariamente adido ao seu estado-Maior. No mesmo ano, ele foi empregado como oficial de Estado-Maior de Brigada na Cavalaria, por ocasião de manobras.

Não é de estranhar que as atividades de Baden-Powell no campo da caça ao javali causassem ansiedade em sua família, e não foram poucas as recomendações que lhe vinham de casa. “Pode dar por certo

---

<sup>60</sup> Encarregado da Administração de Pessoal da Unidade (escala de serviços, controle de efetivos, apresentações e movimentações, pagamento, etc.).

<sup>61</sup> Título dado a filho do monarca britânico. O primeiro filho é tradicionalmente Duque de Cornwall e de Rothesay, sendo depois tornado Príncipe de Gales; o segundo é o Duque de York; o terceiro era feito Duque de Connaught enquanto a Irlanda fez parte do Reino Unido (até 1922).

<sup>62</sup> No original, GOC: General-Officer in Command.

que pararei de ‘espetar o porco’ daqui a dois meses”, escreveu ele em resposta a uma carta; “é quando termina a temporada de caça ao javali”.

Depois de caça ao javali, o que mais tinha sua estima era o polo, jogo em que frequentemente ele representava o 13º:

*Jogo polo regularmente três vezes por semana, e gosto do esporte cada vez mais. É uma pena que na Inglaterra não consigamos locais para jogar polo nem de perto tão bons como os daqui, nem uma prática tão barata como aqui, e, se não fosse pelo polo, eu estou positivamente convicto de que não aguentaria ter passado aqui três verões sem tirar nenhuma licença.*

Além do seu trabalho de escritório, que, como Ajudante, não era pouco, ele tinha que acrescentar suas outras incumbências. B-P encontrou oportunidade para uma boa dose de escrita e desenho por sua própria conta, e os cheques de pagamento por artigos e desenhos vieram bem a calhar para dar uma engordadinha em sua conta bancária.

Em 1884, ele publicou um livro sobre *Reconhecimento e exploração*, e exibiu seus desenhos na Exposição de Simla, na qual foram “altamente reconhecidos”.

Ele fez jornadas ocasionais a Simla e outros postos nas montanhas, e isso era um vivo acréscimo aos bailes, apresentações teatrais e outros divertimentos. Mas ele nunca estava tão feliz como quando no trabalho, e a vida de acampamento com sua caça ao javali e o tiro tinham muito mais para atraí-lo que o tênis e os piqueniques nas montanhas.

Então, no final de 1884, o 13º de Hussardos recebeu ordens de deslocar-se para Natal<sup>63</sup>, para, se necessário, atuar em cooperação com a expedição de Sir Charles Warren à Bechuanalândia (hoje Botswana).

Então, após muito empacotar, vender cavalos e propriedades e comprar novos itens de fardamento, entre outras providências, B-P despediu-se dos encantos da Índia e entrou com entusiasmo em sua nova vizinhança no Cabo, “aquilo mesmo por que eu vinha esperando”.

---

<sup>63</sup> Província sul-africana.

O General Sir Charles Callwell, em suas *Reminiscências*, refere-se da seguinte forma ao seu primeiro encontro com B-P:

*Fiquei retido em Deolalee por uns três ou quatro dias, e durante esse tempo o 13º de Hussardos chegou, em sua mudança da Índia para a África. Baden-Powell, cujo nome eu já ouvira com frequência, era o Ajudante, e na noite que eles passaram no palácio, aconteceu de ele sentar-se em frente a mim no jantar. Ele estava na sua disposição mais absurda, fazendo todos os tipos de macaquices, imitando os vários instrumentistas de uma orquestra, e por aí adiante, e ele desencadeava no homem ao meu lado e em mim mesmo tais acessos de riso, que quando o jantar chegou ao fim, nós descobrimos que praticamente não comêramos nada. Tivemos de voltar clandestinamente depois que o salão se esvaziou, para pedir uns ovos cozidos, de modo a manter alma e corpo unidos até amanhecer.*

## CAPÍTULO V

### O CABO<sup>64</sup>

*Provemos os lugares silenciosos, vejamos o que a sorte nos reserva.*

*A vida selvagem está chamando, chamando – vamos lá.*

*(Robert Service)*

“Oito de nós vão partir numa cavalgada de cem milhas amanhã para ver quão rápido podemos fazê-lo”, escreveu Baden-Powell após ter estado já por algumas semanas em Natal, e em 7 de março de 1885, o *Morning Post*, jornal de circulação nacional naqueles dias, publicou o seguinte parágrafo:

*No ano passado, ouvimos falar até demais sobre as cavalgadas de certos oficiais de Cavalaria austríacos, considerando que a Grã-Bretanha é sempre capaz de competir com feitos continentais no campo da equitação. Como exemplo do que nossos próprios cavalarianos podem fazer por mero prazer, deve-se notar que, em 27 de janeiro, o Capitão Baden-Powell, Ajudante do 13º de Hussardos, e seis outros oficiais daquele regimento, cavalgaram de Durban a Pietermaritzburg (56 milhas) em quatro horas e vinte e um minutos. Após dar repouso aos cavalos por um par de horas, os oficiais tornaram a montar e foram até Pinetown em quatro horas e dez minutos, chegando em plenas condições de ação e simplesmente ansiosos por partir em cavalos descansados para outra etapa de cem milhas.*

O tempo em Natal, à beira da guerra, mas sem poder ainda estar ativamente engajado nela, era muito aborrecido para quem ansiava por encarar serviço ativo. E, no entanto, B-P conseguia encontrar compensações, e certamente nunca estaria desempregado. Sem auxílio, ele fez um reconhecimento secreto de 600 milhas da fronteira de Natal, o que envolveu algum trabalho muito árduo à época e depois, compilando mapas e relatórios. Esse *tour* solitário foi feito com a ajuda de dois

---

<sup>64</sup> Província do Cabo da Boa Esperança, África do Sul.

cavalos, que ele usava alternadamente, montando um e rebocando o outro. Ele deixou crescer a barba e se fez passar por correspondente de um jornal, ou às vezes um artista ou pescador.

Em julho de 1885, o irmão mais velho de B-P, George, veio para a África do Sul como conselheiro político. Ele era considerado uma autoridade em conhecimento geral das colônias, tendo ido à maioria delas em missões oficiais, e posteriormente veio a ser, por quinze anos, Membro do Parlamento pelo Distrito Kirkdale de Liverpool (Sir George Baden-Powell, KCMG<sup>65</sup>). Ele era dez anos mais velho que o Baden-Powell desta história, e foi-lhe de grande auxílio ao longo do início de sua carreira, tanto por sua amizade com muitos homens influentes da época quanto pelo seu conhecimento do mundo e experiências de viagem, tudo isso à disposição de seu promissor irmão mais novo. Ele também tomou a si “apadrinhar” vários dos primeiros livros de B-P na imprensa, quando seu autor estava muito atarefado ou muito distante para corrigir e revisar provas de impressão.

Em julho de 1885, B-P teve dois meses de licença, e partiu com um grupo de amigos, fazendo um total de seis, incluindo o famoso caçador sul-africano Reuben Beningfield, para uma viagem de caça de grande porte perto de Inhambane, velho porto de tráfico de escravos na África Oriental Portuguesa [Moçambique]. Em seu diário da expedição, B-P escreveu:

*14 de julho. Tive notícias de que uma força militar estava fora de Inhambane mantendo os nativos quietos em nosso território de caça. A força consiste de um oficial, vinte e quatro praças brancos, dois canhões, Artilharia, Infantaria. Os oficiais são portugueses, os praças na maioria nativos, em boa parte condenados da Justiça, pois o Exército aqui é uma espécie de reformatório. Tropas nativas são convocadas de tempos em tempos, e armadas com Brown Bessies<sup>66</sup> e carabinas de pederneira, sem munição. Inhambane é uma cidadezinha de 300 anos, sob governo*

---

<sup>65</sup> Knight, Grand Cross of St Michael and St George.

<sup>66</sup> Mosquete usado pelo Exército britânico de 1722 até próximo à Guerra da Crimeia, quando foi substituído pelos fuzis tipo Minié.

*português. Consiste da casa da Alfândega, quartel, casa do Governador, prefeitura, igreja bem estragada, casas dos despachantes; a parte nativa da cidade é um arranjo bem conservado de choupanas nativas em palmeirais.*

*20 de julho. Vi a maneira nativa de preparar um cigarro, lambendo uma folha seca e enrolando o tabaco nela. Nosso grupo consiste de seis ingleses, 95 carregadores, 7 serventes, dois caçadores, dois cozinheiros e trinta homens da escolta, totalizando 142.*

*21 de julho. Ouvi dizer que a tribo daqui está fora, na trilha de guerra contra a tribo vizinha e que se supunha fôssemos nos juntar a eles.*

*22 de julho. Tomamos o desjejum no kraal<sup>67</sup> em “território inimigo”. O chefe foi muito gentil e nos indicou onde ir para obter caça. As colmeias nesta parte do país são um cilindro de casca de árvore com uns quatro pés de extensão e umas oito polegadas de diâmetro, coberto em ambas as extremidades e com alguns buracos na lateral. São colocadas nos ramos das árvores brancas perto de cada aldeia.*

*23 de julho. A forma correta de lavar as mãos nesta aldeia (devido à escassez de água) é encher sua boca com água e então despejá-la num fluxo fino sobre as mãos, enquanto as lava.*

*25 de julho. Muitos rastros de leão e de hipopótamo. No desjejum, uma mensagem do rei do território informando que seus embaixadores estavam vindo ao nosso encontro. Pouco depois, quatro deles apareceram e vieram conversar. Disseram que os portugueses estavam fazendo incursões no seu território por um lado, e os zulus e outras tribos ameaçavam-nos pelo outro, e que havia toda chance de eles serem eliminados pelas duas forças – por isso, queriam ser colocados sob proteção britânica. Dissemos-lhes que não tínhamos poder para recebê-los como aliados, mas que apresentariamos seu caso ao Governador português. Enquanto isso, poderíamos caçar em seu território? Isso pareceu deixá-los satisfeitos, e eles disseram que podíamos ir e caçar em qualquer lugar que nos aprovesse.*

*Tripa de veado ou de ovelha envolta num bastão e assada ao fogo é um excelente chouriço – como pele de salsicha envolta com tutano.*

---

<sup>67</sup> Mais usualmente, curral; termo às vezes extensivo a outras instalações com cerca ou paliçada.

*27 de julho. Atirei num hipopótamo.*

*28 de julho. Abati um antílope vermelho. Atingi um hipopótamo no nariz. Abati um ganso com tiro de fuzil. A língua de hipopótamo é um bom prato, tal como língua de boi.*

*29 de julho. Vi um rebanho de antílopes-kobo movendo-se da água para o bosque – seguidos e tocaiados por duas milhas, mas sem nunca chegarem a alcance de tiro.*

*3 de agosto. Após o jantar, as moças e crianças da aldeia, inclusive aquelas que acabaram de aprender a andar, vieram, cantaram e dançaram, algumas dançando muito bem. Uma coreografia consistia de um dançarino selecionar outro e ambos se agacharem no centro do círculo, enquanto um fazia os movimentos de raspar a cabeça do outro.*

*6 de agosto. Incomodado durante a noite por leões, que fizeram três reses enviadas pelo rei fugirem. Uma delas mugiu pouco depois, de uma forma muito apavorada. Enviamos um grupo para encontrar os animais e, em pouco tempo, uma lamentosa procissão retornou transportando o couro, cascos, ossos das pernas e crânio, tudo que restava de um dos bois. Os homens haviam chegado ao local quando os leões estavam nos últimos bocados, mais ou menos a uma meia milha do acampamento – quatro deles, sendo dois machos. Saímos atrás dos leões, com todos os rastreadores levando escudos e azagaias. No local da matança não havia restado nem um pedacinho de carne. Então, continuamos a seguir os rastros pela savana, predominantemente a pé, por cinco horas, e finalmente encontramos-nos na pista de um grande leão. Nós o vimos atravessar um trecho de terreno aberto e galopamos atrás dele, mas ele entrou no mato denso antes de nós. Aqui nós tivemos de segui-lo a pé, com grande dificuldade; tendo encontrado uma continuação do mato conduzindo para terreno aberto, fizemos os rastreadores baterem o mato, batendo nos escudos com as azagaias, enquanto nós nos posicionamos no terreno aberto para pegar o bicho assim que saísse, mas ele não o fez, e nunca mais vimos esse leão nem o seu rastro.*

*16 de agosto. No deslocamento, quando eu começava a alcançar os demais depois de tocar gnus, descobri minha rota de volta para o deslocamento da turma graças ao sol e a marcos terrestres, seguindo-os facilmente; todas as sendas divergentes foram marcadas com alguns*

*golpes na areia para mostrar que não deveriam ser seguidas (dica para Escoteiros).*

*23 de agosto. Começo a temer ser confundido com algum preso fugitivo quando retornar a casa. Vou me esquivando e esgueirando pelo caminho, sempre em busca de rastros ou de caça.*

*24 de agosto. Um grupo de caçadores nativos com armas de fogo esteve no acampamento durante o dia, tendo ouvido falar de carne por lá, o que mostrou quanto este território já foi diminuído em população animal pela caça. A sua maneira de caçar é ficar deitado por dias e noites em algum local preferido de alimentação para a caça, até que lhes chegue algo a boa distância de tiro<sup>68</sup>.*

*26 de agosto. Nossa alimentação regular neste período é um desjejum de mingau, prato quente (arroz, e carne de qualquer animal ou ave que tenhamos caçado, sempre mantido à mão, pronto para servir) e chá; para o jantar, comida quente ou alguma fritura, bachem (suco extraído de palmeiras, já que não se obtém água) e pãezinhos. Estes ficam bem leves, porque usamos bachem em lugar de água para fazer a massa, com bastante farinha; deixa-se descansar por uma hora e então frita-se ou, melhor ainda, assa-se ao emborcar uma vasilha de barro sobre a bandeja que os contém e colocando isso sobre brasas quentes e acendendo um fogo em pirâmide por cima da vasilha. Se deixados por toda a noite, tiramo-los duros e crocantes como biscoitos, e podem conservar-se por dias. Comi muitas laranjas kaffir na expedição. São frutas redondas, duras, que quando abertas dão uma polpa cor de café com grandes sementes; até eu me acostumar com o sabor, parecia-me estar comendo brilhantina.*

Foi em Inhambane que B-P ganhou dos nativos o apelido de *M'hlala-panzi*, “o homem que se deita para atirar”, ou o homem que planeja cuidadosamente antes de fazer a pontaria. Este apelido acompanhou-o por toda a carreira e, ao ler suas cartas para casa dessa época, pode-se notar quão adequado foi. Ele estava sempre fazendo planos – na sua expressão, “agrupando eventos” – não apenas para seu

---

<sup>68</sup> É o que no Brasil se chama “caça de espera”.

próprio futuro, mas também para as carreiras de seus irmãos e o bem-estar de sua mãe, e para o conforto geral e estabilidade de sua família. Seus planos eram tão cuidadosamente preparados, e tantos espetos ele mantinha no fogo ao mesmo tempo, que – diferentemente da maioria dos sonhos de juventude – boa parte deles se tornou coisas realmente realizadas.

No final de 1885, o regimento foi mandado retornar para Norwich, e grande foi a alegria de todos em estar de volta à Inglaterra. “Como eu devoro pão com manteiga e carne, e me delicio com a chuva e o nevoeiro”, escreveu B-P ao irmão, George.

Dois anos na Inglaterra – Norwich, Colchester e Liverpool – passaram bem rápido.

Em 1886<sup>69</sup>, B-P (com seu irmão caçula Baden, então oficial subalterno nos *Scots Guards*) visitou a Alemanha e a Rússia, e fez um relatório das manobras militares russas ao *War Office*<sup>70</sup>. Foi também empregado como assistente do Ajudante-geral em manobras em Dover, e trabalhou como juiz no Torneio Militar Real.

1887 começou com uma visita aos campos de batalha da Guerra Franco-Prussiana de 1870, quando ele ficou com um regimento de ulanos em Estrasburgo<sup>71</sup>.

Em *My adventures as a spy* (publicado em 1915 e relançado como *Adventures of a spy* em 1924), B-P depois pôs por escrito muitos divertidos e instrutivos relatos de suas viagens nesses vários países, como foi preso e escapou, os disfarces que usou, e daí por diante.

Em 1887, ele cumpriu a função de juiz no Torneio Militar Real, e também organizou por conta própria um “Grande Torneio Militar” em

---

<sup>69</sup> A partir de 1886, o uniforme operacional do Exército britânico passou a ser o cáqui.

<sup>70</sup> Ministério da Guerra.

<sup>71</sup> Alguns anos depois, em *Aids to Scouting*, B-P, ao ressaltar as qualidades requeridas de cada soldado que atuasse como *Scout*, citaria exemplos de batalhas das guerras da unificação alemã, quando as informações precisas e oportunas trazidas por *Scouts* que saíam sozinhos ou em grupos pequenos ajudaram o Exército germânico a modificar sua manobra e derrotar os austríacos em Sadowa (1866) e os franceses em Vionville-Gravelotte e Sedan (1870).

Liverpool, no qual cada homem do seu esquadrão do 13º de Hussardos participou.

No final de 1887, B-P foi especialmente designado por Lord Wolseley, então Comandante-em-Chefe do Exército Britânico e que vira seu trabalho em Liverpool, para conduzir alguns experimentos de emprego de metralhadoras pela Cavalaria em Aldershot, e segue-se uma carta daquele famoso militar para ele em tal ocasião:

*Prezado Capitão Baden-Powell: Uma recente inspeção do manejo de metralhadoras atribuídas a alguns regimentos de Cavalaria em Aldershot pode ser considerada menos que um êxito, tributável, aparentemente, ao treinamento deficiente das equipes. Anseio por que essa deficiência seja sanada, e desejo que você, como um dos poucos oficiais do Exército com o conhecimento necessário, faça isso. Será preciso que você permaneça em Aldershot por mais ou menos uma quinzena, e quero que você me informe quando será o melhor período para você fazer isso. Tão logo eu saiba qual a data mais conveniente para você, comunicarei oficialmente ao seu Comandante. Assina: G. Wolseley.*

## **CAPÍTULO VI**

### **ZULULÂNDIA**

*Een gonyama, gonyama.  
Invooboo, ya bo, ya bo, invooboo.*

*(Canto zulu)*

Em fins de 1887, o General Smyth, Oficial-General em Comando da África do Sul, que acontecia de ser também tio de B-P, ofereceu-lhe o lugar de ajudante-de-ordens. A oferta foi aceita com alegria, e em janeiro de 1888 ele se achava novamente na África do Sul, palco de alguns bons episódios de vida militar no passado, e de triunfo para ele no futuro.

Nos primeiros meses após sua chegada, B-P descobriu que seu trabalho como ajudante-de-ordens era muito pouco exigente para uma pessoa tão ativa. “Tenho passado um tempo muito agradável”, disse ele, “mas sinto como se tivesse sido mandado para cá para um repouso completo, que, em qualquer tempo de vida, parece muito necessário”. No entanto, sempre havia a possibilidade de alguma guerrinha acontecer, então ele ocupava o tempo, empregando-se fora das horas regulamentares de trabalho com teatro, polo e caça.

Em julho daquele ano chegou o longamente esperado momento em que ele estaria apto a escrever:

*Cá estamos nós, a caminho da Zululândia, o General, o Coronel Curtis e eu; eles disseram que vai haver luta. O único medo é que ela se acenda antes de chegarmos ao local, mas mandamos o fogueiro dar tudo que pudesse para que o vapor seguisse. Ele assim o fez. Partiremos amanhã de manhã para Eshowe, em busca da diversão.*

A causa da “diversão” era um tal Dinizulu, filho do velho Chefe Cetywayo<sup>72</sup>. Após a guerra zulu, Lord Wolseley dividira a Zululândia em oito distritos, cada qual sob um Chefe. Dinizulu era um deles, e outro era

---

<sup>72</sup> Cetywayo (Cetewayo, Cetshwayo) (c. 1826-1884) liderou a rebelião zulu de 1879. Com sua morte, Dinizulu (Dinuzulu) (1868-1913) herdou a chefia, e liderou a segunda rebelião zulu, de 1888.

John Dunn, um líder escocês que já vivia entre os zulus desde a infância e fora conselheiro de Cetywayo.

Dinizulu encabeçou uma rebelião contra os britânicos; quatro tribos juntaram-se a ele, duas permaneceram neutras e duas (as de Dunn e Usipebu) aliaram-se aos britânicos.

Como Dinizulu ignorou as advertências do Comissário britânico, foi emitido um mandado de prisão contra ele, e em 2 de julho, uma equipe da polícia sob o comando do Major Mansell, e com o apoio do 6º de Dragões da Guarda e de infantaria montada, seguiu para Ceza Bush, onde Dinizulu estava acampado com seguidores Usutus, de modo a pôr em efeito o mandado de prisão.

Entretanto, eles eram numericamente inferiores, e foram obrigados a se retirarem. Enquanto isso, novos levantes estavam pipocando em todas as direções. No leste, os Usutus cercaram a estação do Sr Pretorius, Comissário Assistente do Distrito Costeiro. Ele tinha consigo uma pequena força de policiais e uns 300 nativos, e com isso foi bem-sucedido em repelir um ataque, mas logo estava sendo apertado por todos os lados, e as notícias, trazidas por um mensageiro que conseguira passar pelas linhas inimigas, mostraram que estava em perigo real e imediato.

Neste ponto das coisas, o general Smyth e seu Estado-Maior chegaram a Eshowe. Sem perda de tempo, o General organizou uma coluna volante, composta de 160 Dragões de Inniskilling, uma companhia de infantaria montada dos Fuzileiros Reais de Inniskilling, e cerca de 100 baionetas do regimento de North Staffordshire, e esta coluna foi aumentada com um contingente de 2000 zulus liderados por John Dunn, e depois com 2000 basutos montados.

O comandante dessa coluna era o Major McKean, dos Dragões de Inniskilling, e com ele, como Chefe do Estado-Maior, foi o Capitão Baden-Powell.

*Então, veio um desses períodos de prazenteira excitação conhecidos por poucos que não os soldados. Os esclarecedores do inimigo podiam ser vistos numa colina distante meia milha, atrás da qual supunha-se estar o corpo principal de suas forças, mas com que efetivo*

*era apenas matéria para conjecturas. Foram dadas ordens para rapidamente fazer-se um laager<sup>73</sup> circular, ou forte, com as carroças de bagagem, cuja defesa foi passada para a Infantaria, enquanto os Dragões e a Infantaria Montada saíram a trote atravessando os amplos espaços abertos das colinas cobertas de capim para cooperar com seus aliados nativos; estes já haviam se levantado com um salto e estavam pressionando para a frente em seu incansável trote de corrida, naquela formação semicircular larga e estendida que constitui sua forma de atacar. Eles prosseguiram por cerca de uma milha, os zulus sem a menor dificuldade acompanhando o passo das unidades montadas, até que por fim chegaram ao topo da serra que permitia observar o campo inimigo. Nada ali! Algumas formas lá longe – os últimos escaramuçadores do inimigo – podiam ser vistos correndo à toda para ganhar a cobertura de um grande trecho de juncos e pântano, onde qualquer tentativa de persegui-los seria inútil. Noutra ocasião, os heliógrafos piscam, e logo depois a coluna está novamente em marcha, seguindo a trilha rumo à estação do Sr Pretorius. Por fim, em 8 de julho, a coluna de resgate chegou sem oposição a seu bivaque, a não mais de oito milhas do objetivo. Logo depois que a noite caiu, um espião foi enviado à frente, com ordens para comunicar-se com os sitiados, se possível, e às duas da manhã ele voltou com a boa notícia de ter logrado êxito em suas tentativas, e trouxe de volta um bilhete escrito pelo próprio magistrado local, falando da segurança de sua pequena guarnição e alertando os resgatadores da presença de uma força inimiga não muito distante. Entretanto, nada se viu dela durante a marcha na manhã seguinte, e antes das nove da manhã a guarnição saiu, com alacridade, para cumprimentar a testa da coluna por quem eles haviam esperado tanto. Apesar de não haver nenhum engenheiro militar treinado entre eles, a necessidade, mãe da invenção, e seu pai, o senso comum, levaram os defensores a construir uma pequena fortificação bem resistente num knoll<sup>74</sup> com comandamento sobre o vale do Umsindusi. A fortificação em si tinha pouco mais de 40 metros quadrados, consistindo de um parapeito mais-ou-menos, cercado*

---

<sup>73</sup> Campo. Pousa no qual se faz uma cercadura com os veículos para defesa em todas as direções.

<sup>74</sup> Outeiro.

*por uma vala e por uma forte e alta cerca de espinhos. Do lado de fora disso, havia choupanas de palha, nas quais a guarnição se recolhia, estas também guarnecidas por uma intransponível cerca de espinheiros. Ao pé do knoll, umas 80 jardas, estavam as choupanas ocupadas pela tribo (amigável) de Sokwetchata e kraals<sup>75</sup> para o gado. Parece que ocorreu um segundo ataque pelo inimigo contra o posto em 10 de junho, que teve por origem um ataque contra os homens de Sokwetchata que estavam fora colhendo forragem. A guarnição fez um assalto, como na primeira incursão, e estavam chegando à distância de choque, quando um pânico incalculável tomou os homens de Sokwetchata, e eles fizeram meia-volta e correram para o forte; naturalmente, a polícia e o destacamento de homens brancos teve de seguir essa linha de ação.*

*Uma vez protegidos por essa coberta, eles estavam perfeitamente a salvo, e o inimigo logo se retirou, para fora de alcance, mas nesta breve ação os defensores perderam 40 homens mortos e 14 feridos. Muitos destes estavam em muito má condição, pois pareciam não ter a menor noção dos mais simples procedimentos para tratar ferimentos, e em consequência, o médico, Cirurgião Hackett, teve muito trabalho nas mãos logo ao chegar.*

*Com a prontidão que caracterizou todos os movimentos desta expedição, fizeram-se planos e um lugar foi escolhido para levantar um novo forte – já que o original sofria comandamento de bem curta distância das colinas ao seu redor – e, algumas horas após a chegada, os soldados fizeram bons progressos nessa tarefa, tanto que na manhã seguinte foi considerado seguro deixar o destacamento de Infantaria para guarnecer a nascente obra enquanto a tropa montada empreenderia o retorno. Já havia sido dado o toque de “Botas e selas”, e os trens de bagagem estavam sendo atrelados, quando as sentinelas relataram ter observados esculcas do inimigo nas colinas próximas. Revogou-se a ordem de marcha e os zulus de John Dunn foram orientados para fazer um reconhecimento com vistas a descobrir o inimigo se ele estivesse em algum lugar dentro de uma distância razoável, o que era duvidoso, uma vez que os vigias haviam relatado uma grande força visível ao longe, seguindo a toda velocidade para longe destas redondezas. Num tempo incrivelmente*

---

<sup>75</sup> Currais, ranchos.

*curto, fumaça grossa começou a se erguer de kraals distantes, sem acompanhamento de fuzilaria, o que, para aqueles assistindo, era um sinal de que o inimigo tinha abandonado suas aldeias à mercê da coluna de resgate e fugido. Enquanto se fazia o reconhecimento, as tropas deixadas no acampamento estavam bem atarefadas dando forma ao novo forte.*

*O Forte McKean, batizado em honra do comandante da expedição, poderia ser considerado inexpugnável neste território, e ainda assim tinha muito pouco de Vauban<sup>76</sup> ou de algum outro “princípio” nele: um engenheiro o contemplaria com horror como uma violação de todos os princípios da defesa, mas cabe lembrar que foi projetado por dois oficiais de Cavalaria (McKean e Baden-Powell) que, guiados pelo senso comum e experiências vividas, fizeram uma obra capaz de suportar qualquer ataque dos zulus com o menor dispêndio possível de homens.*

B-P anotou em seu diário para 11 de julho que “o desfile do *impi*<sup>77</sup> de Dunn era uma belíssima visão; eles formaram um enorme semicírculo ao redor do Chefe, todos cantando uma espécie de canto solene em partes”. Este canto era aquele que viria a ser conhecido por milhares de Escoteiros como o coro *Een-gonyama*, e essa foi a ocasião em que B-P o ouviu pela primeira vez.

Na marcha de retorno, a coluna foi dividida em três grupamentos, que seguiram por três diferentes rotas, de modo a romper quaisquer formações maiores do inimigo.

Tendo o médico sido deixado com a guarnição em Fort McKean, coube a B-P fazer as vezes para os doentes e feridos de sua coluna, e para tal tarefa ele havia se preparado desde alguns anos antes, estudando “Primeiros Socorros”.

Foi nessa viagem de retorno que, após uma ligeira escaramuça, um dos zulus foi visto carregando às costas uma garota ferida. Era tão pouco

---

<sup>76</sup> Sebastien Le Prestre de Vauban (1633-1707), famoso engenheiro de fortificações francês da época de Luís XIV.

<sup>77</sup> Regimento.

usual para um zulu poupar, quanto mais salvar, um inimigo, que investigações foram feitas e descobriu-se que a garota ferida era sobrinha do outro zulu. Ela fora atingida por um tiro no abdômen. O Major McKean e B-P acenderam uma fogueira para ela e deram-lhe um restaurativo. O “médico” B-P pôs-lhe ataduras e conseguiu arranjar um forro e um cobertor para ela. Ela não vestia nada, exceto um cinturão de contas e um colar, e chovia a cântaros. O tio zulu foi posto a tomar conta dela para a noite. No meio da noite, ouviram-se gemidos e, saindo de suas cobertas sob uma carroça, B-P descobriu, para sua indignação, que o tio havia se enrolado ele mesmo no cobertor e deixado a sobrinha descoberta. Ao ser repreendido, ele fugiu para a escuridão, carregando consigo o cobertor. Apesar de ter sido envolvida nos capotes impermeáveis dos oficiais, a garota morreu. Ela foi enterrada ao nascer do dia, e B-P guardou consigo o colar de contas claras e escuras<sup>78</sup>.

O sucesso desta expedição de socorro naturalmente trouxe grande crédito ao Major McKean e ao seu Chefe de Estado-Maior.

O próximo trabalho de B-P foi constituir uma Seção de Inteligência<sup>79</sup> no quartel-general, enquanto o Major McKean comandava uma segunda coluna volante, que foi bem-sucedida ao subjugar outros *impis* rebeldes.

Só faltava agora capturar o próprio Dinizulu. Com esse objetivo, o General fez mudar o seu quartel-general para uma localidade num raio de vinte milhas de Ceza Bush. De lá, ele lançou linhas de postos interconectados, de modo a cercar completamente Ceza Bush, onde Dinizulu estava acampado. Coube ao grupamento de B-P fazer o reconhecimento do ponto-forte de Ceza. Ele partiu com uma força

---

<sup>78</sup> Contas que viriam a ser usadas como Insignia de Madeira a partir de 1919, indicando a qualificação de Chefes Escoteiros. B-P guardou o souvenir sem imaginar que uso lhe daria trinta anos depois.

<sup>79</sup> A Seção de Inteligência tem por missões: a coleta e processamento de informações, de modo a prover o Comando de conhecimentos sobre terreno, clima, forças amigas ou neutras, forças inimigas (composição, localização, efetivo, poderio, características, intenções), frente interna (espíões, traidores ou subversivos); e o levantamento das possibilidades adversas de um plano de operações (papel de “advogado do diabo”: e se...?).

montada de Dragões, infantaria montada e nativos. Houve uma escaramuça num lugar denominado Fig Tree Store, que o inimigo havia atacado. B-P comandou o combate e chegou muito perto de se colocar em dificuldades. Durante a noite, sua força acampou formando um *laager* e tudo estava quieto, quando ele subitamente acordou, sentindo um cheiro suspeito. Silenciosamente, ele despertou seus homens (inclusive os que dormiram nos postos) e ficou patente que o inimigo estava se infiltrando para atacar. Alguns tiros mostraram-lhes que os britânicos estavam prontos para recebê-los, e eles se retiraram.

Tão logo clareou, B-P e sua força seguiram os zulus. Eles se retiraram através da fronteira para o território bôer<sup>80</sup> e se refugiaram em cavernas na face da montanha logo após a fronteira, julgando-se salvos. Mas seus perseguidores não tomaram em conta a fronteira e seguiram-nos, atacaram-nos e derrotaram-nos.

Em seguida a este evento, veio um telegrama do Governador do Cabo para o General, perguntando o nome do oficial que cometera assassinato num país amigo. Mas a sorte estava do lado de B-P, e ele foi capaz de mostrar que o mapa que lhe fora distribuído pelo governo era um mapa antigo, que mostrava a montanha onde o ataque ocorreu como estando aquém da fronteira. Então ele não ouviu mais nada sobre esse caso. Mas o ponto principal desta história é mostrar como é importante para um Escoteiro o sentido do *olfato*.

A força então prosseguiu em direção a Ceza Bush, apenas para descobrir que Dinizulu, percebendo-se encurralado, evacuara sua posição e cruzara a fronteira para o Transvaal, levando consigo seus 2.000 homens com seu gado<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> Nesse tempo, a Colônia do Cabo e Natal eram o território britânico. Transvaal e Orange eram “Estados livres”, sob administração bôer.

<sup>81</sup> É apócrifa, portanto, qualquer versão alusiva a B-P ter alguma vez encontrado Dinizulu; mais ainda, qualquer relato dizendo que o colar de contas de madeira foi dado por Dinizulu a B-P. A história da garota com o colar, do qual B-P se apoderou como presa de guerra, é relatada por ele mesmo em sua autobiografia.

Em novembro desse mesmo ano, ele voluntariamente apresentou-se às autoridades britânicas. Nesse entretanto, o General e seu Estado-Maior haviam retornado para o Cabo.

Assim terminou um levante que poderia, julgando-se com base na campanha zulu anterior, ter prontamente se incendiado numa guerra. Restaurou-se a confiança, muitos líderes rebeldes foram capturados, e o grande líder, Dinizulu, foi exilado.

Pelo seu bom trabalho conexo ao levante, B-P foi designado Assistente Secretário Militar para o General no Cabo, e recebeu a promoção a Major.

## **CAPÍTULO VII**

### **SUAZILÂNDIA, MALTA E CASA**

*Considerar a vida em combate boa,  
E amar a terra que foi seu berço,  
E amar mais ainda a irmandade  
Que une os bravos de todo o mundo.*

*(Henry Newbolt)*

Novamente de volta ao Cabo, B-P começou a elaborar planos para futuras aventuras, e uma brilhante ideia lhe veio de combinar uma expedição de caça descendo o rio Zambezi com a coleta de informações solicitadas pelo Governo sobre os territórios portugueses por lá. Ele escreveu para casa imediatamente para encomendar um bote dobrável e outros equipamentos necessários, e fez uma curta viagem de teste sob a avaliação do grande caçador africano Frederick Courtney Selous, que “considerou o barco bastante adequado para o propósito”.

Entretanto, a viagem nunca aconteceu, pois nessa altura dos acontecimentos o General Smyth passou a ser Governador Interino e não podia deixar de contar com seu utilíssimo Secretário Militar por qualquer tempo que fosse. Foi uma amarga decepção, mas B-P “sorriu e assobiou” e, em vez disso, foi alegremente para uns poucos dias de caçada.

Durante esta expedição ele teve seu primeiro encontro com um elefante, e foi assim que ele o descreveu em seu diário para sexta-feira, 12 de abril de 1889:

*Após três canecas de café, partimos para a floresta às seis da manhã. Manhã fria após a chuva, e ainda bem que estava frio, porque a caminhada foi simplesmente horrível. Foi ruim a cada dia, mas neste dia nós começamos a nos dirigirmos diretamente através do mato para Couana, mandando nossos cavalos pela trilha com Jourmet. A floresta era um emaranhado de samambaias, moitas, trepadeiras, etc., com o solo todo marcado por rastros de elefante e atoleiros – um cenário parecido com o das figuras da selva tropical, mas a realidade não é tão charmosa como a figura. O lenhador contou-nos de um lugar onde os elefantes certamente estavam, mas onde, para dizer o mínimo, não seria boa*

*política segui-los. Não levou nem uma hora para que nos descobrissemos dentro do ponto-forte do inimigo. E que lugar era aquele! Uma densa floresta de samambaias arbóreas por cima das nossas cabeças, emaranhadas com um denso conjunto de samambaias terrestres, e um caminho regular de estreitas e desgastadas passagens de elefante circulando por ali. Estávamos bem dentro do local, mas não encontramos elefantes. O que deveríamos ter feito se eles estivessem lá, não sei; mas acredito que dependeria muito da boa disposição dos próprios elefantes.*

*Ficamos um bocado satisfeitos quando conseguimos sair desse lugar. Então, continuamos a lutar com o mato para avançar. Desjejum pontualmente às oito, frugal, tal como um ovo cozido e meio com uma caneca de leite e outra de champanhe (muita gente suporia tratar-se de água fresca do córrego, mas nós nos hipnotizamos para acreditar doutra forma).*

*Às dez horas, depois de um esforço extenuante, chegamos a uma pequena colina aberta. Quando a transpúnhamos, Charley (o garoto) subitamente disse ter visto elefantes. Olhamos, e olhamos, a olho nu e com binóculos e por fim, após muito tempo, pudemos vê-los claramente, alimentando-se próximo da savana aberta, no outro lado de um vale. Pusemos todos os cães na trela e começamos a nos aproximar dos “óleofantes (como Jourmet os chama)”. Deixamos os cães e Charley num toco de árvore seguro, e então prosseguimos para lutar através de mata de samambaias rumo ao local em que vimos os animais. Por fim, conseguimos ouvi-los à frente, arrancando ervas e dando ocasionalmente um ronco ou um rosnado. Subimos em tocos de árvore para tentar obter visibilidade por sobre as samambaias, e por fim a quebra de galhos e de varas apodrecidas chegou mais perto, até parecer que estavam a umas 50 jardas – mas a jângal era ainda muito espessa para que conseguíssemos enxergar. De repente, vi um ramo ser arrastado para baixo, e uma grande tromba ao seu redor, e um par de longas presas brancas; e por um segundo eu vi inteiramente a cabeça de um elefante; pareceu-me enorme. Dois outros então fizeram-se visíveis para mim, mais perto – isto é, a umas cem jardas, mas ainda muito distantes para que um tiro fosse eficaz – e assim que eles se imobilizaram, ficaram como que invisíveis. Foi só quando se movimentaram que eles se fizeram distinguíveis da floresta ao redor. Por fim, houve uma pausa na sua*

*quebradeira de ramagens e Jourmet cochichou, excitado, que eles haviam fugido – e assim era, mesmo que eles o tivessem feito sem nenhum ruído. Seguimos o rastro parte do caminho, mas ele levava a terrenos muito ruins e, com essa última gota, cansados, enjoados e molhados (pois tomamos duas chuvas pesadas), desistimos e retornamos para Charley e os cachorros.*

Durante o verão seguinte, B-P foi enviado para casa, para a Inglaterra, para uma licença curta e uma mudança de ares; nesse interim, ele conheceu Sir Francis de Winton, que estava para iniciar uma missão na Suazilândia, então um território nativo autônomo, sob a autoridade do rei Umbadine.

As boas pastagens e as riquezas minerais da Suazilândia atraíram grande número de bôeres e garimpeiros para o território, e o regente e o jovem rei viram-se em dificuldades com as demandas de terras que lhes eram feitas. A população branca era de aproximadamente um milhar, durante parte do ano. O país era um lugar sem estabilidade, e após investigações preliminares, decidiu-se por enviar uma Comissão Conjunta Anglo-Bôer, liderada por Comissários Especiais da Inglaterra e da República Sul-africana, para fazer a completa averiguação e emitir relatório sobre a situação. Sir Francis de Winton foi nomeado Comissário britânico, e em seu caminho, ao passar pelo Cabo, escolheu B-P e obteve permissão para incluí-lo em seu *staff* como secretário privado.

A jornada até a Suazilândia foi enriquecida com caça, tiro e pesca.

Como costumava fazer em suas expedições, B-P manteve um diário. Aqui vai a descrição de Johannesburg, como era naquele tempo.

*Johannesburg propriamente dita é uma cidade maravilhosamente grande (30.000 habitantes), e foi “inventada” nos últimos três anos. Os maiores prédios e escritórios são feitos em alvenaria de tijolo ou pedra, com telhado de zinco. O Grande Hotel Nacional é o melhor em que já estive na África do Sul; acomoda 120 pessoas ou mais, está sempre cheio, e cobra uma diária de 25 shillings. Tudo que se refere a comida ou bebida é caro, especialmente quando eles estão acabando de receber suprimentos após um recente período de fome; por exemplo, ovos, seis*

*pence cada, repolhos, 4 shillings, garrafa de leite, 1 shilling, etc. Apesar de sua riqueza e bons prédios, a cidade ainda tem ruas sem pavimentação e sem iluminação noturna. Portanto, nas ruas se fica até o tornozelo na poeira ou na lama. A lama era o tom enquanto estivemos lá.*

Durante a estada em Johannesburg, a equipe explorou uma mina de ouro, a maior da região, que extrai “uma média de oito mil onças por mês de ouro”; e aqui vai uma dica para Escoteiros de hoje, do diário daquela data:

*Todos levam uma vela enquanto estiverem embaixo, e eu peguei uma queimadura por levar uma “a seco” – isto é, segurando-a entre o segundo e o terceiro dedos com a chama chegando perto da mão.*

Em 29 de dezembro, B-P escreveu à mãe:

*Estamos de volta a Natal após uma curtíssima jornada desde a Suazilândia. Tínhamos boas mulas e bom tempo, o que nos possibilitou andar num ritmo bem rápido, fazendo em treze dias um trajeto que normalmente leva vinte ou mais, e na estação das chuvas levaria provavelmente de seis semanas a dois, ou mesmo três meses. Estamos todos em excelente condição de saúde e só lamento que tudo tenha terminado tão brevemente.*

Durante sua ausência na Suazilândia, o futuro de B-P foi objeto de considerações, no Cabo. Foi oferecido a Sir Henry Smyth, e ele aceitou, o cargo de Governador e Comandante-em-Chefe em Malta, e foi dada ao seu Ajudante-de-Ordens a oportunidade de acompanhá-lo como Secretário Militar e Ajudante-de-Ordens. A condição, entretanto, era de não alimentar nenhuma expectativa de sair do posto para ir a nenhum canto da Terra onde pudesse estar havendo combate. Essa oferta foi aceita de imediato e, no começo de 1890, após uma curta licença na Inglaterra, o novo Governador e B-P receberam suas designações. Em 1º de março, chegaram a Malta e B-P ajustou-se à sua nova vida de trabalho administrativo, jantares e recepções, apresentações teatrais e polo.

Não fazia muito tempo que B-P havia chegado, quando Sir Francis de Winton lhe ofereceu novamente um lugar em seu *staff* para sua missão em Uganda. A essa sugestão, o Governador de Malta deu uma resposta curta e direta: “Não tenho a menor intenção de emprestá-lo a Sir Francis de Winton ou a quem quer que seja”.

B-P escreveu à mãe:

*Isto é terrível; eu pensei que tão logo Sir F. de Winton partisse, eu me livraria dessa ansiedade por acompanhá-lo, mas me sinto mais e mais ansioso por estar lá. Não consigo pensar em outra coisa. Mas você não consegue imaginar isso, como o que eu poderia chamar “saudade do campo” toma conta da gente – uma espécie de fome de estar no meio da natureza selvagem e longe de toda esta mistura pacata de escritório e sala de desenho – escriturário e mordomo.*

Apesar de todo esse desejo por serviço ativo, B-P achou jeito de aproveitar ao máximo a vida em Malta<sup>82</sup>. Uma de suas primeiras tarefas foi deixar a reserva de armamento do palácio adequadamente organizada.

Em julho, o Governador mudou-se do Palácio San Antonio para Verdala. B-P descreveu seu novo lar:

*Um velho prédio quadrado, muito sólido – velho de 300 anos – com uma torre quadrada em cada canto e cercado por um fosso seco. Paredes grandes e grossas e pisos de pedra, tetos com afrescos, masmorras e passagens secretas por toda parte; um calabouço abre por uma pequena passagem para o meu quarto, e tem os pregos nas paredes aos quais se prendiam os prisioneiros e então os queimavam (as paredes e o teto ainda têm as impressões do carvão e da fumaça).*

B-P particularmente fez nome em Malta como sendo o amigo e auxiliar dos soldados e marinheiros na guarnição e na esquadra. Lady Smyth escreveu:

---

<sup>82</sup> Sem abrir mão de sua prática de pregar peças. Em *Lições da escola da vida*, ele relata como tendo ocorrido em Malta o episódio do “selafone”, uma sela de montar enfeitada que ele fez passar por instrumento musical, com ao qual deu um “recital”.

*Um dos maiores êxitos foi conseguir que cada um dos cinco regimentos estacionados na ilha desse concertos, com um regimento por mês encarregando-se disso; isso causou muita competição entre os homens, dando-lhes grande interesse e emprego noturno ao praticar e preparar seus respectivos programas.*

Mas talvez sua maior realização tenha sido a formação do Clube Recreativo dos Soldados e Marinheiros. Por dois anos antes de ser possível sua abertura, B-P promovia concertos e entretenimento para levantar os fundos necessários ao projeto, e em 31 de março de 1893, ele orgulhosamente escreveu do *Clube dos Soldados e Marinheiros de Malta*:

*Que acha do cabeçalho acima? Bom, isso significa que consegui pôr o Clube para funcionar e o passei para um Comitê geri-lo, e estou livre. Mas a quantidade de escrituração que tive de fazer e ainda estou fazendo é quase estupenda. De todo modo, agora eu mal conheço o que seja sair para o campo. Mas estou quase chegando ao fim disto e, então, para casa!*

O Clube, que se tornou bastante popular, era coloquialmente conhecido como “o emplastro”, porque, quando de uma reunião de capelães, B-P foi criticado por ter colocado o Clube “no meio da área boêmia da cidade” e seus bares. Ele replicou: “Muito bem, onde os senhores colocariam um emplastro?”

Como Oficial de Inteligência para os países da redondeza, função para a qual foi designado em agosto de 1890, B-P deu jeito de encaixar uma boa dose de viagens entre suas outras atividades. Ele visitou Albânia, Itália, Grécia, Turquia, Tunísia, Argélia, Bósnia-Herzegovina, às vezes por sua própria conta, às vezes por conta do *War Office*, mas geralmente conseguindo pagar ao escrever e desenhar, para os jornais, descrições de suas jornadas<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> Além dos traçados de fortificações disfarçados em desenhos de folhas e insetos, B-P fez também alguns desenhos e pinturas verdadeiros de paisagens dos locais onde passou.

Como grande parte dos seus deveres como Ajudante-de-Ordens compreendia os arranjos de reuniões sociais, jantares, bailes, concertos, etc. De sua energia nessa direção, Lady Smyth escreveu:

*Ele era inestimável no auxílio para obter e preparar qualquer tipo de entretenimento, sendo capaz, por ele mesmo ou encontrando um amigo para isso, de exercer qualquer função. Notadamente, quando alguma dama deixava de fazer sua parte de dança no programa, ele punha um vestido, e entre gargalhadas estrondosas, dava uma demonstração muito atraente de dança, uma diversão nova para nosso público.*

*Uma de suas características era que ele parecia sempre ter gente capaz e pronta para fazer o que ele lhes pedisse, e raramente tivemos uma festa em que ele não tivesse passado por “um montão de incumbências”, como ele dizia, o que significava geralmente que ele já havia relacionado todos ou qualquer um que quisesse participar de partida de polo, dança, representação, concerto, palestra, piquenique, etc., etc., que ele tivesse à mão.*

Baden-Powell permaneceu em Malta até abril de 1893, quando, seguindo conselho de seu velho Comandante, Coronel Baker-Russell, pediu para ser exonerado da comissão de Assistente Secretário Militar para se reunir ao seu regimento, o 13º de Hussardos, então estacionado em Ballincollig, Condado de Cork, Irlanda.

Em 10 de abril daquele ano, ele partiu para casa, no caminho visitando a Tunísia e a Argélia por solicitação do *War Office*. Sua primeira carta para casa após ter deixado Malta é datada de 26 de abril de 1893, de Souk-el Abra, Tunísia:

*Aqui estou, pondo-me a caminho de casa por passos bem pequenos, pois, tendo vindo até aqui, descobri manobras acontecendo logo atrás de mim e estou partindo para Túnis e Kairuan. Então partirei novamente e acompanharei a costa até o extremo ocidental da Argélia. Enquanto isso, estou curtindo muito, e juntando uma bela coleção de borboletas. De qualquer modo, estrei com vocês lá pelo final do mês.*

Finalmente, em 9 de junho, B-P reuniu-se ao seu regimento na Irlanda, e nesse dia ele registrou:

*É bom estar de volta, todo mundo tão animado, e me sinto mais ou menos em casa de novo. À tarde, o 10º de Hussardos veio jogar polo conosco, então pude revê-los todos novamente, e uma grande multidão do povo local veio assistir, torcer, etc. E, é claro, nós vencemos. Dos meus aposentos tenho uma vista para um parque com um enorme gramado verde brilhante, com olmos e faias. Você jamais poderia imaginar que houvesse um aquartelamento em qualquer lugar por aqui... Assumi o comando do meu velho esquadrão. Amanhã partimos para Ballicollig. Por volta do dia 23 devemos partir para o Curragh, para as manobras de verão.*

Foi durante essas manobras no Curragh que B-P mais uma vez foi notado por Lord Wolseley. B-P havia tido a ideia de enviar uns poucos homens montados arrastando ramos após si, levantando uma grande nuvem de poeira, que iludiu a Cavalaria inimiga e atraiu-a para longe; na sua ausência, B-P apareceu de surpresa com seu esquadrão e capturou a Artilharia opositora. Aconteceu que Lord Wolseley estava assistindo, e recomendou esse uso de “bom senso e astúcia” aos oficiais reunidos, e perguntou o nome do oficial responsável pelo feito.

Foi como resultado direto deste evento que em 1895 que ele mandou chamar B-P ao *War Office* e disse-lhe que ia mandá-lo com a Expedição Ashanti, apesar de não ser em terreno próprio para Cavalaria – mas porque observara que ele poderia usar os “quatro C’s” necessários para conduzir campanha naquele território ou em algum outro lugar: Sensatez, Astúcia, Coragem e Animação (*Commonsense, Cunning, Courage, Cheerfulness*).

1894 foi passado com seu regimento em Dundalk e Belfast, e durante esse tempo B-P trabalhou numa nova edição do manual *Instrução para a Cavalaria*, um livro que ele publicara pela primeira vez em 1885. Em setembro daquele ano, nas manobras de Cavalaria em Chum, Berkshire, ele serviu de Oficial de Operações de Brigada para o Coronel John French (mais tarde, Marechal-de-Campo Lord French de

Ypres), tendo por lá também como oficial do Estado-Maior Douglas Haig (mais tarde, Marechal-de-Campo Lord Haig de Bermersyde<sup>84</sup>).

---

<sup>84</sup> Curiosidade: no início da Primeira Guerra Mundial, a Força Expedicionária Britânica estava sob o comando do Marechal-de-Campo Sir John French, e diretamente subordinados a ele havia dois Corpos de Exército: um, comandado pelo General Douglas Haig, e outro comandado pelo General Horace Smith-Dorrien, que fora um dos poucos sobreviventes à batalha de Isandhlwana (22 de janeiro de 1879), na rebelião zulu de Cetywayo. Smith-Dorrien combateu na Batalha de Omdurman, em 1898. Na Grande Guerra, comandou o II Exército na batalha de Le Cateau (uma eficaz ação retardadora) e na Primeira e Segunda Batalhas de Ypres, depois serviu na Inglaterra e foi governador de Gibraltar.

## CAPÍTULO VIII

### ASHANTI

*Coroas e tronos podem perecer,  
Reinos ascender e se desvanecer.*

*(Sabine Baring-Gould)*

Se você olhar para um mapa antigo da costa ocidental da África, encontrará, mais ou menos a meio caminho, um lugar marcado como Cape Coast Castle, Costa do Ouro<sup>85</sup>. Era o portão de entrada para o grande país coberto de florestas de Ashanti, que seria o cenário da próxima aventura de Baden-Powell.

A expedição de 1895-96, na qual ele tomou parte, foi a quarta campanha Ashanti em cinquenta anos. Em seu livro *The downfall of Prempeh*, publicado após a expedição, B-P contou toda a história, e deu como principais objetivos dessa ação a proteção das tribos leais e a abolição da escravidão e do sacrifício humano.

Prempeh, o rei dos ashantis, “desde 1874 ficou impedindo o caminho da civilização, do comércio e dos interesses das próprias pessoas”. De todo modo, essa era a visão da situação pelo Governo britânico, como foi pronunciado pelo Sr Joseph Chamberlain, então Ministro das Colônias.

Em seu livro, B-P declarou:

*Na Inglaterra, dificilmente conseguimos perceber a extensão em que o sacrifício humano foi perpetrado em Ashanti. Em primeiro lugar, o nome Kumassi (capital de Ashanti) significa “o lugar da morte”. A cidade tinha nada menos que três locais de execução: um para execuções privadas, no palácio; um segundo para decapitações públicas, era no campo de reuniões; e um terceiro, para sacrifícios rituais, era na vila sagrada de Bantama... As vítimas dos sacrifícios eram quase sempre escravos ou prisioneiros de guerra.*

---

<sup>85</sup> Atual Gana.

Em 13 de novembro de 1895, B-P recebeu suas ordens para seguir em serviço especial em conexão com a exposição proposta para Kumassi, sob comando de Sir Francis Scott, e em 23 de novembro ele zarpuou de Liverpool no *SS Bathurst*. O navio fez escalas na Grande Canária e em Serra Leoa, de onde um telegrama foi enviado a Cape Coast Castle solicitando que cem nativos confiáveis fossem alistados como esclarecedores. B-P deveria comandar esses batedores como parte de seu contingente nativo, então ele se ocupou, durante a viagem, em elaborar um esquema para sua organização.

B-P tinha consigo no navio um livro sobre a Expedição Ashanti de 1874, de Sir William Butler, chamado *A história de um fracasso*. Ele descreve como Sir William levantou um contingente nativo na tribo Krobo, e organizou-o com 12 oficiais brancos. Ele levou sua força pelo país acima com o restante da coluna de Lord Wolseley, mas para o ataque a Kumassi, foi-lhe mandado seguir por um caminho diferente, para flanquear o inimigo. No dia antecedente ao ataque, ele, com seus doze oficiais, descobriu-se desertado pelos Krobos.

A partir da experiência desse oficial foi que B-P estipulou que seu contingente seria constituído por tantas tribos diferentes quanto possível, de modo que se um lote se rebelasse ele ainda exerceria comando sobre os outros.

Em 13 de dezembro, a expedição desembarcou em Cape Coast Castle, e B-P pôs-se ao trabalho para reunir seus homens e distribuir seus vários deveres.

Reunir um exército com nativos da Costa Ocidental não era tarefa fácil: os reis e chefes do país eram melhores em fazer promessas que em cumpri-las, e era necessário balancear “um sorriso e um porrete” para lidar com tais embromadores.

Uma formatura de 500 homens fora prometida para o meio-dia de 16 de dezembro. Segue-se o relato de B-P sobre o que realmente aconteceu:

*16 de dezembro. Meio-dia. O campo de parada do lado de fora do castelo permanece um árido deserto ao sol do meio-dia, e a brisa marinha*

*vagueia sobre o solo. Nenhum homem lá. É o caso, então, de um tour pelas redes nas favelas que formam a cidade. Reis são postos fora de suas choças à força, na ponta de um porrete; eles, por sua vez, fazem levantar seus capitães, e por volta das duas o exército está reunido. Então há um suspiro para os deuses, ao ver o Capitão Graham (apelidado “Fornecedor”), pondo cada homem em seu lugar... Se não fosse pelo calor deprimente e pela urgência do trabalho, alguém poderia sentar-se e rir até as lágrimas do absurdo da situação, mas nas atuais circunstâncias, é um tanto desgastante. Mas o nosso lema é o velho provérbio da Costa Ocidental: “Devagarinho, devagarinho, se apanha o macaquinho”. Noutras palavras, “Não adianta exasperar-se, paciência é que ganha o dia”. Isso foi sugerido como uma máxima para nosso contingente recrutado de exploradores que escapolem de fininho, mas acabamos por adotar como nosso princípio condutor, e não acredito que um homem agindo por algum princípio diferente desse conseguisse organizar um contingente recrutado de nativos na Costa Ocidental e sobreviver. Pouco a pouco, a ordem nasce do caos. Reis e chefes estão instalados como oficiais, e os homens são mais ou menos divididos em companhias sob suas ordens.*

Cada homem era suprido com um fez vermelho com uma borla preta. O regimento, após ser inspecionado por Sua Excelência o Governador e pelo Coronel Sir Francis Scott, moveu-se para a primeira etapa de sua marcha ao comando de B-P.

Cinco dias depois, B-P e seus homens haviam aberto seu caminho através do mato e acampado em Akusirem, a umas trinta e cinco milhas de Kumassi. Esse trabalho de cortar mato, é claro, fazia a progressão ser lenta e submetida a muitas dificuldades. B-P escreveu:

*Balançando e virando, agora para cima, agora para baixo, escalando enormes raízes de árvores ou chapinhando na lama que suga – tudo isso num calor úmido e irrespirável, até que, cansados e pingando, alcançamos o próximo local de acampamento. Duas horas de repouso para a “boia (comida)” do meio-dia, e então formatura. Mais atrasos, mais desculpas, e por fim cada homem tem uma ferramenta a ele distribuída, e cada companhia tem sua missão designada. Nº 1, limpar o terreno. Nº*

2, cortar troncos para a estacada. Nº 3, cortar vime de folhas de palmeira. Nº 4, cavar buracos para a estacada. Nº 5, postar sentinelas e evitar que os homens se escondam nas choupanas; e assim por diante, até que todos estejam trabalhando.

“Então, como estão os escavadores?”

“Saíram para comer”.

“Comer? Eles acabaram de sair de duas horas de refeição”.

“Sim, mas o chefe branco os faz trabalhar tão duro que eles têm grande apetite”.

“Eles – e você, seu chefe – serão multados em dois dias de pagamento”.

“Sim, está bem, o homem branco é poderoso. Ainda assim, preferimos isso a não ter a comida. Muito obrigado”.

“Oh, mas vocês vão ter que trabalhar do mesmo jeito. Vê este pequeno instrumento? É um rebenque. Venha e vou mostrar-lhe como pode ser usado. Começarei com você, meu amigo”.

Não precisa. Todos saem voando para o trabalho. Cada companhia por sua vez é encontrada sentada ou se servindo.

Derrube aquela árvore, meu jovem. É, você, com o machado. Não sabe usá-lo?

Por três dias abati árvores eu mesmo até descobrir que poderia ter obtido o mesmo resultado simplesmente mostrando o rebenque. Os homens adoraram ver-me no trabalho. O rebenque veio a ser batizado “Volapuk” porque era entendido por qualquer tribo. Mas, apesar de frequentemente mostrado, nunca foi usado.

A companhia com a missão de abrir clareira está sentada. Nem um metro de vegetação cortado. Por quê?

“Oh, somos pescadores e não entendemos nada de cortar vegetação”.

Não obstante, o mato logo vem abaixo, e, o que é mais maravilhoso, ao pôr-do-sol há uma clareira de uns sete ou oito acres onde de manhã não havia senão um mar de vegetação selvática. Grandes choupanas cobertas com folhas de palmeira brotaram em linhas regulares, e no centro ergue-se uma fortificação quase terminada, com sua rampa de terra contida pela estacada e trama de vime. Dentro dela há duas cabanas, para hospital e armazém. Trens de carregadores já estão

*chegando, com centenas de caixas de carne e biscoitos para serem conferidas, arrumadas e armazenadas. Ao pôr-do-sol toca o tambor, a caixa do tesouro e o livro de contabilidade são abertos e o comando vem para o pagamento.*

*“Primeira Companhia, quantos homens presentes?”*

*“Sessenta e oito, Senhor”.*

*“Mas o efetivo registrado é só de cinquenta e nove”.*

*“Próxima Companhia”.*

*“Todos presentes, Senhor, mas alguns poucos estão doentes – e dois nunca vêm”.*

*E assim continua. Finalmente, completa-se a tarefa, exceto que um mensageiro chega com um telegrama, encaminhado do último posto telegráfico, para solicitar de Cape Coast Castle explicar por ofício imediatamente a razão pela qual a folha de pagamento foi mandada manuscrita em lugar de usar o Formulário 01729.*

Talvez o incidente mais excitante da expedição tenha sido a marcha noturna da coluna volante para Bekwai.

O rei de Bekwai, tributário de Kumassi, mandou mensageiros a Sir Francis Scott, dizendo que desejava colocar-se sob a bandeira britânica, mas essa proteção precisava chegar de imediato, se não ele poderia ser preso pelo rei Prempeh e executado como traidor.

Portanto, coube a B-P organizar uma coluna volante que, cortando seu caminho através de nove milhas de selva à noite, cercou o palácio de Bekwai e lá hasteou a bandeira britânica.

Nesta marcha noturna, a força de B-P havia, na realidade, desbordado a força inimiga posicionada em Essian Quanta para resistir a qualquer avanço. Foi um jogo de “esconde-esconde”, e os “escondidos” chegaram ao pique. Pela manhã, os ashantis descobriram que em vez de atacar pela frente, onde era esperado, a força de B-P estava à sua retaguarda e os havia isolado de qualquer ajuda de Bekwai – com quem ainda contavam como aliado – e com grandes chances de cortar seu caminho de volta para junto do corpo principal em Kumassi. Então, eles fugiram e a estrada assim foi deixada aberta para a força principal

britânica seguir por ela sem oposição. Esse foi, realmente, o “ponto de virada” da expedição.

Eis como B-P descreveu a cerimônia de hasteamento da bandeira:

*Os monarcas africanos são difíceis de apressar, mas havia muito a ser feito, e as coisas numa expedição como esta têm de ser feitas com presteza. Então, após algumas mensagens solicitando saber do rei onde e quando a cerimônia do hasteamento ocorreria, reuni o Estado-Maior num lugar que eu mesmo escolhi, pus minha força em forma e mandei avisar o rei que tudo estava pronto. No fim das contas, isso alcançou o efeito desejado, apesar de a guarda de honra de haussás e dos exploradores britânicos precisarem esperar algum tempo até que o ruído dos tambores e trompas, e o rugido da multidão informassem que a procissão real estava em movimento. Por fim, chegou às nossas vistas – uma vasta multidão escura movendo-se e gritando ao redor das liteiras nas quais o rei e os chefes eram transportados.*

*Acima e ao redor deles balançavam-se os grandes guarda-sóis de Estado. À frente vinham bandas de tamborileiros com pequenos tambores, depois dançarinos que saltavam e giravam acompanhando, feiticeiros usando pitorescos adereços de cabeça, tamborileiros com tambores maiores, trombeteiros com suas buzinas de marfim, e então os grandes tambores de guerra, carregados à altura do ombro e trazendo pendurados crânios, os quais, entretanto, para esta cerimônia estavam cobertos com uma faixa de tecido, significando tratar-se de uma cerimônia de paz. Havia as carpideiras da corte real, com seus chapeuzinhos preto-e-branco, correndo adiante; e atrás corria a multidão de garotos escravos carregando os banquinhos de seus amos sobre a cabeça. O burburinho e o som dos tambores ficavam intensos à medida que a procissão vinha apressadamente pela estrada – pois ela se movia em passo acelerado – e os guarda-sóis girando e saltando deram uma ideia bem clara de toda a agitação da cena. Por fim, o trono e a cadeira estavam prontos, e as pessoas se enfileiraram de acordo com alguma espécie de regra de precedência. Então, ofereci ao rei a bandeira, com todas as suas vantagens, que o rei, com muito espírito em suas palavras, ansiosamente aceitou. (...) O rei, então, moveu-se de seu assento para o pé do mastro da bandeira. Apesar de distar apenas uns poucos passos, o deslocamento envolveu não pouca cerimônia. O guarda-sol tinha de ser*

*mantido girando sobre ele enquanto o carregador se movia apenas sobre o calcanhar. Homens vinham antes para limpar o terreno de qualquer graveto ou palha no caminho real. O feiticeiro, usando um belo cocar de penas ao estilo pele-vermelha e um esplêndido cinto de prata, apareceu para abençoar o momento. Um homem apoiava o rei segurando sua cintura, e era similarmente apoiado por dois ou três outros em sucessão logo atrás. Outro enxugava o rei com um lenço, enquanto garotos armados com rabos de elefante afugentavam as moscas da real presença. O rei estava vestindo uma espécie de toga de retalhos com um cachecol de seda verde, em sua cabeça um pequeno chapéu de casco de tartaruga, e nos seus pulsos, entre os pendentos encantados dos fetiches, usava alguns esplêndidos braceletes de pepitas de ouro brutas e dentes humanos.*

*Em todo esse esplendor bárbaro, o rei moveu-se rumo ao mastro da bandeira. A bandeira estava no topo do mastro, formando uma bola, e quando ele puxou a adriça que a deixou desfraldar-se, a banda de haussás tocou God save the Queen e os soldados apresentaram armas.*

*O rei fez um gesto como de quem fosse dormir, com sua cabeça sobre a mão, e disse que sob aquela bandeira ele permaneceria até morrer. (...) Mais tarde nesse dia, o rei e os chefes vieram em procissão e chamaram os oficiais britânicos. Esta cerimônia consistiu em eles se enfileirarem, curvando-se diante de cada oficial e levantando a mão como para abençoá-lo – os chefes maiores apertando as mãos.*

Com B-P mesmo, o rei apertou mãos umas três ou quatro vezes, e foi até o ponto de dançar alguns passos – algo de que não se tinha notícia de alguém com a sua dignidade fazer, e com o intento de fazer um cumprimento muito especial ao destinatário.

Tudo isso soa para nós meio como sonho ou conto de fadas, mas é, não obstante, uma descrição verdadeira do que aconteceu em Bekwai.

Não era intenção da coluna volante dar ao rei qualquer coisa em troca de nada. Ele tinha de dar a contrapartida fornecendo homens para o exército de B-P e, depois de muito debate, e ameaças por parte dos britânicos de remover essa recentemente obtida proteção, o rei forneceu um grande grupo de carregadores para juntarem-se à força.

Essa obra de boa exploração abriu o caminho para o grosso da tropa seguir, e em 17 de janeiro as forças brancas entraram em Kumassi pela rota principal, enquanto B-P e seu destacamento recrutado entraram pelas rotas secundárias<sup>86</sup>.

No período de um mês desde o desembarque na Costa do Ouro, os britânicos ocuparam a capital de Prempeh sem derramamento de sangue nem desordem. Seria, então, comparativamente fácil completar o trabalho que tinham nas mãos.

A história da rendição de Prempeh, da ocupação de seu palácio, da captura da Bacia das Execuções, que recebera tantas cabeças inocentes, da total destruição de Bantama, das horrendas descobertas nos terrenos de execução, e outros detalhes que de início parecem muito cruentos para serem possíveis, tudo foi escrito pelo próprio B-P noutro lugar<sup>87</sup>, como já se mencionou. Não são coisas nas quais nos devemos fixar, mas somente conhecendo-as é que podemos perceber quão necessária era essa expedição e que bom trabalho ela realizou.

A Bacia das Execuções – uma enorme banheira de bronze – foi trazida para casa por B-P e cedida ao *Royal United Services Museum*.

A marcha de retorno para Cape Coast Castle foi uma missão mais difícil que o avanço sobre Kumassi, porque não havia mais nenhuma expectativa de combate para levantar o espírito dos esgotados caminhantes. Eles estavam sobrecarregados com cartuchos de munição que – graças à boa organização no cumprimento da missão – jamais foram necessários, e eles tinham apenas que pensar em si mesmos e nos seus desconfortos.

A febre campeava naquele território de florestas, quente e sem ar; B-P atribui sua própria incolumidade ao seu hábito de levar duas

---

<sup>86</sup> Com o capitão que comandava o destacamento de Engenharia (*Pioneers*), B-P aprendeu a técnica de fazer construções usando troncos e cordas, o que no Escotismo se conhece como pioneirias (*pioneering*), e também o uso de um bastão, que servia como apoio nas caminhadas e tinha marcações (em pés, polegadas e suas frações) que ajudavam, por exemplo, numa medição expedita por triangulação, ou numa sondagem de fundo de rio ou brejo.

<sup>87</sup> B-P, *The downfall of Prempeh*.

camisas, uma no corpo e outra pendente do pescoço quando em marcha. Dessa forma, ele nunca deixava de ter uma camisa seca para vestir.

Antes de embarcar, B-P recebeu um conselho de Lord Wolseley sobre como evitar febre. Ele lhe disse para fumar. Seu local de dormida deveria ter dupla camada de mosquiteiros e, depois de ir para a cama dentro dos mosquiteiros, fumar um cachimbo, de modo a que a atmosfera aquecida lá dentro afugentasse a malária, que seria mantida fora pelos mosquiteiros. Nessa época ainda não se sabia que os mosquitos transmitiam a malária, mas essas precauções eram igualmente boas contra os mosquitos.

B-P obedientemente comprou um cachimbo e algum tabaco, e usou-os religiosamente por duas ou três noites em Ashanti. Mas, devido ao clima úmido, o tabaco logo ficou empapado, então ele jogou fora toda a tralha – e nunca pegou febre, no fim das contas. Nem adquiriu o hábito de fumar.

Em 5 de fevereiro, pouco depois do dia raiar, o Regimento West Yorkshire marchou para Cape Coast Castle, trazendo consigo o rei Prempeh, a velha rainha-mãe, e sua corte. O grupo foi todo embarcado para a fortaleza de Elmina, sob escolta da polícia nativa.

Assim terminou o reinado de um rei cruel. Ele viveu no exílio até 1924, quando, já um velho inofensivo, foi autorizado a retornar a Ashanti.

B-P nunca foi esquecido pelos homens que serviram com ele na Expedição Ashanti. Anos depois, o Capitão Rattray, do Serviço Público Civil em Ashanti, escreveu-lhe:

*Os velhos Ashantis todos se lembram do senhor. Chamam-no “Kantankye”, que significa “O que usa um chapelão”. Não consigo entender por que o apelido, pois foi-lhe dado muito antes de os Escoteiros virem a existir. Poderia esclarecer-me?*

Em sua resposta, o Escoteiro-Chefe explicou que ele já vinha usando o chapelão de aba larga *Boss of the plains* (como era conhecido seu chapéu estilo *cowboy*) muito antes de se criar o Movimento Escoteiro.

Por sua atuação nesta expedição, B-P foi promovido a Tenente-Coronel, e só havia voltado ao seu velho regimento havia umas poucas semanas, quando foi novamente chamado para serviço especial.

## **CAPÍTULO IX**

### **MATABELELÂNDIA**

*Vá onde seus piquetes se escondem,  
Desmascare as formas que eles tomam.*

*(Rudyard Kipling)*

Após umas poucas semanas com o 13º na Irlanda, B-P recebeu o seguinte ofício:

*War Office, 28 de abril de 1896.*

*Senhor,*

*Tendo-lhe sido provida passagem com destino à Cidade do Cabo no SS Tantalon Castle, fui incumbido de informar-lhe que deve dirigir-se a Southampton e embarcar no navio supramencionado em 2 de maio às 12:30h, apresentando-se antes do embarque ao oficial militar que esteja encarregado de supervisionar o embarque.*

*Vossa Senhoria não pode embarcar bagagem maior que trinta e cinco pés cúbicos [mais ou menos um metro cúbico].*

*Devo solicitar-lhe, ainda, que acuse o recebimento deste ofício pelo primeiro portador e informe qualquer mudança em seu endereço que porventura ocorra até a data de embarque.*

*Vossa Senhoria estará no comando de todas as tropas a bordo.*

E, como B-P mais tarde observou em seu livro sobre a Campanha Matabele: “Que melhor convite alguém poderia querer? Aceitei com o maior prazer”.

Os matabeles<sup>88</sup> eram um ramo dos zulus sob a chefia de Umzilikatzi, que se estabeleceu, que se assentaram na Matabelelândia<sup>89</sup> no começo do século XIX, após serem expulsos da Zululândia por seu próprio rei. Acharam a Matabelelândia um lugar sob medida para eles, e ali se instalaram, sistematicamente fazendo incursões nos territórios

---

<sup>88</sup> Ou ndebeles.

<sup>89</sup> Porção sul e oeste do atual Zimbabwe, sendo Bulawayo a principal cidade. Bulawayo é atualmente a segunda cidade do Zimbabwe..

vizinhos para obter gado e milho conforme as necessidades que periodicamente tinham.

Em 1890, um grupo de pioneiros brancos chegou à Mashonalândia<sup>90</sup>, sob o comando de Cecil Rhodes, tomando posse de terras lá e estabelecendo uma capital em Salisbury<sup>91</sup>. O rei Matabele ergueu-se para protestar, e seu consentimento à ocupação pelos brancos teve de ser comprado com fuzis e munição (que vieram a ser bastante úteis em sua rebelião).

Quando os matabeles tentaram retomar seu costume de fazer razias na Mashonalândia, encontraram uma força policial estabelecida, apta a repeli-los. Uma expedição contra eles avançou para dentro da Matabelelândia, tomou Bulawayo e depôs o rei, que morreu no exílio. Os matabeles que estavam em casa nesse tempo foram conquistados; mas a maior parte deles estava fora, fazendo incursões em outra parte do país, e quando retornaram ficaram surpresos ao descobrir seu território nas mãos de gente branca e com seu rei morto.

A surpresa transformou-se em hostilidade quando os matabeles descobriram que os invasores brancos pretendiam permanecer no território, e por volta de 1895 eles sentiram que havia chegado a hora de pôr os intrusos para fora.

As coisas estavam indo mal para os matabeles nessa época. Primeiro, veio uma seca que acabou com as colheitas; depois, uma onda de gafanhotos como nunca se vira antes; e por fim, mas não menos importante, uma epidemia de peste bovina<sup>92</sup> matou todo o gado. Todos esses azares foram, obviamente, atribuídos à vinda do homem branco, e quando apareceu uma oportunidade de erguer uma rebelião para se livrar dele, os matabeles foram rápidos em aproveitá-la.

---

<sup>90</sup> Porção norte e nordeste do atual Zimbabwe. O lado leste é a Manikalândia, o sudeste é Masvingo e há as Midlands, área central do país.

<sup>91</sup> Atual Harare.

<sup>92</sup> Doença viral, atualmente erradicada.

Por intermédio dos sacerdotes de seu deus, o “Mlimo”, os líderes do povo emitiram ordens para que numa certa noite, na lua nova, todos os homens deveriam se armar, e os regimentos reunirem-se nas proximidades de Bulawayo, entrar na cidade e matar todo branco que encontrassem. Quando a matança estivesse completa, deveriam atacar as fazendas e municípios e destruí-los.

Tudo poderia ter dado certo com esses planos, exceto por uma coisa. Em sua ânsia de limpar o território de brancos, alguns dos guerreiros atacaram as fazendas e propriedades que ficavam no caminho para Bulawayo, em lugar de esperar até o retorno. Apesar de muitos moradores terem sido assassinados, alguns conseguiram fugir, e entre eles estava o famoso naturalista e grande caçador Frederick Selous, que, com sua esposa, cavalgou para Bulawayo e deu o alarme para os cidadãos. Estes, em número aproximado de um milhar, imediatamente fortificaram o espaço do mercado e construíram um parapeito ao redor, com uma dupla linha de carroças, estocaram no local comida e munição, e organizaram uma força de defesa com os homens válidos da cidade.

Duas noites depois, os matabeles chegaram, para encontrar a cidade às escuras e com todas as casas trancadas. Suspeitaram de alguma armadilha preparada para eles; então, em vez de atacar, eles retiraram-se para fora da cidade e acamparam em volta por três lados, em número de aproximadamente 10.000, deixando um lado aberto para os brancos saírem – de uma vez por todas – se quisessem escapar com vida.

Nesse meio tempo, a notícia dos assassinatos de fazendeiros se espalhou – forças de socorro marcharam para a Matabelelândia. De Salisbury partiu uma coluna de socorro para Bulawayo; e o Coronel Plumer (depois Marechal-de-Campo Lord Plumer<sup>93</sup>) recrutou um corpo de

---

<sup>93</sup>Era um mês mais novo que B-P e ingressou no Exército no mesmo ano de 1876, só que na Infantaria, e cursou Sandhurst. Na Primeira Guerra Mundial, Plumer (1857-1932) comandou o V Corpo de Exército na 2ª batalha de Ypres (abril de 1915), assumiu o comando do II Exército em maio de 1915, em substituição a Horace Smith-Dorrien (Smith-Dorrien foi um dos poucos britânicos sobreviventes da batalha de Isandlwana, em 1879; apesar de um ano mais novo, era mais antigo que B-P; combateu também na Guerra dos Bôeres e, quando comandou o II Corpo de Exército em 1914, conduziu com êxito os

Fuzileiros Montados, deslocando-se do Cabo para o norte, via Mafeking. Ao mesmo tempo, o Coronel Robertson organizou um corpo de “Rapazes do Cabo” – nativos da Colônia do Cabo.

Enquanto vinham esses reforços – e levaria uns dois meses para chegarem a Bulawayo – os habitantes da cidade haviam organizado uma força de campanha, e estavam fazendo o melhor que podiam para derrotar o inimigo, mas obtendo apenas sucessos parciais, devido às dificuldades da situação.

Por esse tempo, Sir Frederick Carrington foi mandado para assumir o comando das tropas na área, e Baden-Powell foi como seu Chefe de Estado-Maior. A primeira carta de B-P, de Bulawayo para casa, é datada de 6 de junho de 1896:

*Estou-me dando esplendidamente bem aqui. Clima agradável, tempo cheio de coisas interessantes. Sou Chefe do Estado-Maior de Sir F. Carrington e vivo atropetado de trabalho – por ora, tudo trabalho administrativo, ai de mim. Tenho nas mãos toda a incumbência de enviar colunas de reconhecimento, em lugar de ser enviado com elas. Essa é a prisão do meu posto. Entretanto, espero que o General vá ele mesmo a campo muito em breve, e que tenhamos pelo menos uma boa luta.*

Em sua próxima carta, pode-se ver que ele não precisou esperar muito para que seu desejo fosse atendido:

*7 de junho. Interrompi minha última carta subitamente, porque acabou de chegar um relatório informando da proximidade do inimigo. Muito bem, claro que eu escapuli para dar uma olhada nele. Eu fiquei circulando e me divertindo mais ou menos por toda a noite, e ao amanhecer eu estava fora, no acampamento de uma coluna. Tomei a situação a meu encargo, e enviei uma mensagem para Bulawayo, para*

---

movimentos retrógrados em Mons e Le Cateau). Em junho de 1917, as forças sob seu comando venceram a batalha de Messines, cujo lance de abertura foi a explosão de várias grandes minas instaladas pelos *Royal Engineers* sob as linhas alemãs (o que ficou conhecido como “a mais ruidosa explosão da história”). Em novembro de 1917, comandou a Força Expedicionária Britânica enviada à frente italiana depois do desastre de Caporetto. Em 1918, reassumiu o comando do II Exército durante a Ofensiva de Primavera alemã e a Ofensiva dos Cem Dias, dos Aliados. Foi membro do Conselho da Sede Central dos Escoteiros.

*que todas as tropas disponíveis viessem para fora e se juntassem a mim – e eles vieram – e nós tivemos um ótimo pequeno combate. 1.500 inimigos tomaram uma forte posição com muitas de espinheiros, mas avancei contra eles com as tropas montadas, 200 homens, e, em vez de parar para abrir fogo, quando eles atiraram nós fizemos uma carga diretamente para cima deles. Foi esplêndido – eles retraíram e nós os perseguimos por três milhas, combatendo o tempo todo. Esses coloniais são ótimos nisso, divertindo-se tanto quanto um bando de garotos jogando polo.*

Num relato posterior desse combate, B-P escreveu:

*Depois descobrimos que esse impi (regimento) era formado por destacamentos representando todos os outros impis dos rebeldes. Foi-lhes dito pelo Mlimo (seu deus) que os homens brancos em Bulawayo estavam quase mortos pela peste bovina, e que eles deveriam vir e posicionar-se nesta elevação fora de Bulawayo e atrair os sobreviventes para fora; e, assim que os brancos tentassem atravessar o arroio, o Mlimo faria as águas se abrirem e engolirem-nos. O impi deveria, então, tomar posse da cidade e mantê-la em boa ordem, pois Lobengula (o falecido rei) estava para voltar à vida. Os rebeldes acreditaram piamente nessa história, e quando o arroio deixou de nos engolir eles ficaram meio estupefatos pela surpresa. Foi com esse tipo de crença que eles combateram em todas as ocasiões. Eles eram fanáticos, acreditavam em tudo que o Mlimo lhes dizia, e isso realmente respondeu por muito da coragem que eles demonstraram. Em várias ocasiões, eles nos atacaram com a maior bravura, a despeito das Maxims e outras armas de fogo que trouxemos para lidar com eles; frequentemente eles atacavam até chegar à boca do cano das armas, simplesmente porque seu velho Mlimo lhes dissera que nossas balas se transformariam em gotas d'água ao atingi-los.*

*Nossos cavalos estavam ficando assustadoramente indisponíveis por falta de alimento. No entanto, um abastecimento de forragem chegou hoje e esperamos que mais coisas comecem a chegar a partir de agora. Veja que estamos a 600 milhas da ferrovia. A peste bovina matou todos os bois que eram usados para tracionar as carroças, e estão tentando colocar muares em seu lugar. Passamos por 900 carroças abandonadas pela estrada, quando viemos para cá; em consequência, os preços andam*

*um bocado altos – 600 ml de champanhe por uma libra e dez shillings; ovos, trinta e sete shillings e seis pence a dúzia; alimentação mensal, vinte libras por três péssimas refeições diárias, sem vinho ou extras.*

As dificuldades no tocante a suprimento de alimentação para a tropa eram grandes, devido à falta de transporte, e a dupla missão de obter suprimentos e atacar o inimigo era bem desgastante.

As longas horas de trabalho burocrático eram bem tediosas para B-P, que ansiava por algo mais ativo; mas foi, afinal, na Matabelelândia que ele encontrou a grande oportunidade de pôr em prática seu conhecimento sobre reconhecimento e exploração. E esse conhecimento se mostrou valiosíssimo na condução dessa campanha. Ele escreveu:

*Uma trabalhadeira danada, especialmente no escritório, mas consegui fazer algumas saídas, e acabei de voltar de um reconhecimento de três dias, que me trouxe grande satisfação. Fui com um companheiro, o famoso explorador norte-americano Frederick Burnham. Fomos e reconhecemos a principal posição do inimigo nos montes Matopo – onde teremos de atacá-los quando reunirmos nossas forças. Atualmente, elas estão divididas em quatro colunas, movendo-se através do país, afugentando os vários regimentos do inimigo que vêm tentando se reagrupar; mas nossas forças estão assustadoramente limitadas, sem comida para os animais e com muito pouca para os homens, uma vez que a peste bovina matou todos os bois que serviam no transporte de comida para estas terras e poderiam depois ser carneados. O território está coberto pelas suas carcaças, e o fedor é abominável.*

*Ovos a quarenta shillings a dúzia; cerveja, dois shillings por uma caneca, nada de leite, nem enlatado, geleia a três shillings. Vivemos à base de pão, geleia e café. Conseguimos uma casinha bacana para o General e o Estado-Maior – sob o curioso sistema que têm aqui de desapropriação. O governo pode se apossar daquilo que lhe aprouver, cavalo, sela, charrete, casa, pertencente a qualquer um, usar e pagar um preço justo pelo que tomou. Esta casa pareceu ser adequada às nossas necessidades, e foi desapropriada, deixando-se dois cômodos para o proprietário. O clima aqui é ótimo, nem quente demais, nem frio demais,*

*sempre belo e com maravilhosas noites estreladas. Muita animação, com o inimigo por perto e sendo visto ou combatido todos os dias.*

*2 de junho. Eu desejaria ter mais tempo fora, em campanha, mas como temos que mover os cordões em várias direções (este comando abrange mais de 670 milhas em linha reta), temos que ficar aqui, na ponta da linha do telégrafo. Felizmente, o inimigo não está muito distante, mesmo aqui, e eu posso dar uma saída em qualquer noite e dar uma olhada nele.*

Muitos dos fugitivos dos *impis* desbaratados pelas forças britânicas no norte conseguiram seguir até os Montes Matopo, umas vinte e cinco milhas ao sul de Bulawayo, e passou a ser missão de B-P reconhecer essas montanhas. Isso tinha de ser feito à noite, e levou mais ou menos um mês nessas incursões noturnas de exploração para descobrir onde o inimigo se instalara. Os Montes Matopo eram um pedaço de terreno bem acidentado; elevações com mais de 800 pés de altura, constituídas por grandes massas rochosas, como que empilhadas, e grandes blocos de pedra, alguns lisos e com forma de domo, tão grandes quanto uma casa, outros de formato irregular ou semelhante a enormes paralelepípedos. Estas elevações eram cobertas por canas-da-índia e vegetação arbustiva, e no meio disso o inimigo escondeu suas posições.

Em 26 de julho, B-P escreveu, dos Matopos:

*Hoje estive fora por onze horas, numa patrulha no ponto-forte do inimigo. Não é a distância que cansa, mas a constante tensão de manter-se alerta. É muita diversão, muito excitante, e até agora tenho sido bastante sortudo e bem-sucedido. Mas é um território horrível para se combater, e não temos nem um quarto do efetivo necessário – mas se tivéssemos mais, não poderíamos alimentá-los. Estou aproveitando muito, agora que estamos em campo e fora da vida burocrática em Bulawayo. Não usamos barracas, simplesmente nos deitamos ao relento com belas fogueiras de toras aos pés e selas sob nossas cabeças, para nos proteger das correntes de ar. Claro que nunca tiramos o uniforme (exceto para ocasionalmente nos lavarmos), e saímos todas as manhãs, antes do dia clarear, prontos para um ataque.*

*Nosso equipamento seria capaz de causar-lhes surpresa e diversão. Parecemo-nos muito mais com os cowboys de Buffalo Bill, nada de uniformes. Mesmo eu, que deveria dar um melhor exemplo, circulo por aí num traje que parece de vagabundo, mas é extremamente confortável e funcional.*

Em suas expedições de exploração noturna, B-P costumava ir sozinho, acompanhado apenas por um nativo de confiança para segurar seu cavalo e servir de sentinela. Depois, ele relatou por completo suas muitas aventuras e escapadas por um fio, e falou da importância da exploração – referindo-se principalmente à capacidade de observação e dedução, olhar atento, olfato, e os métodos de Sherlock Holmes de juntar “dois mais dois<sup>94</sup>”.

Os matabeles acabaram por conhecê-lo bem, e batizaram-no *Impeesa*, “o lobo que nunca dorme”.

Nessas práticas, seu conhecimento e destreza nas agitadas danças folclóricas mostraram-se muito úteis, pois sem esse traquejo, ele relata que não teria sido capaz de escapar aos seus perseguidores, e certamente teria sido feito prisioneiro e torturado até a morte.

Justamente quando o reconhecimento nas Matopos se completara e os ataques estavam em preparação, vieram notícias de que a rebelião havia se espalhado para a Mashonalândia, que os mashonas estavam atarefados assassinando fazendeiros e que as cidades estavam rapidamente constituindo seus dispositivos de defesa. Isso foi devido a um grupo de matabeles que, após serem derrotados num combate, foram para a Mashonalândia e proclamaram a “notícia” de que todos os brancos haviam sido destruídos e que nenhum matabele havia morrido, desde que seu deus Mlimo convertera todas as balas hostis em água. Assim, eles aconselharam os mashonas a se rebelarem e a expulsarem os homens brancos para dentro do mar.

---

<sup>94</sup> Sobre isso, B-P conta, no *Escotismo para rapazes*, o caso da folha com cheiro de cerveja nativa, na *Conversa de Fogo de Conselho* nº 13.

Esta rebelião dos mashonas pôs mais vinte mil homens em campo contra as forças brancas, cujo efetivo total na Mashonalândia nem chegava a dois mil.

Consequentemente, Sir Frederick Carrington solicitou tropas imperiais do Cabo, e enviaram-se colunas de reforço imediatamente.

Enquanto isso, prosseguiram os ataques contra o inimigo nos Montes Matopo, e depois de umas três semanas de combate, com perdas de ambos os lados, os matabeles saíram de seus esconderijos e se renderam. Ainda restavam forças inimigas nas partes nordeste e leste da Matabelelândia, e as tropas imperiais, tendo chegado à região, foram enviadas para “limpeza” desses distritos. B-P foi posto no comando da coluna de Infantaria Montada e Engenheiros, reforçada por soldados coloniais, bôeres e Rapazes do Cabo – um grupo bem heterogêneo, mas combinaram-se bem operando juntos.

A próxima aventura foi, de certa forma, uma provação, uma vez que envolveu a condenação de um homem à morte. Ele estava com sua nova coluna e este é o relato que ele mesmo dá de como aconteceu:

*O primeiro lugar a que chegamos foi o ponto-forte de Uwini, a umas cem milhas de Bulawayo. Dois impis estavam imediatamente ao norte de nós, e outro entre nós e Bulawayo, então estávamos operando praticamente com nossos próprios recursos. O ponto-forte de Uwini consistia de oito koppies (um koppie é uma pequena montanha de blocos de pedra e grutas). A coluna tomou um desses koppies, mas nessa ação teve um morto e quatro feridos, e capturou um homem, que acontecia de ser o chefe, Uwini. Dois de nossos homens haviam, muito corajosamente, dado caça a ele em suas próprias grutas – era como rastejar numa valeta de drenagem – e eles se mantiveram atirando nele, e ele neles, no escuro, até que finalmente ele foi ferido e capturado. Uwini era um dos principais líderes da rebelião, e seu povo acreditava ser ele um dos chefes escolhidos pelo Mlimo e, portanto, seria imortal. Quando o capturamos, eu lhe solicitei que ordenasse ao seu povo que se rendesse, mas ele recusou. Ele disse que lhes havia ordenado que matassem todo homem branco e que se mantivessem firmes nos pontos-fortes, e que ele não cancelaria sua ordem. Era um camarada valente, mas não tínhamos*

*escolha. Ele foi julgado por uma corte marcial, provou-se que ele tomara parte no assassinato de pessoas brancas, e foi fuzilado em frente ao seu ponto-forte, onde todo o seu povo podia vê-lo. No dia seguinte, tínhamos um milhar deles chegando ao nosso acampamento: todos se renderam. Se não tivéssemos agido como o fizemos, certamente perderíamos mais homens além de matar um número maior de rebeldes; mas o fuzilamento desse homem teve o mesmo efeito, e fomos capazes de subjugar os outros rebeldes que estavam ao norte de nós.*

Por esse fuzilamento do chefe Uwini, o Alto Comissário ordenou ao Oficial-General Comandante das Forças (Sir Frederick Carrington) para prender o Tenente-Coronel Baden-Powell, a fim de ser julgado em corte marcial. O Gen Carrington recusou-se a fazer isso<sup>95</sup>, mas ordenou que se instaurasse uma Comissão de Inquérito, a qual se reuniu em 30 de setembro de 1896. A Comissão, tendo coligido todas as evidências ligadas ao caso, encaminhou os autos ao General. Estas evidências, junto com o relatório do comissário nativo ligado ao caso, mostraram amplamente que a ação de Baden-Powell era justificada.

Sir Frederick Carrington relatou o seguinte:

*Meu parecer é que as exigências militares das circunstâncias em que o Ten Cel Baden-Powell se encontrava ao tempo da captura de Uwini eram tais, que exigiam medidas de força, e os eventos subsequentes, em minha análise, provaram claramente que a pronta punição, em sua própria fortaleza e à vista de seus seguidores, de Uwini, poderoso e notório instigador do crime e da rebelião, exerceu uma influência muito completa no distrito ao redor, e indubitavelmente acelerou sua pacificação final.*

Outro especialista em assuntos sul-africanos, o Gen Henry Smyth, escreveu privadamente a B-P:

---

<sup>95</sup> Pelo contrário, chegou a propor a condecoração de B-P com a *Grand Cross of St Michael and St George*. A proposta não passou; B-P só receberia tal condecoração anos depois, por causa do Escotismo.

*Estou de fato contente que você tenha confirmado a sentença contra Uwini, quer você ganhe ou perca por causa dela, porque era o seu dever proceder dessa maneira.*

O caso de Uwini com seus resultados é um exemplo de um homem levando a efeito o que percebia ser seu dever, mesmo quando esse dever significasse condenar um ser humano à morte. Não deve ter sido uma tarefa agradável para ninguém, e é uma responsabilidade que poucos dentre nós queriam assumir.

À mãe, B-P escreveu:

*Bom, olhando para isso em retrospecto, eu faria exatamente a mesma coisa de novo (apesar de soar brutal, não é mesmo?), mas foi o meio de salvar um grande número de vidas, tanto de brancos quanto de negros. Teríamos de continuar a combater naquelas grutas por dias a fio, matando e perdendo muitos homens até que conseguíssemos induzir os sobreviventes a se renderem.*

Depois de Uwini ter sido fuzilado e sua gente se render, B-P continuou com sua coluna para a floresta e, dividindo a coluna em três fortes grupamentos, deu caça aos inimigos até que eles se cansaram de combater e saíram para se render. Tudo isto não foi feito em um dia, e foi feito sob extremas dificuldades, devido à pouca comida e, pior ainda, à escassez de água.

A última aventura em que B-P tomou parte, e que praticamente pôs fim ao levante dos matabeles, foi a captura do ponto-forte de Wedza – uma grande montanha com meia dúzia de picos elevados, cada um dos quais estava fortificado e ocupado pelo inimigo. B-P não se encontrava com forças suficientes para atacar o ponto-forte e, como não lhe agradava a ideia de deixá-lo de lado, jogou com blefe, cercando o local com pequenos postos por dois dias e uma noite, sustentando um fogo continuado de todas as direções, e acendeu uma cadeia de fogueiras ao redor à noite, para dar ao inimigo a impressão de que tinha uma grande força. Esse jogo teve o efeito desejado, e após dois dias o inimigo desertou

do ponto-forte e, após uma perseguição de 60 milhas, Wedza e ou outros chefes se entregaram.

Segue-se um pequeno extrato de uma carta que B-P mandou para casa a respeito desse ataque contra Wedza:

*Após escurecer, acendemos um círculo de fogueiras ao redor do ponto-forte, de modo a dar ao inimigo uma ideia da imensidade do nosso efetivo. O inimigo atacou nossas fogueiras uma ou duas vezes. Jackson, o Comissário para os Nativos, escapou por pouco. Ele veio a mim quando eu estava percorrendo os postos avançados, quando alguns inimigos que estavam ocultos nas rochas próximo à trilha lançaram-nos uma salva de tiros a curta distância. Jackson foi atingido no ombro, seu cavalo foi atingido na cabeça, e meu chapéu foi derrubado. Respondemos ao fogo e logo juntou-se a nós o 7º de Hussardos, sob comando do Príncipe Alexander de Tech, que rapidamente pôs os rebeldes em fuga. Durante a noite, os rebeldes escaparam do ponto-forte rumo às montanhas, o que, com nosso pequeno efetivo, não pudemos impedir.*

*O efeito do combate foi a tomada de um ponto-forte para o qual Wedza convocara todos os rebeldes a virem, já que era tido por inexpugnável. De fato, nos velhos dias essa fortificação havia sido bem-sucedida em desafiar Lobengula. Entretanto, agora está liberada e os rebeldes dos arredores começaram a vir para se renderem ao Comissário para os Nativos... Estou tão bem quanto possível, apesar de dever dizer que o trabalho de dois dias e uma noite contra Wedza me deixaram deitado por algumas horas.*

*14 de novembro: finalmente reuni-me a Sir Frederick, após dois meses de encantadoras expedições em patrulha com meu próprio comando independente. Cobrimos cerca de 700 milhas de território, tendo uma boa dose de aventura todos os dias.*

Enquanto isso, as tropas imperiais haviam chegado à Mashonalândia com munição e alimentos, e foram bem-sucedidas, após alguma luta, em subjugar os chefes rebeldes daquele território. Por volta

de 25 de novembro, todos eles já se haviam rendido e a rebelião como um todo chegou ao fim<sup>96</sup>.

Em 12 de dezembro, B-P escreveu:

*Acredito que, finalmente, estejamos a caminho de casa. Esperamos pegar o Dunvegan Castle, que parte da Cidade do Cabo em 6 de janeiro, mas primeiro temos de chegar à Cidade do Cabo, e há muitas pontas soltas para costurar neste país.*

*Partimos daqui (Umtali) amanhã, e esperamos chegar à ferrovia de Beira em três dias. Daí, em um dia devemos chegar a Beira se nos derem um trem especial, o que farão, já que Rhodes e as Senhoras Grey também estão indo. Então, iremos no Pongola, um vaporzinho costeiro sujo, levando três dias até Durban, de lá para Port Elizabeth; daí tomaremos o trem para o Cabo, onde podemos ter de ficar uma semana, conversando sobre a campanha com o Alto Comissário.*

Por seu bom trabalho na Campanha Matabele, B-P deu um passo adiante na carreira – foi promovido a Coronel.

---

<sup>96</sup> Dessa campanha, B-P trouxe como lembrança o berrante de chifre de kudu que foi usado no acampamento de Brownsea, na inauguração de Gilwell Park e na abertura do Jamboree da Maioridade (1929). O berrante foi doado a Gilwell Park. Assim relatou E.E. Reynolds.

## **CAPÍTULO X**

### **VELHOS LUGARES COM CARAS NOVAS**

*E mais perto, cada vez mais perto,  
Vem chegando o redemoinho vermelho.*

*(Thomas Babington Macaulay)*

Apesar de ter estado ocupadíssimo durante 1896, B-P ainda achou possível fazer um bocado de trabalho de escrita e desenho. Era maravilhoso como ele era capaz de achar tempo para escrever e desenhar tanto, mas, como ele mesmo disse certa feita em que lhe foi perguntado se conseguia achar tempo para fazer alguma boa ação para uma Tropa Escoteira: “Não, eu não consigo *encontrar* tempo, mas quando não consigo *encontrar* tempo eu *faço* tempo ao levantar-me um pouco mais cedo que de costume”.

Em 1º de março de 1897, ele voltou a reunir-se ao seu velho regimento, o 13º de Hussardos, em Marlborough Barracks, Dublin, como Comandante de Esquadrão. Mas não deu nem tempo de esquentar a cadeira, pois em poucos dias foi-lhe oferecido, e ele aceitou, o comando do 5º Regimento de Dragões da Guarda<sup>97</sup>, na Índia.

Por mais que lhe desgostasse a ideia de deixar o 13º, que fora seu lar por vinte anos, a despedida tinha de acontecer, ainda mais que ele era mais antigo que os dois oficiais que ocupavam funções acima da sua no regimento, e ele ainda teria sete anos para esperar antes de ser possível comandar o 13º.

A notícia de sua designação, tão jovem, para comandar um dos mais aguerridos regimentos foi recebida com encanto pelos seus muitos amigos, e cartas de congratulações jorraram de todos os lados, tanto

---

<sup>97</sup> Os dragões, diferentemente dos hussardos, eram como uma infantaria montada. Deslocavam-se a cavalo, mas combatiam preferencialmente a pé. Armados com mosquetes e espadas retas. Eram bastante usadas em operações de patrulhamento e, no século XIX, eram algo entre a Cavalaria Ligeira (Hussardos) e a Pesada (Couraceiros), e eram empregados para o choque. Essa designação para comandar outro regimento decorreu, também, do fato de B-P ser mais antigo que o comandante nomeado no 13º de Hussardos.

daqueles sob cujo comando ele servira, quanto daqueles que serviram sob seu comando. Ele se reuniu ao 5º de Dragões da Guarda, em Meerut, em abril de 1897. Escreveu para casa:

*Olhem para mim! Cheguei bem, e estou instalado em meu novo alojamento na minha velha estação. Dá quase para sentir como se eu tivesse estado longe por doze meses, e não doze anos. Estou encantado com o Regimento; é sem dúvida uma ótima unidade e em boa condição em todos os aspectos. Quando eu tiver terminado os ajustes necessários, vou correr atrás de alguns dias para visitar os Baker-Russells em Naini Tal, nas montanhas.*

Um dos novos deveres de B-P como Oficial-Comandante era apresentar-se ao Inspetor-Geral da Cavalaria, que estava então em Simla, e não deixou a grama crescer sob seus pés para fazê-lo:

*Era sábado à noite quando recebi seu bilhete solicitando ver-me e pensei que não haveria ocasião melhor que agora. Tarde da noite, obtive liberação do Comando Operacional em Meerut para uma ausência de três dias, e lá fui eu no trem da meia-noite, alcancei Kalka no sopé do Himalaia às 10:30 da manhã de domingo, saltei para a carroça do correio junto com os malotes, e fui chacoalhando para Simla em seis horas e meia, indo a galope quase o caminho todo, trocando de cavalo a cada quatro milhas. Um cenário esplêndido, com todo o trajeto numa estrada cortada na encosta da montanha. Simla<sup>98</sup> é muito agradável e de temperatura amena. Passei o dia todo da segunda-feira com o general, e à noite jantei com ele. Nesta manhã (terça-feira), parti às oito da manhã na carroça do correio, desembarquei mais ou menos a meio caminho e, alugando um pônei, cavalguei cinco milhas para Kasauli, onde há um pequeno depósito do meu regimento. Então, cavalguei nove milhas até Kalka, onde aguardo o trem da meia-noite para levar-me de volta a Meerut.*

---

<sup>98</sup> Nessa época, de Comandante do 5º de Dragões da Guarda, B-P perpetrou a farsa que registrou em *Lições da escola da vida* como “a mistificação de Simla”. Ele e o Capitão Agnew fizeram-se passar por correspondentes de jornais, sendo recebidos como convidados num jantar no qual B-P era, na verdade, o anfitrião.

B-P achou muito com que se ocupar durante os primeiros poucos meses de seu comando. Um oficial que serviu com ele em Meerut escreveu:

*Sua grande ideia era fatura de trabalho para manter longe a malária e as doenças, e nisso ele foi muito bem-sucedido. Ele também deu início a uma Leiteria Regimental, que nos fornecia bom leite. Antes dele assumir o comando, a febre campeava no regimento. Ele mesmo se punha no trabalho pesado.*

Além do laticínio, ele fez construir uma padaria, uma fábrica de água gaseificada, um clube de temperança, uma nova cozinha de acordo com as diretrizes sanitárias para o refeitório dos oficiais, e um acampamento regimental de fim-de-semana – tudo isso com grande sucesso. Mesmo em marcha a fábrica de água gaseificada, a padaria e a leiteria acompanhavam o regimento. Ele continuou a mexer com teatro com grande energia. Nesse tempo, ele expôs cinco quadros na Academia de Simla, que depois vendeu por sete guinéus cada!

1898 começou com muito trabalho à vista:

*Descobri que tenho um bocado de afazeres nas minhas mãos, tanto os do prazer quanto os do dever. Sou presidente do Clube Dramático de Meerut, sou Secretário do Clube de Caça ao Javali; fui designado Comandante Interino de uma Divisão incompleta que vai para seis dias de acampamento em Delhi. Sou Presidente da grande Competição Militar Anual, então vem nossa inspeção anual pelo Inspetor-Geral de Cavalaria – quatro dias de tormento ininterrupto.*

Em abril, ele foi numa bem-sucedida expedição de caça a tigres no Nepal, a convite de seu antigo Comandante, Sir Baker-Russell, que agora tinha um alto comando na Índia.

Em agosto, B-P teve dois meses de licença na Caxemira, e voltou com material para muitos artigos, assim como uma grande quantidade de esboços e desenhos – muitos dos quais viriam a ilustrar seu livro *Indian memories*.

A estação fria trouxe a retomada das atividades esportivas:

*Esta é a semana do nosso Torneio de Polo<sup>99</sup>, e em minha avançada idade ainda jogo pelo Regimento. Temos três times inscritos, o que mostra que o polo floresce entre nós.*

*Amanhã o Regimento vai concorrer no tiro, pela Taça da Rainha, e estou no time. Na próxima semana, sairemos para manobras de uma semana com estrutura mínima, e o General vai levar-me com ele como “Auxiliar de Crítica”. Então, faço as malas e vou para Cawnpore, para juntar três regimentos de cavalaria que compõem minha brigada, e trazê-los, em dezessete dias de marcha, para as manobras perto de Delhi, e após três semanas disso devo conduzir o 5º para Sialkote, uma marcha de trinta e sete dias, instalá-lo aí, e então ir para casa em licença<sup>100</sup>.*

Ao chegar a Sialkote, B-P voltou sua atenção novamente para as questões de conforto, saúde e felicidade de seus subordinados, conduzindo as mesmas reformas que fizera em Meerut. O regimento foi considerado em relatórios como a melhor unidade de qualquer exército na Índia nesse tempo, o que trouxe grande crédito ao seu jovem Comandante. Então, foi com a melhor das disposições que ele partiu em maio para uma licença na Inglaterra.

Enquanto isso, problemas estavam fermentando na África do Sul. Negociações entre os governos britânico e do Transvaal haviam chegado a um impasse quando B-P chegou à Inglaterra, naquele verão de 1899.

---

<sup>99</sup> É provavelmente dessa época o relato que B-P faz, em *Memories of India* (p.31), de seu encontro com o então Tenente Winston Churchill, do 4º de Hussardos, o qual, alguns anos depois, incluiria B-P entre os *Grandes homens do meu tempo*. B-P conta que, numa rodada comemorativa após uma competição, os oficiais entraram a propor brindes após brindes, e logo estavam bem “alegres”. Num dado momento, Churchill fez um discurso louvando o esporte do polo, bastante aplaudido. Depois, os colegas, para aquietá-lo, viraram um sofá por cima dele, com dois sujeitos pesados sentando em cima; o rapaz saiu de sob o sofá pelo ângulo entre o braço e o encosto, dizendo: “Sou de borracha da Índia, não sou fácil de prender”. Em seu período na Índia, Churchill chegou a participar de combates contra rebeldes afegãos. No ano seguinte, combateu na batalha de Omdurman, no Sudão, na supressão da Revolta dos Dervixes.

<sup>100</sup> No que dizia respeito ao treinamento dos esclarecedores, B-P instituiu e obteve a inclusão regulamentar de um distintivo de *Scout* qualificado para aqueles que demonstrassem proficiência nesse treinamento: uma insígnia com uma flor-de-lis como a que marcava o norte na bússola (*arrowhead*). Foi o primeiro distintivo de proficiência autorizado pelo Exército.

Com aviso de poucos dias de Lord Wolseley<sup>101</sup>, B-P seguiu para o Cabo com instruções para constituir localmente uma força para emprego na fronteira de Bechuanalândia e Rodésia<sup>102</sup>, donde se via que o governo britânico não pretendia assumir riscos, e que se percebia o que poderia significar uma guerra entre o Transvaal e a Grã-Bretanha.

B-P partiu de Southampton no *SS Dunnottar Castle* (“esperando fervorosamente não ser chamado de volta ao passar pela ilha da Madeira”). Antes de partir, ele recebeu instruções bem definidas sobre o que lhe caberia fazer. Ele deveria:

*Constituir dois regimentos de fuzileiros montados, e organizar a polícia local e voluntários de modo a estarem mobilizáveis em caso de guerra. Cabia à força:*

- 1. Proteger nossa fronteira de invasão, tão à frente quanto possível.*
- 2. Manter as tribos nativas do norte quietas.*
- 3. Evitar que os bôeres ficassem de posse de centros importantes como Bulawayo e Mafeking.*
- 4. Atrair o máximo possível de forças bôeres para longe da fronteira sul, ganhando tempo para que reforços britânicos pudessem chegar à Colônia do Cabo e Natal.*
- 5. Manter o prestígio britânico.*

Essas instruções guiaram as ações de B-P por toda a campanha. Ele tinha liberdade para determinar a distribuição de suas forças de acordo com as circunstâncias locais.

A fronteira que lhe fora designada para guarnecer estendia-se por quase quinhentas milhas<sup>103</sup>. Era evidente que para ter um mínimo de

---

<sup>101</sup> B-P conta essa anedota em *Lições da escola da vida*. Lord Wolseley chamou-o ao gabinete: “Quero que você vá para a África do Sul. Você pode partir no próximo sábado?”. B-P respondeu: “Não, senhor”. Ante essa inesperada resposta, o Comandante-em-Chefe vociferou: “Por que não?”. E B-P esclareceu: “Não há navio partindo no sábado, mas posso ir no que parte na sexta-feira”.

<sup>102</sup> Compreendendo partes dos atuais Botswana, África do Sul e Zimbábue.

<sup>103</sup> Em seu relatório sobre o Cerco de Mafeking, B-P registrou: “Com a guerra se tornando iminente, percebi que minha força seria muito fraca para ter qualquer eficácia se fosse espalhada ao longo da fronteira (500 milhas), a menos que fosse reforçada com mais homens e bons canhões. Dei parte dessa

eficácia, a força não deveria ser concentrada num único lugar; então, foram organizadas duas colunas independentes, uma na Rodésia, perto de Tuli, e a outra perto de Mafeking.

Nem sempre se compreendeu muito bem a importância de Mafeking do ponto de vista estratégico. Apesar de ser uma localidade pequena, com uma população pequena, desde há muito a cidade era o centro de comércio e trocas entre a Colônia do Cabo, a Rodésia e o noroeste do Transvaal. Era a grande praça de mercado daquela região, e para os bôeres de conduta mais doméstica e as numerosas tribos nativas dos Protetorados do Norte, era a única cidade conhecida. Por conta disso, ela tinha um valor exagerado aos seus olhos.

Mafeking, nos velhos dias, foi um permanente ponto de contenda entre bôeres e nativos até que os britânicos a tomaram de ambos.

Para os nativos daquelas plagas, Mafeking era o centro de seu pequeno universo, e entre eles era comum a frase “quem tem Mafeking tem as rédeas da África”. E a questão do lado a que eles iriam aderir dependia de quem tivesse Mafeking.

Além de sua posição como sede de governo dos distritos nativos do Protetorado<sup>104</sup>, Mafeking era o ponto de ligação entre a Colônia do Cabo, a Rodésia, Kimberley e Bulawayo. Era o posto avançado para qualquer desses territórios, e um inimigo que atacasse qualquer deles partindo do Transvaal teria primeiro que esmagar ou conter a força que guarnecesse Mafeking, que seria sempre uma ameaça às suas linhas de comunicações e à sua retaguarda.

Para auxiliá-lo no recrutamento e organização de suas forças, foi-lhe fornecido um grupo de oficiais especialmente selecionados. Entre eles estava o Coronel Herbert Plumer, que já fizera reputação na Campanha Matabele de 1896-97, e o Coronel C. O. Hore, que comandara infantaria montada com grande sucesso no Egito. A esses dois líderes inatos B-P

---

insuficiência, mas como não havia nada disponível, decidi concentrar minhas duas colunas em Tuli e Mafeking, respectivamente, por serem os pontos mais desejáveis a manter”.

<sup>104</sup> Bechuanalândia, hoje Botswana.

confiou a organização, respectivamente, dos Regimentos da Rodésia e do Protetorado. Como seu Chefe de Estado-Maior, tinha Lord Edward Cecil, Major dos Guardas Granadeiros e filho do então Primeiro-Ministro britânico.

O período de preparação foi muito difícil para todos; fardamento, equipamento, suprimento e transporte, munição, hospitais, ambulâncias, serviços veterinários, tudo tinha de ser improvisado a partir do escasso material disponível em Mafeking e Bulawayo.

Do começo de agosto até meados de setembro, continuaram esses preparativos para uma guerra que agora parecia inevitável, e B-P trabalhava dia e noite para que tudo ficasse pronto. Todos, do topo à base na hierarquia, trabalharam com tal empenho, que no final de setembro tudo estava pronto.

Dois regimentos tinham sido constituídos, recrutados, organizados e treinados, juntamente com seus cavalos, transporte, suprimento de alimentação, tens blindados, hospitais, etc.

B-P levou para o Cabo uma companheira que nunca antes fora empregada em serviço ativo – uma máquina de escrever. Sua primeira carta, datilografada por ele próprio está datada “Dentro do trem, Matabelelândia, 11 de agosto de 1899”:

*Esta é minha primeira tentativa na datilografia, querida Mãe, então a senhora vai ter que perdoar os erros. Estou a caminho, de Mafeking para Bulawayo, viagem de dois dias, e trouxe esta máquina comigo, pois como tenho muito que escrever e pensei que a viagem seria uma boa oportunidade para aprender, estou fazendo meus esforços inaugurais com a senhora, pelo que espero me perdoe. Este é, ou será quando eu me tornar mais hábil, um grande êxito, e supera a dificuldade de escrever no trem em movimento.*

De Bulawayo, em 29 de agosto, ele escreveu:

*Amanhã passarei a viver num acampamento, cerca de três milhas fora da cidade, vindo para meu escritório todos os dias. Desta forma, ganho ar fresco, exercício, e diminuo as despesas. É muito interessante o trabalho de preparar-nos para qualquer jogo que os bôeres tentem jogar*

*conosco, pois todas as nossas linhas ferroviárias e telegráficas estão instaladas ao longo de sua fronteira, de modo que eles podem interrompê-las a qualquer momento. Seus espiões estão continuamente entre nós. Todos bem e muito saudáveis.*

Setembro foi passado na elaboração de planos para defender a fronteira. No dia 22, ele enviou sua segunda carta datilografada à mãe – mostrando um significativo aprimoramento no manejo da máquina.

*Estou no trem novamente, correndo mais uma vez para Bulawayo depois de um período atarefadíssimo em Mafeking, comprando carroças e mulas e organizando a defesa da ferrovia, cujo trajeto na maior parte acompanha a fronteira, tão próximo dela que os bôeres só precisam chegar, explodir a linha e correr de volta para seu próprio território. Agora estou numa viagem curta para Bulawayo a fim de assegurar-me de que tudo está em ordem e pronto por lá antes que a guerra comece. Depois disso, retornarei a Mafeking e farei de lá meu quartel-general, já que é mais próximo dos locais mais prováveis de ação, e por ser no momento o local mais importante no meu comando.*

Até o final de setembro, B-P estivera organizando suas forças sob a autoridade de Sir Alfred Milner, Alto Comissário para a África do Sul, e o *Colonial Office*<sup>105</sup>; nesse tempo ele tinha a nomeação como Comandante-em-Chefe de todas as forças armadas na Rodésia e Protetorado da Bechuanalândia. No final desse mês, ele e sua força foram transferidos para o exército que se estava reunindo sob as ordens de Sir George White, o Oficial-General Comandante, que acabara de chegar a Natal, vindo da Índia.

Os problemas estavam chegando a um clímax. Em 2 de outubro, a diligência com os correios partiu de Mafeking para Johannesburg, para não retornar. Em 4 de outubro, B-P emitiu uma proclamação convocando os Fuzileiros de Bechuanalândia e a companhia de voluntários local, e

---

<sup>105</sup> Ministério das Colônias.

informou que assumira o comando de todas as forças armadas e das defesas de Mafeking.

Nesse tempo, ele vinha recebendo informações confiáveis sobre os movimentos e quantidades dos bôeres contra ele. Eles estavam se agrupando em Zeerust e Lichtenburg, em grande número, com canhões, com a determinação de interromper as ferrovias e correr para Mafeking, após o quê aproveitariam o êxito para se apoderarem de Kimberley e da Rodésia. Estavam sob o comando do experimentado combatente General Piet Cronje.

Baden-Powell agora percebeu que estava na iminência de sofrer ataque e bombardeio. Por isso, ele divulgou um aviso para que tantos quantos pudessem deixassem a cidade, e combinou com o Governador para que essas pessoas tivessem passagem gratuita para a Cidade do Cabo (cujo pagamento, depois, quiseram cobrar-lhe!).

De Mafeking, em 8 de outubro, ele escreveu para casa:

*Um exército bôer de três colunas, somando uns 6.000 ou 7.000 homens, acampou num raio de dez milhas daqui. Estive fora, durante a noite, fazendo reconhecimento dos arredores de seus acampamentos. Eles estão bem supridos de canhões e outras coisas. Agora, aguardamos o ataque que ameaçam empreender.*

*Quando cheguei aqui da Matabelelândia na semana passada, a população civil clamava por socorro e estava à beira do pânico. Anunciei que estava no comando e comecei a organizar os cidadãos numa Força de Defesa, a armar os homens e a fortificar o local. Agora estamos todos tão satisfeitos quanto garotos na praia. Estou enviando o máximo possível de mulheres e crianças para outras partes do território, para o caso de a cidade ser bombardeada. Agora preciso sair, pois planejamos um grande ataque contra a cidade para treinar a sua ação defensiva de modo a mantê-la conosco.*

Em 9 de outubro, B-P recebeu um telegrama de um de seus oficiais de Inteligência no Transvaal: “Espera-se chuva forte, atenção ao seu feno”. Este texto, decodificado, significava “Guerra prestes a começar”. Paul Kruger, Presidente do Transvaal, emitira um ultimato.

Em 11 de outubro, o Cel Herbert Plumer, com a coluna do norte, chegou a Tuli, vindo de Bulawayo, e posicionou-se seguramente lá. B-P viu que estava sujeito a ser isolado do restante do mundo, e telegrafou ao Cel Plumer dizendo que, se as comunicações fossem cortadas, ele deveria assumir o comando de todas as forças na Rodésia, com o objetivo de ameaçar o norte do Transvaal, enquanto ele, B-P, faria o mesmo desde Mafeking, com o objetivo essencial de “darem-se as mãos” e operarem juntos novamente assim que a oportunidade se apresentasse.

## CAPÍTULO XI

### A GUERRA SUL-AFRICANA, 1899-1902<sup>106</sup>

*Agradeço a quaisquer deuses que existam  
Por minha alma inconquistável.*

*(William Ernest Henley)*

Eis uma cópia da proclamação anunciando que a guerra fora deflagrada.

*Nota do Oficial Comandante*

*Forças da Rodésia e Protetorado da Bechuanalândia.*

*Em consequência de terem as Forças Armadas da República Sul-africana cometido um ostensivo ato de guerra ao invadirem território britânico, faço saber que existe um estado de beligerância e que a Lei Civil está suspensa para o corrente período, e que proclamo Lei Marcial, a partir desta data, no Distrito de Mafeking e Protetorado da Bechuanalândia, em virtude dos poderes a mim conferidos por Sua Excelência, o Alto Comissário.*

*R.S.S. Baden-Powell, Coronel.*

*Comandante das Forças de Fronteira.*

*Mafeking, 12-10-1899.*

Assim, em 13 de outubro, B-P e suas forças viram-se sitiados em Mafeking<sup>107</sup>.

Durante o período de preparação, B-P conseguira reunir suprimentos suficientes para manter a Força do Protetorado por quatro

---

<sup>106</sup> A Segunda Guerra Anglo-Bôer, que ficou conhecida como a Guerra dos Bôeres ou do Transvaal, durou de 11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902. A Primeira Guerra Anglo-Bôer foi de dezembro de 1880 a março de 1881; por sua brevidade e por ter findado com vitória bôer, anulando a tentativa de anexação do Transvaal pelos britânicos, é menos conhecida; seu principal combate foi a batalha de Majuba Hill, 27/02/1881.

<sup>107</sup> Três importantes cidades foram submetidas a cerco pelos bôeres nos primeiros meses da guerra: Mafeking, Ladysmith e Kimberley. Nenhuma delas foi tomada. As derrotas britânicas nas batalhas de Colenso (dezembro de 1899) e Spion Kop (janeiro de 1900) resultaram de tentativas de levantar o cerco de Ladysmith, e a derrota em Magersfontein (dezembro de 1899), da tentativa de levantar o cerco de Kimberley.

meses. O Governo do Cabo<sup>108</sup> havia assumido a tarefa de proteger a ferrovia com destacamentos da Polícia do Cabo. Planos haviam sido feitos para encaminhar telegramas por linhas interiores, distantes dos bôeres, usando mensageiros a cavalo para levar as mensagens nos intervalos entre estações. Pombos-correio também estavam disponíveis para serem lançados com mensagens de Mafeking. Os oficiais de Inteligência haviam preparado bons mapas do distrito.

O trem blindado construído em Bulawayo e Mafeking compunha-se da locomotiva blindada, com um vagão armado à frente e outro atrás. Levava uma metralhadora Nordenfeldt e uma metralhadora Maxim – o trem era, claro, inteiramente à prova de balas. Minas defensivas foram instaladas ao redor da cidade, assim como numa elevação cerca de duas ou três milhas a sudoeste, onde se esperava que os bôeres fossem posicionar sua artilharia.

Lord Edward Cecil organizou os meninos da cidade em um corpo de mensageiros<sup>109</sup>, obtendo dessa forma liberar um número maior de homens aptos para missões de combatentes. Como artilharia, B-P tinha um canhão-revólver Hotchkiss de uma libra (peso do projétil)<sup>110</sup> e quatro míseras peças de sete libras<sup>111</sup>, duas das quais muito velhas e com as miras defeituosas, e montadas em carretas desgastadas e com as rodas bambas; esses dois “canhões de estalo” tinham sido enviados do Cabo, como reposta ao seu requerimento por peças modernas de artilharia. As necessárias miras e suportes, novas rodas, etc., tiveram de ser feitas em

---

<sup>108</sup> As províncias do Cabo e Natal eram território britânico. Transvaal e Orange formavam a República Sul-Africana. Após a guerra, juntaram-se as quatro províncias, sob administração britânica até a obtenção da autonomia como União Sul-Africana, em 1910, passando a fazer parte da Comunidade Britânica de Nações com status semelhante ao de Austrália, Nova Zelândia e Canadá.

<sup>109</sup> O Corpo de Cadetes de Mafeking tinha por comandante o Cap Charles Goodyear, e por *Regimental Sergeant-Major* o filho deste, Warner, que à época tinha 12 anos e morreria em 1913.

<sup>110</sup> Canhão-revólver no sistema Gatling, com cinco canos em calibre 37 mm num tambor giratório, capaz de disparar até 68 tiros por minuto. Armas modernas no sistema Gatling, acionadas eletricamente, conseguem atingir cadências de tiro elevadíssimas (4.000 a 6.000 tiros por minuto).

<sup>111</sup> Canhões de montanha em calibre 64 mm, com alcance máximo de 2.700 m, carregados pela boca.

Mafeking, mas num tempo surpreendentemente curto as peças apareceram prontas para o serviço<sup>112</sup>.

Uma ferrovia especial para comunicações fora lançada por uma milha e meia ao redor na face nordeste da cidade, para uso pelo trem blindado e, claro, para defesa da cidade.

Quanto a metralhadoras, além das instaladas no trem blindado, B-P tinha seis Maxims<sup>113</sup> e uma velha Nordenfeldt<sup>114</sup>.

O posto de comando foi instalado no Dixon's Hotel, na praça do mercado de Mafeking.

Seu efetivo consistia de aproximadamente 1.000 combatentes irregulares brancos, 450 da Polícia Sul-africana e do Cabo, 390 homens sem treinamento na Guarda Municipal, setenta voluntários, mais 468 nativos armados. Opondo-se a esse punhado de defensores estavam quatro fortes *Commandos* bôeres, totalizando quase 9.000 *burghers* armados que tinham consigo pelo menos sete modernos canhões de campanha e nove Maxims.

Em seu diário de Estado-Maior, B-P fez uma detalhada descrição de Mafeking e seus arredores:

*A cidade tem forma retangular, e a posição que ocupa capacita-a bem para a defesa. Terreno aberto em toda a volta, mas sofrendo ligeiro comandamento pelo terreno elevado 3.000 jardas a sudeste.*

*O vale do arroio ao sul da cidade poderia prover boa cobertura contra o fogo, mas está cheio de casas dos nativos. Se os nativos forem armados, podem impedir o inimigo de usar essa vantagem do terreno. Como medida adicional de segurança, estabeleci um posto em um prédio*

---

<sup>112</sup> Foi confeccionado em Mafeking, também, durante o Cerco, um obuseiro, batizado *The Wolf*. Peça improvisada, capaz de dar defeitos, mas que deu algum reforço aos defensores.

<sup>113</sup> Metralhadora com funcionamento por meio de recuo do sistema por ação dos gases (parte dos gases da explosão do cartucho empurra o ferrolho para trás, extraindo o estojo usado e fazendo apresentar-se novo cartucho, que será carregado no avanço do sistema). Com variações no mecanismo, é o princípio de funcionamento adotado na imensa maioria das metralhadoras. Era a metralhadora mais moderna à época. O nome vem do projetista Hiram Maxim (1840-1916). As Vickers-Maxim, em suas sucessivas e variadas versões, foram usadas pelo Exército Britânico de 1886 até o fim da Segunda Guerra Mundial.

<sup>114</sup> Metralhadora com cinco canos em linha, disparando-os em salva (os cinco canos juntos).

*destacado, com comandamento sobre o vale. O aldeamento nativo a sudoeste da cidade impede que o inimigo use o vale para progredir dessa direção. Os nativos (maioria dos homens armada) somam de 2.000 a 3.000.*

*Os depósitos de água, uma milha a nordeste da cidade, são passíveis de nos serem isolados, mas existem alguns bons poços na parte norte da cidade, e há uma estação de bombeamento a vapor na ponte da ferrovia.*

*Os suprimentos nos armazéns são fartos.*

*O perímetro das obras de defesa é 10.200 jardas (cerca de cinco milhas e meia). Nesta linha, construímos trinta e quatro pontos-fortes, unindo-os com trincheiras de ligação [sapas] e de apoio onde se fez necessário.*

*A população branca consiste de 1.000 homens e 437 mulheres e crianças. A população de africanos é em torno de 4.000.*

Em 13 de outubro, a guarnição teve seu primeiro engajamento com os bôeres. Um nativo trouxe um relatório de que os bôeres estavam na ferrovia, cinco milhas ao sul da cidade. O trem blindado foi enviado de Mafeking, o inimigo levou alguns tiros e desapareceu no meio da densa vegetação e das rochas.

Nesse mesmo dia, o chefe da estação relatou que dois vagões contendo dinamite estavam parados no pátio. Ali eles eram uma fonte de risco para a cidade, então B-P determinou que fossem levados para o norte, por uma locomotiva especial. O maquinista recebeu instruções para empurrar os vagões à sua frente, e quando enxergasse um bando de bôeres, deveria largar os vagões e retroceder com a máquina para dentro de Mafeking.

Os bôeres abriram fogo sobre os vagões e eles explodiram. Esse truque deixou-os de orelha em pé. Eles pensavam que estavam atacando dois vagões mais ou menos vazios. Quando a dinamite explodiu, eles ficaram horrorizados, e daí para a frente foram sempre muito receosos do trem blindado.

No dia seguinte, o trem blindado saiu novamente para engajar os bôeres. O inimigo replicou com o fogo de uma Maxim de uma libra. Houve fogo pesado por quinze minutos, e então cessou. B-P, temendo pela segurança do trem blindado, enviou o esquadrão de reserva para aliviar a pressão sobre o trem. Mais tarde, chegou uma mensagem do trem informando que as tropas foram pesadamente engajadas por fogos sete milhas adiante, e precisavam-se reforços. B-P despachou uma peça de sete libras e um pelotão para dar cobertura ao retraimento.

A ação cessou às 10:30h da manhã. Baixas na guarnição foram dois homens mortos, um mensageiro ciclista desaparecido, dois oficiais e treze praças feridos. Quatro cavalos foram mortos e doze, feridos. Essa foi a primeira lista de baixas de Mafeking.

No mesmo dia, foi recebido um relatório em Mafeking, vindo da polícia em Maribogo, informando que o segundo trem blindado que fora prometido a B-P, e cuja viagem tinha sido retardada em Vrijburg, tinha sido capturado pelos bôeres em Kraipan. A locomotiva foi atingida por um obus de doze libras, que destruiu a caldeira.

Chegou uma carta de Piet Cronje, o general bôer, dizendo que ele tinha nove britânicos feridos e vinte e dois prisioneiros, todos do trem blindado.

No dia seguinte, B-P fez uma revisão do combate do dia 14 e registrou:

*Os homens comportaram-se de maneira excelente e operaram exatamente da maneira como havíamos treinado, exceto por terem esquecido um princípio que estabeleci quando emiti as ordens: “blefem o inimigo com demonstrações de força quanto quiserem, mas não se deixem colocar fora de contato sem ordens, a menos que vocês atraiam outros para situações difíceis em seus esforços para apoiar vocês<sup>115</sup>”.*

---

<sup>115</sup> Blefar o inimigo foi uma das principais armas de Baden-Powell. Fez plantar campos de estacas entre as quais os homens passavam como se elas estivessem unidas por arame farpado; fazia desfilar por trás de anteparos conjuntos de fuzis atados a um par de varas levado ao ombro por dois soldados, dando a impressão de ser uma fração de tropa em marcha; fez enterrar caixotes com areia, detonando um que continha explosivos, para fazer crer que haviam plantado minas; e muitos outros recursos de simulação.

Nessa mesma noite ele percorreu todas as posições da defesa e alertou as pessoas para esperar por bombardeio.

Em 16 de outubro, o primeiro obus foi disparado contra a cidade. Daí por diante, durante todos os sete meses do cerco, Mafeking era bombardeada diariamente, com exceção dos domingos – o domingo foi reconhecido como um dia de trégua por ambos os lados.

Nessa mesma tarde (de 16), às duas e quinze, um emissário com uma bandeira de trégua veio do lado dos bôeres para perguntar a B-P se ele se renderia, para evitar maior derramamento de sangue. A essa demanda ele enviou uma resposta simples: “Por quê?”.

Em 17 de outubro, ele registrou:

*Nosso abastecimento de água foi, é claro, interrompido, mas por algum tempo isso não nos afetará, uma vez que todos os habitantes foram avisados com alguns dias de antecedência para encher todas as cisternas e os trabalhadores da ferrovia, para encherem os reservatórios, vagões, tênderes, etc.*

Quando esses reservatórios se exauriram, um meio de abastecimento de água improvisado já estava disponível, pela abertura de dois poços perto do arroio Molopo. Destes poços, carretas de água se enchiam todas as noites e depois eram posicionadas para o dia seguinte em lugares convenientes da cidade para uso pelos moradores.

B-P registrou:

*Na segunda etapa de seu tiroteio de hoje, os bôeres estavam obtendo o alcance e disparando contra um simulacro de fortificação que fiz erguer no exterior de nossas linhas de defesa, com mastro e bandeira nele. Mandei construir outra fortificação falsa com simulacro de canhão, mastro de bandeira, etc., a instalar-se 200 jardas à frente de Cannon Koppie para exclusivo uso do inimigo.*

Chegaram notícias de que Cronje já assumira um respeito profundo por Mafeking, e que não estava preparado para lutar contra cargas enormes de dinamite e minas plantadas no campo<sup>116</sup>.

Em 20 de outubro, B-P recebeu uma carta de Cronje, informando que, como ele não tinha condições de tomar Mafeking sem bombardeá-la, começaria a disparar os obuses sobre a cidade na segunda-feira às seis da manhã.

Em 21 de outubro, B-P enviou uma resposta à mensagem de Cronje, dizendo que lamentava que Cronje não fosse capaz de tomar Mafeking sem bombardeá-los – mas que ele se sentisse livre para tentar por esses meios. Ele pediu a Cronje, no entanto, para respeitar as bandeiras da Cruz Vermelha<sup>117</sup>, das quais havia três: uma no Convento, uma no hospital e uma no campo das mulheres<sup>118</sup>.

Em 23 de outubro, o inimigo começou a bombardear a cidade. Os obuses eram dirigidos principalmente para o acampamento do Regimento do Protetorado, onde o comandante havia, propositadamente, deixado as barracas instaladas, para atrair o fogo, ficando os homens em trincheiras e em abrigos escavados. Os cavalos estavam no leito do rio ou em outros recantos abrigados<sup>119</sup>.

---

<sup>116</sup> Além disso, B-P fizera que suas forças mantivessem o inimigo inquieto, com incursões do tipo “morder e correr”, variando o modo e o local. Destacou em seu relatório as ações feitas em 14, 17, 20, 25, 27 e 31 de outubro e 7 de novembro.

<sup>117</sup> Após as batalhas de Magenta e Solferino, Henri Dunant, suíço, criou a Cruz Vermelha, entidade não-governamental internacional dedicada ao socorro às vítimas de conflitos e calamidades. Reconhecida por convenções internacionais por seus status não-combatente e conduta humanitária, o símbolo da cruz vermelha (crescente vermelho, para os muçulmanos) foi adotado também para representar os órgãos e pessoas que atuam nessa direção: médicos, enfermeiros, hospitais, ambulâncias. Alvejar instalações que ostentam a cruz vermelha é crime de guerra – em contrapartida, também é crime de guerra usar o símbolo da cruz vermelha para encobrir atividades ligadas ao combate (deslocamento de tropas ou transporte de munições em veículos identificados como ambulância, acampar tropa dentro ou nas vizinhanças de instalações hospitalares, etc.).

<sup>118</sup> Segundo o relatório de B-P sobre o Cerco, houve ocasiões em que os bôeres desrespeitaram a bandeira da Cruz Vermelha e bombardearam esses locais claramente identificados. Ainda segundo B-P, os bôeres usaram a bandeira da Cruz Vermelha para encobrir a ocupação de posições por peças de artilharia em 24, 30 e 31 de outubro.

<sup>119</sup> Em 25 de outubro, os bôeres tentaram um ataque, que foi repellido; em 27 de outubro, foram atacados de volta pelos defensores de Mafeking. Em 31 de outubro, os bôeres fizeram uma nova

Em 31 de outubro, B-P encontrou um tesouro, na forma de um velho canhão de dezesseis libras. Tinha as iniciais B e P, de “Barley Pegg & Co.”, os fundadores – uma curiosa coincidência. Foram dadas instruções para que essa velharia fosse posta em condições de operar e que se moldasse munição para ela. Nesse dia, dois bons oficiais foram mortos<sup>120</sup>.

No final do mês, B-P relatou que o bombardeio inimigo fizera poucos danos à cidade, e as baixas até então tinham sido poucas, mas que o zumbido constante do projétil do fuzil Mauser estava dando nos nervos das pessoas.

Novembro começou com o bombardeio do costume.

B-P devotou a maior parte do seu tempo a aperfeiçoar e estender seu sistema defensivo. No seu diário de Estado-Maior de 1º de novembro, há um excelente esboço de mapa das fortificações.

O bombardeio da cidade estava a tornar-se agora mais intenso e os prédios estavam começando a sofrer, mas, devido ao fato de a maioria das casas ser construída em madeira, chapa metálica, adobe ou pau-a-pique, os obuses não produziam tanto dano quanto se esperava, já que varavam as paredes em lugar de explodi-las em pedaços, como seria o caso com edificações de alvenaria ou pedra.

Em 4 de novembro, a cidade foi bombardeada das cinco e meia às seis da manhã, das nove às onze, e das duas e meia às cinco da tarde. A guarnição teve apenas sete baixas, graças ao sistema de abrigos escavados que fora completado.

Em 10 de novembro, B-P registrou que a cidade foi bombardeada a partir de um novo espaldão que os bôeres haviam construído em Game Tree, mas que a maioria dos projéteis caiu na fortificação fajuta.

---

tentativa, precedida de intenso fogo de artilharia; a força assaltante foi repelida pelo fogo das Maxims e do canhão de 7 libras. Em 7 de novembro, foi feita uma incursão contra os bôeres. Em 26 de dezembro, em Game Tree Hill, houve uma incursão mal-sucedida dos defensores contra os bôeres, por cujo insucesso B-P chamou a si toda a responsabilidade.

<sup>120</sup> Cap Douglas Marsham e Cap Charles A. K. Pechell. Morreram também 4 praças nesse combate. Houve 5 feridos, dos quais dois morreram no dia seguinte.

Domingo, 12 de novembro, foi um dia comum como os outros. Levaram-se a efeito partidas de críquete e a banda dos Voluntários tocou no hospital e no campo das mulheres.

A esse tempo, as defesas orientais foram completadas e interligadas por caminhos cobertos.

Em 14 de novembro, B-P promoveu um censo, que mostrou: Brancos, 1.074 homens, 229 mulheres e 405 crianças; nativos, 7.500 no total declarado. Abastecimento: carne, viva e enlatada, 180.000 libras; aveia e farinha, 188.000 libras; milho, 109.100 libras.

As rações requeridas diariamente para os brancos eram 1.340; nativos, 7.000; assim, havia rações para 134 dias para os brancos, e para 15 dias para os africanos.

No dia seguinte, *Gretje* (apelido dado pela guarnição ao maior canhão bôer) disparou seu trecentésimo projétil contra a cidade.

No diário para o dia 17, B-P registrou:

*A monotonia e a tensão do serviço nas trincheiras e o contínuo chamado às armas estão começando a desgastar os oficiais e praças. À noite, enviei um mensageiro para Kimberley com cartas informando nossa situação.*

Em 18 de novembro, o inimigo ficou mais agressivo. Avançaram sua bateria na elevação a sudeste uns 300 metros, e na frente noroeste eles levaram seus postos avançados para mais perto do cemitério. Esses movimentos tiveram contramedidas por parte da guarnição, pela extensão dos trabalhos de sapa em direção a essas novas obras do inimigo.

Em 21 de novembro, a cidade foi bombardeada continuamente, das cinco da manhã até o pôr-do-sol. Dano considerável foi feito às obras de defesa<sup>121</sup>.

---

<sup>121</sup> A segunda fase do Cerco, segundo o relatório de B-P, novembro, dezembro e janeiro, teve uma redução no efetivo bôer, mas que continuou a ser bem maior que o dos sitiados; nesse período, os bôeres procuraram levar suas trincheiras e sapas para mais perto da cidade, o que levou os defensores a cavarem contra-trincheiras, que acabaram obrigando os atacantes a retraírem para mais distante do alcance dos tiros. A terceira fase foi de fevereiro até a chegada da coluna de socorro.

No domingo, 10 de dezembro, realizaram-se competições esportivas para a população e a guarnição, mas a banda já não era capaz de tocar – um obus destruíra muitos dos seus instrumentos.

No Dia de Natal, 25 de dezembro de 1899, por consentimento tácito de ambas as partes beligerantes, não se dispararam tiros, e ambas as partes guardaram o Dia de Natal como feriado.

Em 26 de dezembro, B-P chegou à conclusão de que já era tempo de a guarnição se fazer um pouco mais ofensiva. Com isso em mente, ele deu ordens para que se fizesse um ataque em Game Tree Hill. Uns 300 homens com canhões, Maxims e o trem blindado foram empregados no ataque. Às duas da manhã a força fez formatura, e pouco depois de alvorecer os canhões britânicos abriram fogo. O avanço foi feito de forma bastante aguerrida, e o movimento todo se conduziu sem falhas. Alcançaram a fortificação bôer, que descobriram ser um espaldão abaixo do nível da superfície, com dois níveis de seteiras e dispendo de telhado. A única entrada estava bloqueada por sacos de areia. Aqui os atacantes sofreram baixas pesadas. Tendo dado castigo pesado sobre os bôeres, a força retraiu com a perda de vinte e quatro mortos e vinte e três feridos.

Esse considerável número de baixas e o aumento dos casos de doenças na cidade, devido às rações de má qualidade, demandaram a reorganização dos serviços de saúde. Estabeleceram-se três hospitais: um hospital geral, um para convalescentes e um para mulheres e crianças.

Em 30 de dezembro, a dificuldade em se dispor de troco miúdo tornou-se aguda, e era impossível vender menos carne do que o equivalente a seis *pence*, por não existir moeda de valor mais baixo. Por isso, B-P emitiu notas de papel-moeda especiais.

Janeiro correu tranquilamente, mas em fevereiro a vida na cidade sitiada ficou mais tensa. Em 1º de fevereiro, *Gretje* disparou seu nongentésimo obus. Durante este mês, fez-se outra conta das provisões e calculou-se por quanto tempo ainda poderiam durar. Também havia forragem suficiente para apenas quinze dias, e 356 projéteis para a artilharia. Havia suficiente aveia, farinha, etc., para a guarnição se

sustentar por 105 dias, desde que se considerasse ser permitido fornecer apenas meia libra por cabeça, por dia. Mas os suprimentos para os africanos estavam acabando. Foi preciso implantar cozinhas para fornecerem sopa de carne de cavalo.

Com a aproximação do fim do mês, a guarnição levou suas obras defensivas um pouco mais para perto do inimigo, com a ideia de mais para a frente usá-las para fazer minagens.

Em 23 de fevereiro, B-P relatou:

*Nossa cozinha de sopa na cidade está funcionando com grande sucesso. O trabalho de hoje com ela foi o seguinte: meio cavalo, 250 libras; milho, 15 libras; casca de aveia, 17 libras. Isso deu 132 galões de sopa com a consistência de mingau. Cinquenta libras disso alimentarão 100 nativos.*

*Outro caso de morte por inanição ocorreu hoje, o terceiro de que se tem notícia.*

*26 de fevereiro. O obuseiro artesanal de seis polegadas foi dado por pronto e levado para fora para disparar, mas a carga deformou a junção da culatra com o cano. Outro dia de trabalho para colocá-lo em condição de uso.*

*Começaram a funcionar três novas cozinhas de sopa.*

Em 28 de fevereiro, mensageiros conseguiram entrar na cidade com despachos. Destes, soube-se que Kimberley tivera o cerco levantado em 9 de fevereiro, e essa boa notícia trouxe nova coragem à guarnição.

Os mensageiros eram nativos que conseguiam se esgueirar para dentro e para fora do cerco à noite, passando por entre os postos inimigos com cartas e documentos. Eles levavam essas cartas dentro de pequenas bolas cobertas com o papel de chumbo usado para empacotar chá. Essas bolas eram enfiadas por um cordão, juntando-se para formar um colar que pendia do pescoço do mensageiro. Em caso de perigo de ser capturado pelo inimigo, o mensageiro poderia largar seu colar sobre o chão, onde poderia ser confundido com as pedras, e ele não teria nada consigo que pudesse incriminá-lo. Cartas e despachos eram sempre escritas com tons animados, de tal modo que se viessem a cair em mãos

inimigas, dar-lhe-iam uma falsa impressão e nenhuma dica sobre as tensões que a guarnição sofria. Os mensageiros recebiam quinze libras por cada vez que transpusessem as linhas com êxito. Mas uma boa quantidade deles foi capturada e fuzilada pelos bôeres, então eles bem faziam por merecer seu pagamento.

Durante a primeira semana de março, fez-se uma nova estimativa da comida disponível, o que levou à formulação da seguinte escala de rações: meia libra de carne, 115 gramas de farinha, 55 gramas de arroz ou legumes. Chá, café e açúcar. Em 16 de março, os defensores apresentaram um tipo de “seteira aperfeiçoada” para suas trincheiras da linha de frente. Esse aparato consistia de um escudo de chapas de aço, com uma abertura para o cano do fuzil com um quadrado de três polegadas de lado. As chapas de aço eram camufladas e rodeadas por sacos de areia. Os atiradores de precisão do Corpo Colonial relataram considerá-las excelentes. Eles punham um homem em cada seteira. Quatro deles começavam a cantar acompanhando uma concertina. Os bôeres, ficando intrigados com o que isso poderia significar, começavam a espiar por suas próprias seteiras. Um mais ousado olhou por cima do parapeito. Os atiradores o mataram<sup>122</sup>.

A essa altura dos acontecimentos, B-P foi informado que teria de estar preparado para se aguentar até meados de maio. Essa notícia, é claro, foi um duro golpe para todos os envolvidos, já que todos esperavam fervorosamente que o socorro chegaria bem antes disso<sup>123</sup>.

---

<sup>122</sup> Entre outros recursos criativos do Cerco, houve a confecção de minas e granadas de mão usando latas vazias de mantimentos. Um dos militares da guarnição (Sgt Page) desenvolveu grande perícia em lançar tais bombas caseiras a longa distância usando uma vara de pescar; a linha, na qual se prendia a carga a ser lançada, aumentava o momento da força do lançador, como quando se lança um anzol iscado.

<sup>123</sup> Marguerite de Beaumont (*The Wolf that never sleeps*) conta que houve uma ocasião durante o Cerco em que B-P teve um momento de moral baixo. Um dos seus subordinados (um velho nativo que tinha a missão de recolher detritos), numa manhã em que ele percorria as posições, notou a sombra em seu semblante e perguntou o que o afligia. B-P respondeu que tinha dúvidas quanto ao futuro; o nativo tirou de seu próprio pescoço um cordão de couro com um amuleto e deu-o a B-P, dizendo que o amuleto o protegera por toda a vida e que, como já estava no fim da jornada, o patuá seria mais útil a B-P, que

As carências já começavam a se fazer aparentes. Notas de banco e selos postais, e moedas como meio circulante tinham já desaparecido, mas B-P estava à altura da ocasião. Ele mesmo fez o desenho para notas de banco de uma libra, dez *shillings*, três *shillings* e um *shilling* para distribuição imediata<sup>124</sup>. Ele também deu jeito de emitir selos postais, tanto para a própria cidade quanto para Bulawayo.

Em 22 de março, B-P fez o seguinte registro no diário do estado-Maior:

*A proposta é atribuir os valores de selos de 1 penny para a cidade, três pence para o forte, um shilling para as elevações, comprando selos do Governo e aplicando uma sobretaxa neles.*

Esses procedimentos iriam adiante para o pagamento de mensageiros, cuja despesa chegou a quase 400 libras. Esses mensageiros eram de livre uso pelo público e pela imprensa, e até então as cartas eram levadas gratuitamente. Mas não havia selos oficiais suficientes para circular.

Em carta para sua mãe, datada de 30 de março, B-P escreveu:

*A senhora acharia divertido se pudesse entrar e ver-nos aqui. Somos quase uma pequena república na qual sou uma espécie de tirano ou presidente – fazendo minhas próprias leis e ordens sobre todos os assuntos... Desenhei e fiz distribuir minha própria nota de banco... Hoje estamos fazendo uma nova distribuição de selos – um com a minha efígie nele em lugar da Rainha ou de Paul Kruger! Isso, creio eu, é a prova de sermos uma república independente em Mafeking.*

O que aconteceu foi que, percebendo que seus estoques estavam acabando, o gerente dos correios (um tal Sr J. V. Howat) consultou Lord Edward Cecil, e ele consultou o Maj Alexandre Godley e o Cap Greener, e

---

ainda tinha muita coisa pela frente. B-P, de fato, usou o patuá. Anos depois, aproveitaria a ideia do amuleto pendurado ao pescoço para o colar da Insígnia de Madeira.

<sup>124</sup> Esse desenho foi usado no segundo lote de selos e notas, já que o primeiro fora feito, sem seu conhecimento, com sua efígie. Esses selos e notas com estampa feita por B-P retratavam os garotos mensageiros.

os quatro decidiram que seria divertido fazer um selo próprio para a correspondência interna da cidade – e ter nele a efígie de B-P.

Em seu *Lições da escola da vida* B-P afirmou que não teve nenhuma ciência prévia do assunto, e ele era incapaz de mentir. Sem dúvida ele só soube disso quando a primeira folha pronta de selos lhe foi apresentada, e apesar de ele não ter ficado lá muito satisfeito com sua própria cabeça aparecendo mesmo por não se ter podido pôr a da Rainha, foi-lhe apresentado um fato consumado e, na verdade, naquele local e naquela situação não parecia ser algo de maiores consequências. Era apenas um substituto divertido, mas acabou por levantar críticas em alguns grupos (apesar de nada ter vindo do lado de Sua Majestade a Rainha). Mas a figura de um dos garotos mensageiros em breve substituiria a cabeça de B-P.

Anos depois, o Major Godley, já a essa altura General Sir Alexander Godley<sup>125</sup>, KCB, KCMG, que comandou as defesas ocidentais de Mafeking durante o sítio, e de quem B-P disse em seu despacho que foi se braço-direito durante o cerco, deu-me a seguinte informação:

*Frequentemente eu tinha de ir do meu posto de comando a oeste da cidade para ver o Cel Lord Edward Cecil (Chefe do Estado-Maior de B-P), e numa ocasião em que o fiz encontrei o gerente dos correios, e eles me disseram que iam sobretaxar os selos normais do Governo com “Mafeking sitiada”. Como estávamos todos sempre pensando em algo que pudesse criar interesse ou diversão ou manter elevado o moral da guarnição, claro que eu disse de imediato que achava aquela uma excelente ideia, e um de nós – não tenho como lembrar quem – sugeriu que deveríamos ter um selo especial, nosso, próprio, no que novamente todos nós concordamos achando uma boa ideia. Isso levou a uma discussão sobre com que se pareceria, ou que figura poríamos nele, e um de nós três – não sei dizer quem – disse (mais como gracejo que qualquer*

---

<sup>125</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial, Godley (1867-1957) comandou, em Galípoli (1915), a Divisão Neozelandesa e Australiana, e depois o II Corpo ANZAC, cargo que manteve na fase final da campanha dos Dardanelos e na Frente Ocidental. Retirou-se do serviço ativo em 1933. Durante a Segunda Guerra Mundial, comandou um pelotão da Guarda Territorial. Foi autor do Manual de Treinamento da Guarda Territorial, publicado em 1941.

*outra coisa, e apenas com a ideia de fazer algo que divertisse a guarnição): “Oh, a cabeça de B-P, claro!” – e minha recordação é que Lord Edward e o gerente dos correios ajeitaram as coisas de modo a que tudo fosse feito como o que hoje chamaríamos um simulacro e como uma surpresa para B-P, e certamente sem consultá-lo. Tenho certeza de que ele nunca foi consultado sobre o assunto e que ficou um tanto horrorizado quando descobriu o que tinha sido feito. Temo que nenhum de nós tenha pensado que isso pudesse de alguma forma ser mal interpretado, ou mesmo que esses selos especiais pudessem ir para fora, uma vez que eles seriam emitidos puramente para uso na cidade.*

Em 30 de março, B-P promoveu outro censo, que mostrou um grande total de 8.974 almas em Mafeking.

Na etapa final de março, o inimigo manteve-se razoavelmente quieto; na verdade, pensava B-P, quieto até demais. Então ele deu uma inquietada na equipagem do grande canhão ao enviar tiros ocasionais contra a bateria, usando sua Hotchkiss.

O número total de baixas ocorridas durante março foi sessenta e quatro.

Abril, último mês do sítio, foi talvez o mais tenso de todos. Os bombardeios foram mais pesados, e em 11 de abril trinta projéteis de alta velocidade foram disparados contra o campo das mulheres, e o hospital também foi alvejado.

Em 12 de abril, chegou a seguinte mensagem de Sua Majestade a Rainha:

*Continuo a acompanhar, com confiante admiração, a paciente e resoluta defesa que tão galhardamente é mantida por seu criativo comando. Datada de 1º de abril<sup>126</sup>.*

Lord Roberts também telegrafou: “Espero libertá-lo por volta de 18 de maio”. A munição para os canhões estava quase esgotada, restavam

---

<sup>126</sup> Data assaz sugestiva.

apenas sessenta tiros por peça. B-P, então, fez saber que não se deveriam disparar canhões sem ordens suas.

Na altura de 15 de abril, a guarnição já tinha sofrido 389 baixas, provocadas pelo fogo de artilharia e de fuzil.

Em 20 de abril, esgotou-se totalmente o suprimento de forragem, e os cavalos obtinham apenas capim. Mas como eles eram frequentemente afugentados pelo fogo inimigo, sua condição se deteriorava, e começavam a ser levantadas objeções de que, devido à sua situação precária, eles seriam impróprios até para fazer salsichas. B-P mandou que se fizessem experiências. Ele visitou a fábrica de salsichas à noite. Ela estava operando a pleno vapor processando dois cavalos, e produzindo um belo lote de salsichas. Esperava-se que fizesse isso a uma taxa de 1.000 libras por noite, usando as tripas dos próprios cavalos como invólucros.

A guarnição não perdeu o ânimo. Novos truques eram testados diariamente.

Calhou de um vendedor-viajante de acetileno estar em Mafeking quando a cidade foi isolada, e ele ainda tinha consigo um pequeno suprimento e alguns jatos. Foi feito um grande refletor com uma lata, com luzes triplas em seu interior, e B-P fez que ele fosse fixado na ponta de um mastro que podia ser girado manualmente em qualquer direção e dava um forte feixe luminoso. Esse mastro era instalado em um forte e aceso duas ou três vezes durante a noite. Na noite seguinte, ele aparecia em outra fortificação e, então, rapidamente levado para outra. Com esse truque, os bôeres foram induzidos a acreditar que Mafeking tinha uma instalação regular de holofotes, o que os fez mais que nunca cautelosos quanto a tentar um ataque noturno.

Em 23 de abril, um novo holofote de acetileno foi testado no trem blindado, com uma potência de 360 velas. Foi um sucesso completo.

Ainda em 23 de abril, B-P enviou um telegrama a Lord Roberts, dando-lhe ciência do moral elevado, zelo e bravura da guarnição, após 300 dias de sítio.

As forças bôeres atacantes estavam ficando ansiosas, e a situação chegou a uma perspectiva de “agora ou nunca”<sup>127</sup>. Assim, eles planejaram um grande e decisivo ataque para tomar Mafeking. Esse ataque foi lançado – e derrotado – em 12 de maio, e foi graficamente descrito na primeira carta de B-P para casa após o levantamento do cerco de Mafeking<sup>128</sup>.

*Não sei por onde começar a descrição de minhas alegrias; sinto-me como uma mola que foi curvada até o ponto de ruptura e, então, liberada. O ponto de ruptura foi no sábado, dia 13, quando às quatro da manhã o inimigo fez seu esforço final para tomar Mafeking. Eloff, seu mais resolutivo líder, com uns trinta franceses e alemães, encabeçou o ataque e conduziu os bôeres diretamente através de nossas linhas defensivas externas e bem para dentro do nosso dispositivo. Mas nós os pusemos em xeque em nossa linha defensiva interior, de modo que eles não conseguiram chegar ao coração da cidade. Fechamos nossa linha externa atrás deles, então, quando o dia clareou, eles se viram cercados. Somente após a noite cair é que terminamos o serviço; matamos e ferimos setenta deles, capturamos Eloff e 108 bôeres, e empurramos os demais para fora. Os prisioneiros disseram-nos que nossa coluna de socorro, vindo do sul, aproximava-se. No dia 16, ouvimos seus canhões quando eles combatiam para forçar sua passagem até nós. Fizemos também um esforço para fora, para fazer a junção, e durante a noite eles marcharam para dentro da cidade, vindo do oeste. Na manhã seguinte convoquei toda*

---

<sup>127</sup> Por essa época, fins de abril, a coluna do Cel Plumer havia repellido uma força bôer que tentara invadir a Matabelelândia. A subida das águas do rio, logo depois, tornou aquele trecho da fronteira relativamente seguro.

<sup>128</sup> Na fase inicial da campanha, os bôeres chegaram a colocar os britânicos em xeque. Três cidades importantes sofrendo sítio e derrotas em combate em Colenso, Spion Kop, Magersfontein... Então, o Cerco assumiu um caráter simbólico muito forte, já que um “bando de caipiras” estava torcendo a cauda do leão britânico. Daí o levantamento do cerco de Mafeking ter sido tão barulhentosamente festejado, após meses de derrotas e dúvidas. No segundo semestre de 1900, a Grã-Bretanha invadiu e anexou Transvaal e Orange. Os bôeres passaram a conduzir-se em ações de guerrilha, raramente se engajando em combate convencional. Uma das formas pelas quais os britânicos procuraram neutralizar essas ações foi reunir os civis em campos de concentração (o termo nasceu nessa época), de maneira a tirar dos bôeres os locais de homizio e suprimento. Mais de 20.000 civis morreram devido às condições insalubres dos campos. A constituição da *South African Constabulary (SAC)* foi outra medida para manter os territórios e populações sob controle.

*a força sob meu comando e começamos a atacar os bôeres em seus acampamentos e trincheiras. Eles não esperaram por mais, e retiraram-se tão depressa quanto puderam para o Transvaal. Agora estamos dando repouso aos cavalos, mas trabalhando duro em reinstalar a ferrovia e o telégrafo, e esperamos que nos próximos dois dias estejamos nos comunicando com Bulawayo.*

*Às três da manhã do dia 17, fui acordado por Baden<sup>129</sup> ao lado da minha cama, então a senhora pode imaginar quão exultante fiquei. (...) O fim do cerco foi, e si mesmo, um grande alívio para mim; foi um longo período de ansiedade e eu tinha de usar o tempo todo uma máscara de animada descontração<sup>130</sup>.*

---

<sup>129</sup> Major de Artilharia Baden Fletcher Smyth Baden-Powell, irmão caçula de B-P, e que fazia parte da coluna de socorro.

<sup>130</sup> O relatório oficial do Cerco de Mafeking, feito por B-P, foi publicado na *The London Gazette* de 8 de fevereiro de 1901.

## **CAPÍTULO XII**

### **A POLÍCIA MONTADA SUL-AFRICANA**

*Aqui onde correm meus sulcos recém-feitos  
E a terra reluziu em vermelho  
Repararei os erros que foram cometidos  
Para com os vivos e os mortos.*

*(Rudyard Kipling)*

Após sete meses de trabalho duro dia e noite, de bombardeios diários, de rações magérrimas, de ansiedade contínua, uma carga monumental de responsabilidade e completo isolamento do mundo exterior, B-P levantou-se, como de um sonho, para descobrir-se um herói aos olhos do mundo.

Sua promoção a Major-General foi o reconhecimento imediato que seus serviços receberam, e ao ensejo, Lord Wolseley escreveu:

*Espero que tenha recebido a publicação de sua promoção tão logo a envie. Você agiu esplendidamente, e de fato foi uma das coisas mais prazerosas que já tive de fazer nesta guerra quando, poucas horas após ter recebido a notícia da libertação de Mafeking, recomendei à Rainha sua promoção.*

*Você agora está com a bola nos pés e, salvo acidentes, a grandeza está diante de você. Que você chegue ao gol é o desejo sincero do seu, Lord Wolseley.*

Enquanto isso, a notícia do levantamento do cerco de Mafeking tinha, é claro, chegado à Inglaterra, e a alegria que isso trouxe à mãe de B-P e sua família pode ser imaginada; e não apenas para aqueles que o conheciam, mas para centenas e milhares de seus concidadãos, que estiveram assistindo e aguardando por sete longos meses pela notícia da libertação de Mafeking<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> Quando a notícia foi divulgada, a noite de 17 de maio transformou-se na “mais tumultuada da história da capital britânica”.

Uma ideia de como a notícia foi recebida pode ser vista em alguns pequenos extratos de algumas das centenas de cartas que B-P e sua família receberam por essa época. Elas vinham de pessoas de todos os tipos e classes sociais, homens, mulheres e crianças.

Um entusiasta escreveu:

*Dei seu nome a meu filho: Baden-Powell<sup>132</sup>; como o tempo para o registro é curto, não pude pedir sua permissão antecipadamente.*

Outro decidiu de maneira diferente:

*Como não temos criança, batizaremos nosso potro com seu nome.*

Um garotinho disse:

*Prezado Baden-Powell, acho que o senhor é o maior herói do exército. O senhor deveria ser coberto de medalhas e feito Governador-Geral da Austrália.*

Um admirador de nove anos de idade escreveu:

*Temos dois coelhos, e um deles permanece acordado enquanto o outro dorme, então demos-lhe o seu nome, porque as pessoas dizem que o senhor é o homem que nunca dorme.*

Outro:

*Acho que o senhor gostaria de saber de um pequeno camundongo que tenho, ele é preto e branco, e eu lhe dei o seu nome. Eu tinha um camundongo cáqui, que batizei General Buller<sup>133</sup>, mas pouco depois do revés no Modder, ele adoeceu e morreu. No dia em que Mafeking foi*

---

<sup>132</sup> Décadas depois e do outro lado do Atlântico, um violinista, sapateiro e antigo Escoteiro chamado Lilo de Aquino, também batizaria seu filho com o nome do herói de Mafeking. Baden Powell de Aquino (1937-2000) foi um dos grandes violonistas e compositores brasileiros.

<sup>133</sup> General Redvers Buller (1839-1908), comandou o exército britânico nos primeiros meses da Guerra Sul-africana, com resultados desastrosos em Colenso, Magersfontein e Stormberg, na denominada “Semana negra” de 10 a 17 de dezembro de 1899, assim como em Spion Kop e Vaal Krantz. Suas decisões incorretas nas operações que tentavam levantar o cerco de Ladysmith findaram por levá-lo a ser exonerado, substituído por Lord Frederick Roberts como Comandante-em-Chefe do Exército britânico na África do Sul.

*libertada, demos a B-P ração dupla e ornamentamos sua gaiola com bandeirinhas.*

A todas essas (e poder-se-ia continuar citando sem findar), posso acrescentar uma ou duas descrições da noite de Mafeking em Londres e noutras partes:

*Não tenho palavras para dizer-lhes da minha alegria com a libertação do primo Stevie<sup>134</sup>. Papai e eu estávamos percorrendo as ruas na sexta-feira ao meio-dia e meia, simplesmente loucos de felicidade. Na Mansion House, a multidão era impressionante, com chapéus voando pelo ar por todo o lugar. Os enfeites de iluminação estavam maravilhosos. O Athenaeum era uma só chama de gás. Tivemos mais três dias de festa no fim dos feriados por causa de Mafeking.*

De uma aldeia perto de Birmingham:

*Escrevo para o senhor porque pensei que deveria escrever par o mais apreciado soldado da Rainha. Houve uma enorme agitação em Birmingham quando nos chegaram as notícias do fim do cerco de Mafeking. As pessoas se abraçavam, faziam um barulhão com latas e panelas. Na aldeia, as pessoas compraram uma charrete velha por quinze shillings e puseram-lhe fogo. Primeiro puseram dois homens para serem os condutores e dois outros para fazerem as vezes de cavalos, dando a um homem uma volta pelo gramado, mas aborreceram-no. Depois pegaram um marinheiro para levá-la pelo gramado, e venderam o metal em leilão.*

De outra aldeia:

*Duas garotinhas estão escrevendo para lhe dizer quão felizes estão porque o senhor está livre e tem novamente o que comer. Só ficamos sabendo a noite passada, e todos os sinos começaram a tocar, e todo mundo foi à loucura. Pusemos uma grande Union Jack<sup>135</sup> do lado de fora,*

---

<sup>134</sup> Em família, B-P não era conhecido por “Robert” ou qualquer apelido derivado desse nome; era chamado “Stephe”, “Ste”...

<sup>135</sup> *Union Jack*: bandeira nacional britânica.

*e quase toda loja fez o mesmo. Um pônei tinha Union Jacks desenhadas em todo o seu corpo, mas não creio que ele tenha gostado muito disso.*

Pode-se notar, pela carta a seguir, que havia alguma espécie de método em alguns casos de toda essa loucura de multidões jubilantes:

*Em nome dos estudantes da Universidade de Edimburgo, encaminho-lhe o relato de uma procissão com tochas, feita em homenagem ao seu bravo filho. Pode interessar-lhe saber que arrecadamos 260 libras na ocasião, que direcionamos para o Fundo de Viúvas e Órfãos do jornal The Scotsman.*

Vamos encerrar estas citações com o telegrama que a Rainha Victoria remeteu para B-P, escrito de próprio punho na mesa do jantar assim que a notícia a alcançou:

*Eu e todo o meu Império regozijamo-nos intensamente com a libertação de Mafeking após a esplêndida defesa conduzida por você ao longo de todos esses meses. De todo o coração congratulo-me com você e todos os seus subordinados, militares e civis, britânicos e nativos, pelo heroísmo e dedicação que demonstraram.*

A Rainha Victoria morreu menos de um ano depois, mas não antes que um novo verbo, *to maffick* (comemoração com enorme alvoroço), achasse seu caminho para entrar nos dicionários.

O despacho do Marechal-de-Campo Lord Roberts, Comandante-em-Chefe das Forças Expedicionárias Britânicas, datado de 21 de junho de 1900, dizia o seguinte:

*Tenho certeza de que o Governo de Sua Majestade concordará comigo em considerar que o maior crédito é devido ao Major-General Baden-Powell por sua prontidão em levantar dois regimentos de infantaria montada na Rodésia, e pela resolução, capacidade de julgamento e criatividade que demonstrou, durante o longa provação das investidas dos bôeres contra Mafeking. A distinção que o Major-General Baden-Powell mereceu deve ser partilhada com seus bravos subordinados. Nenhum episódio da presente guerra parece mais merecedor de louvor que a longa defesa dessa cidade por uma guarnição*

*britânica, constituída quase inteiramente de forças coloniais de Sua Majestade, inferiorizadas em número e grandemente inferiores ao inimigo em artilharia, isolada das comunicações com a Colônia do Cabo e com a esperança do resgate repetidas vezes frustrada, até que os suprimentos alimentares estivessem quase esgotados.*

*Inspirados pelo exemplo de seu comandante, os defensores de Mafeking mantiveram uma confiança que nunca esmoreceu, e uma animação que conduziu substancialmente para o bom êxito alcançado; eles tomaram em pouca conta as dificuldades a que foram expostos, e apararam os ataques inimigos com uma audácia que desanimou seus oponentes de tal forma, que exceto em uma ocasião, a saber, 12 de maio, nenhuma tentativa séria foi feita para tomar o lugar de assalto. Esta tentativa foi repelida de uma forma que demonstrou que a determinação e as qualidades combatentes da guarnição permaneceram inigualáveis até o fim.*

Enquanto a Inglaterra se preparava para receber o herói de Mafeking com aclamações e agitação de bandeiras, com procissões e abertura de cidades, B-P estava às voltas com sua próxima missão na guerra, que consistiu em reunir tantas forças quantas pudesse para livrar do inimigo o território ao redor. Nestas operações, ele capturou uns 900 prisioneiros bôeres, e as cidades de Zeerust, Ottoshoop, Lichtenburg e Rustenburg, tornando liberada uma extensão territorial de 250 por 100 milhas.

Ele designou magistrados para os distritos, e nomeou Lord Edward Cecil como Comissário com autoridade sobre eles.

Em agosto, B-P recebeu ordens de Lord Roberts para ir à Cidade do Cabo, para dar a Sir Alfred Milner, o Alto Comissário, seu entendimento sobre o policiamento do território. Chegou ao Cabo em 7 de setembro, após nove dias e noites de viagem por trem. A viagem foi meio parecida com uma marcha triunfal, pois em cada estação ao longo da linha, juntavam-se pessoas para aclamá-lo e apertar-lhe a mão, soldados presenteavam-no com seus cachimbos e outras lembrancinhas; e na chegada à Cidade do Cabo, ele foi recebido pelo Prefeito e pela

Câmara, e a multidão carregou-o em charola<sup>136</sup> através da cidade, até colocá-lo na Sede do Governo.

Um pouco deste tipo de gentileza vai longe, e apesar de por agora ser-lhe devido algum tempo de licença na Inglaterra, B-P viu que não haveria oportunidade de ter paz e sossego em Londres nesse tempo, então ele acolheu bem a sugestão do Alto Comissário para imediatamente recrutar e constituir uma força policial para a África do Sul, em conformidade com o esquema que ele já havia esboçado.

Em 6 de junho, ele escreveu:

*Tenho 8.000 dos meus homens em campo agora, e estão fazendo um bom trabalho. Tudo correndo esplendidamente bem, mas de fato exige muito trabalho.*

Mas nesse mesmo mês, B-P recebeu ordens de ir para casa em licença por motivo de saúde, e, enquanto gozava suas bem merecidas férias na Inglaterra e na Escócia, ele recebeu uma convocação para ir a Balmoral<sup>137</sup>, onde o Rei Edward VII estava alojado, e passou lá o fim-de-semana de 12 de outubro de 1901.

Nesse dia ele escreveu para casa:

*Acabei de ter minha audiência com o Rei. Fui ao seu estúdio e tivemos uma longa conversa, assentados. Então ele tocou uma campainha e mandou chamar a Rainha, que chegou com o pequeno Duque de York, e conversamos longamente. (...) O Rei fez-me CB, e entregou-me a Medalha da Campanha Sul-africana. Foi uma entrevista muito animada, e o Rei me solicitou que permanecesse até segunda-feira.*

Em fins de 1901, B-P retornou ao Cabo, e retomou o trabalho com a *South African Constabulary*. Isso envolveu uma quantidade enorme de viagens para inspecionar seus homens, uma vez que agora a força já

---

<sup>136</sup> Charola: quando uma pessoa festejada é carregada suspensa aos ombros por uma multidão.

<sup>137</sup> Uma das residências oficiais da família real britânica.

estava estabelecida em toda parte no Transvaal e no Estado Livre de Orange. Em março de 1902, ele relatou:

*Desde que voltei, já percorri 2.000 milhas de trem e 600 montado a cavalo, em missões de inspeção, e estou de saída de novo amanhã para mais disso, no Transvaal Oriental. (...) Vou incorrer numa certa despesa, que será a de dar um jantar festivo para meu antigo regimento, o 5º de Dragões da Guarda, que recebeu ordens de retornar à Índia no final deste mês.*

Separar-se de seu regimento foi sua única tristeza em todos esses novos sucessos, e pode-se notar que essa tristeza era partilhada pelo regimento pelo que se mostra na carta de um jovem oficial do 5º de Dragões, o qual, escrevendo para a Senhora Baden-Powell durante a guerra, disse:

*Posso ver por mim mesmo o que nosso Coronel fez por este regimento. É uma lástima que não o vejamos por aqui novamente, como temo que vá acontecer; vim para o regimento somente para servir sob seu comando, então isso me atinge de maneira especialmente dura, pois jamais voltaremos a ter um Oficial Comandante desse calibre.*

Em junho de 1902, a guerra finalmente chegou ao fim, e o país foi todo passado à responsabilidade do Corpo Policial constituído por Baden-Powell. Naturalmente, isso significava mais trabalho para ele, mas ele era insaciável para o trabalho.

De junho a setembro, a maior parte do seu tempo foi tomada em visitar os novos postos policiais que se estavam constituindo por toda a África do Sul. Numa carta para casa, ele escreveu:

*Geralmente, cavalgamos umas 40 milhas por dia visitando as fazendas e os postos. Cada oficial de Polícia responsável pelo distrito nos acompanha percorrendo o território de sua jurisdição.*

*Lord Milner não conseguiu encontrar tempo para ir a Mafeking, mas cavalguei para lá a noite retrasada, 39 milhas, chegando a tempo para o desjejum. O Prefeito presenteou-me com um magnífico estojó de ouro.*

E em outubro:

*Acabei de voltar de Johannesburgo, de uma corrida de quatro dias até Durban e de volta, em trabalho de remonta. Amanhã parto para a Suazilândia.*

E assim continuou o trabalho durante todo o inverno de 1902, trabalho que tinha muito mais de paixão do próprio B-P.

Em janeiro de 1903, B-P recebeu a oferta do cargo de Inspetor-Geral da Cavalaria, na Metrópole. Essa designação era, obviamente, a faixa azul<sup>138</sup> de todo o serviço na Cavalaria.

O Sr Joseph Chamberlain, Ministro das Colônias, estava por esse tempo na África do Sul, para tomar as providências relativas à implantação do futuro governo do país; B-P guiou-o pelo país, e nesse *tour* incluiu uma visita a Mafeking.

Então, em 30 de janeiro de 1903, ele escreveu:

*A Força Policial Sul-africana vai dar um jantar de despedida em minha homenagem no dia 14 [de fevereiro], e no dia 18 parto para casa. Eu não poderia desejar um melhor arremate para os últimos três anos. Ter visto todo o processo acontecer, desde o seu ponto de partida até o episódio final com a visita do Sr Chamberlain e suas instruções para o futuro do país é para mim uma experiência grandiosa e satisfatória.*

Da Sede do Governo em Ottawa, em 21 de abril, ele escreveu:

*Aqui estamos, após uma bem-sucedida e agradável viagem desde New York, passando por Filadélfia, Baltimore, Washington, daí para Richmond, Virgínia (território de John Smith). Depois, pelos campos de batalha da Guerra Civil, de volta a Washington, daí passando por Buffalo para Niagara Falls e Toronto. Cá estamos, em Ottawa, como hóspedes de Lord Minto. Esta noite seguiremos para Montreal, depois Quebec, Boston, New York; daí, para casa no Kaiser Wilhelm II, chegando a Plymouth em*

---

<sup>138</sup> A maior distinção, a cereja do bolo.

*4 de maio. Estou tão feliz por ter vindo! Esta viagem está se mostrando um grande sucesso.*

Então ele estava de volta, em casa. Em 30 de maio B-P foi para Cardiff para ser-lhe outorgada a cidadania daquela cidade, entre as aclamações de cem mil cidadãos.

Em agosto, ele estava na Irlanda para manobras. Em setembro, visitou Dresden como convidado do Rei, para estar presente à revista do Corpo de Exército, visitando também as Escolas de Cavalaria em Saumur e Viena, e passando o Natal em Menton.

1904 e 1905 viram dois grandes desenvolvimentos na Cavalaria sob o novo Inspetor-Geral. Ele fundou a Escola de Cavalaria em Netheravon e o Jornal da Cavalaria, para estimular o interesse e desenvolver e divulgar novas ideias naquela especialidade do Exército.

Durante esses poucos últimos e tensos anos, B-P teve muito pouco tempo para seus *hobbies* e esportes habituais, mas em julho de 1904, ele conseguiu algum sucesso em pescar salmão.

Em setembro, ele visitou as manobras da Cavalaria francesa em Bar-le-Duc. No começo de 1905, ele visitou as Escolas de Cavalaria italianas em Tor di Quinto e Pinerolo.

Em março de 1904, o Duque de Connaught havia sido nomeado Inspetor-Geral das Forças, então B-P achou-se novamente servindo em estreita ligação com Sua Alteza Real, que sempre acompanhou seu trabalho com interesse e aprovação. Quando os deveres do Duque o levaram à África do Sul no outono de 1905, B-P acompanhou-o em sua condição de Inspetor-geral da Cavalaria; então, em janeiro de 1906, ele desembarcou novamente no Cabo.

Nesse mesmo ano de 1905, ele visitou a Cavalaria belga em Bruxelas, e no começo de 1907 fez uma viagem ao Egito. De Luxor, ele escreveu:

*Passei três dias aqui e visitei todas as maravilhosas ruínas dos templos de Luxor, Carnac e Tebas, e as tumbas dos Reis do Egito.*

*Sobre tudo isso, é claro, eu já havia lido e conhecia-as bem de pinturas e fotografias, mas ver essas coisas pessoalmente foi uma nova sensação, e eu a curti plenamente.*

Nesse ano, além de publicar seu delicioso livro *Sketches in Mafeking and East Africa*, B-P exibiu 125 desenhos na Galeria Brutton, e também um busto do Capitão John Smith na Exposição da Academia Real.

1907 viu a conclusão da sua comissão como Inspetor-Geral da Cavalaria, e viu também o alvorecer do Movimento Escoteiro.

O Coronel Tom Marchant, DSO, que mais tarde comandou o 5º de Dragões da Guarda, deu este interessante esboço de B-P nessa época:

*Fui seu Ajudante-de-Ordens por dois anos enquanto ele foi Inspetor-Geral da Cavalaria na Inglaterra. Foi mais ou menos no final desse período que ele deu início ao Movimento Escoteiro. Ele sempre teve muito interesse em crianças, e poderia brincar com elas por horas a fio. Sua energia como Inspetor-Geral da Cavalaria tornou-se aparente de imediato, pois onde no passado havia o costume de cada regimento ser inspecionado uma vez por ano, ele visitava e inspecionava os regimentos duas ou três vezes nesse mesmo período. Foi durante o período em que ele esteve nessa função que foi implantada a Escola de Cavalaria, para instrução dos oficiais subalternos e de sargentos selecionados nos mais elevados ramos da equitação. Foi ele quem introduziu a ideia e a organizou em linhas similares às já existentes no Continente, tendo feito visitas de inspeção às Escolas de Cavalaria da França, Itália e Áustria enquanto levava a efeito seus planos.*

*Ele era favorável a que os oficiais desenvolvessem novos métodos para treinar seus homens individualmente, mais que manter-se aferrado ao manual de ordem unida, porque isso os fazia pensar sobre sua profissão. Com esse objetivo em vista, ele encorajava os oficiais jovens, quando inspecionava suas frações no treinamento individual, a mostrar-lhe métodos e competições criados por eles para instruir e, ao mesmo tempo, para interessar seus subordinados.*

*Como seria de se esperar, essas criações nem sempre eram boas, na verdade muitas eram fracas; mas quando o questionavam sobre isso, ele respondia que de todo modo eles haviam sido levados a pensar.*

*Por essa época, era maravilhoso ver a popularidade do herói de Mafeking: onde quer que ele fosse, milhares apareciam para vê-lo, e frequentemente era impossível sair das estações ferroviárias por causa das multidões que esperavam para ter uma visão dele, nem que fosse rápida.*

*Em Glasgow, por ocasião de uma inspeção que ele faria à Boys' Brigade<sup>139</sup>, a multidão rompeu as barreiras, pressionando ao redor dele, acarinhando seu cavalo e aclamando-o até produzir eco; e foi com dificuldade que ele foi escoltado para fora do campo de parada por um pelotão de Cavalaria, tão grande era a pressão da multidão.*

---

<sup>139</sup> Movimento juvenil fundado em 1883 por Sir William Alexander Smith (1854-1914), apoiava-se fortemente na doutrinação religiosa e na ordem unida, educação física, acampamentos e participação em fanfarras para mostrar aos jovens o caminho da virtude. B-P chegou a ocupar cargo na diretoria da BB, e os primeiros experimentos com o *Scouting* como acréscimo de programa foram na *Boys' Brigade*, em 1906. Quando a Associação Escoteira acabou se instituindo como entidade independente, houve jovens que se filiaram a ambas as instituições.

## CAPÍTULO XIII

### UMA SEGUNDA VIDA

*Ensina-nos a sempre governarmos a nós mesmos  
De maneira controlada e limpa dia e noite;  
De forma a fazermos, se for preciso  
Que nenhum sacrifício seja mutilado ou sem valor.*

*(Rudyard Kipling)*

O esquema do *Escotismo para rapazes* não tomou forma todo em um só dia. Foi evoluindo gradualmente na cabeça de B-P desde a primeira vez que teve homens sob seu comando, naqueles primeiros dias na Índia com o 13º de Hussardos. Já nessa época, ele havia percebido que o treinamento ordinário dos soldados não era prático e não lhes dava espaço para a iniciativa em combate, nem caráter para serem bem-sucedidos na vida civil posteriormente.

No 13º de Hussardos, no 5º de Dragões da Guarda e no Corpo Policial Sul-Africano, ele fez experimentos com o que era conhecido como “treinamento de esclarecedor” com os homens sob seu comando; e em Mafeking ele viu como esse treinamento era igualmente aplicável a garotos se lhes fosse dada confiança e assumissem compromisso baseado em sua honra.

Ao retornar da África do Sul depois da Guerra Bôer, B-P descobriu que seu manual *Aids to Scouting*<sup>140</sup> estava sendo usado em escolas de

---

<sup>140</sup> *Aids to Scouting for NCOs and Men*, algo como *Dicas para reconhecimento e exploração para Graduados e Praças*, um manual destinado aos militares de Cavalaria. Já apresentava jogos e simulações como recursos de treinamento para pequenas equipes e indivíduos. Antes de *Aids to Scouting*, B-P publicara outro manual desse tipo, *Reconnaissance and Scouting*. O *Scout* é o esclarecedor, vai à frente ver “onde está o inimigo e o que ele está fazendo”; deve ser capaz de permanecer longos períodos isolado e sem depender da sua cadeia de suprimento, infiltrar-se, observar sem ser visto, exfiltrar-se e retornar em condições de prestar as informações mais completas; tem de ser um militar inteligente e astuto, observador atento e de excelente condição física. O manual foi enviado para publicação pouco antes de B-P seguir para a África do Sul e encarar o Cerco de Mafeking. Quando B-P ficou famoso, o livro virou *best-seller*, porque juntava duas características: uma, servia aos garotos como um guia para suas brincadeiras (observação de indícios, infiltração, campismo, etc.); e outra, era de autoria de um herói de carne e osso, ainda vivo, o de Mafeking.

garotos e de meninas. Considerando que este livro, publicado pela primeira vez em 1899, tinha sido escrito para militares, ele começou a pensar no assunto para descobrir o que havia no livro que apelava tão fortemente aos jovens, e então pôs-se ao trabalho para reescrevê-lo como um livro para rapazes.

Em 1906, B-P enviou um esboço do esquema de *Scouting for boys* para os líderes de movimentos juvenis<sup>141</sup> e para muitas personalidades proeminentes do Exército, da Marinha, da Igreja e do Estado, e as respostas e comentários que recebeu foram tão encorajadoras que ele decidiu levar o projeto adiante.

Lord Roberts foi um dos primeiros a expressar sua aprovação ao esquema:

*Gosto da ideia e penso que poderá obter bons resultados. Os jovens são muito receptivos e vão se divertir muito com os encantos desse tipo de treinamento, se for conduzido de maneira satisfatória. Será necessário dispor de bons instrutores, e suponho que também um montante de assistência financeira. Tenho certeza de que será melhor para os rapazes passar um dia andando de bicicleta no campo, nos arredores das cidades e aprendendo a explorar, do que desperdiçar seu tempo – como fazem tantos – em ficar assistindo a jogos para os quais não têm habilidades para jogar eles mesmos. Espero que seja dada ao seu esquema uma justa oportunidade de teste.*

Quando o Conselho Escoteiro foi formado alguns anos depois, Lord Roberts foi um de seus primeiros membros.

Em 1907, B-P deu palestras sobre seu Esquema Escoteiro em muitas cidades de maior porte, e, nesse mesmo ano, conduziu o agora famoso acampamento Escoteiro experimental na ilha de Brownsea, em Dorset. Ali ele pôs os jovens a trabalhar, pela primeira vez, sob a Lei Escoteira, no que agora é muito bem conhecido como Sistema de

---

<sup>141</sup> A *Boys' Brigade* era um deles. Vários dos jovens de Brownsea eram membros desse movimento juvenil. A ideia inicial de B-P com o esquema Escoteiro era dar aos movimentos já existentes um acréscimo de programa, não constituir um movimento novo.

Patrulha”, isto é, garotos trabalhando tendo um deles como líder. Os rapazes viveram um período maravilhoso, e dele saíram tendo mesmo superado as expectativas que B-P tinha deles; a experiência foi um sucesso indubitável.

1908 começou com a publicação do famoso manual *Scouting for boys*, em fascículos quinzenais antes de tomar o formato de livro em volume único. Antes de chegar à metade da série, Tropas Escoteiras brotaram como cogumelos por todo o reino. Com a ajuda do falecido Sr (depois Sir) C. Arthur Pearson, B-P foi capaz de pôr seu esquema em funcionamento e dar início a um jornal semanal para os garotos, *The Scout*, de modo a manter contato com seu bando juvenil de seguidores, que agora olhavam para ele como líder. E isso não apenas na Inglaterra, uma vez que a febre Escoteira começara a se alastrar para outros países e para outras partes do Império, e o grande jogo do Escotismo exigia direção e administração.

O uniforme de camisa, bermudas, lenço e chapéu de aba larga foi o tipo de vestimenta que o próprio B-P já usara em serviço e que ele considerava mais funcional que qualquer outra coisa. A *South African Constabulary* o adotara e ele naturalmente veio a tornar-se o uniforme dos primeiros Escoteiros, já que foi com esse vestuário que B-P ficou mais conhecido pelos seus admiradores<sup>142</sup>.

Ainda no serviço ativo do Exército, nessa época ele estava no comando de uma Divisão Territorial de Northumberland<sup>143</sup>, então era apenas no seu tempo livre que ele podia dedicar-se aos garotos que o viam como seu líder<sup>144</sup>.

---

<sup>142</sup> Ainda assim, o “uniforme” tinha variações devidas à disponibilidade e preço dos tecidos. Como exemplo, o lenço, inicialmente verde, acabava sendo feito com o tecido que houvesse para atender à Tropa que se formava, o que acabou sendo um fator de identidade local, que até hoje se mantém vivo na possibilidade de as Unidades Escoteiras Locais terem seu lenço próprio, diferente dos demais.

<sup>143</sup> Promovido a Lieutenant-General em 1907 e designado para esse comando.

<sup>144</sup> 1908 viu acontecer, em agosto, um “outro” primeiro acampamento, em Humshaugh. Foi o primeiro acampamento no qual os participantes eram, oficialmente, membros registrados do Movimento Escoteiro.

1909 viu o primeiro grande Encontro de Escoteiros, que aconteceu no Crystal Palace e ao qual compareceram 11.000 jovens. A Escócia não ficou muito atrás, e promoveu seu Encontro no mesmo ano, em Glasgow, quando 6.000 Escoteiros trajando *kilt* em lugar de bermuda, reuniram-se para conhecer o Chefe. Um novo livro da lavra de B-P, *Scouting games*, estava para sair ainda nesse ano. Outro acampamento de treinamento aconteceu em Buckler's Hard e no navio de treinamento naval *Mercury*, ocasião em que se diz ter sido inaugurado o Escotismo do Mar.

Nesse mesmo ano, B-P foi feito cavaleiro pelo Rei Edward VII. Escrevendo do castelo de Balmoral no domingo, 3 de outubro, ele disse:

*Cheguei nesta manhã no trem de correspondência do Rei a Ballater. A carruagem real aguardava lá, e aqui estou. Tive uma longa caminhada conversando com o Sr Haldane, e devo ver o Rei por agora, que estou vestido para o jantar. Haldane, Secretário de Estado para a Guerra, deu-me uma dica de que o Rei vai fazer-me KCVO<sup>145</sup>.*

*P.S. Mais tarde. Pouco antes do jantar o Rei mandou-me chamar. O Ajudante-de-Ordens, Cel Legge, levou-me ao quarto do Rei, e enquanto eu aguardava do lado de fora da porta ele tirou minhas barretas de condecorações e pôs dois alfinetes de segurança em minha túnica, e ordenou a um taiifeiro que trouxesse uma almofada. Era como os preparativos para uma execução! Então, entramos. O Rei, trajado à maneira das Highlands, apertou-me a mão e disse-me que por todos os meus serviços passados, e especialmente pelos atuais de instituir o Escotismo para o país, ele propôs fazer-me Cavaleiro Comandante da Ordem da Rainha Victoria. Então, ele sentou-se e eu me ajoelhei diante dele, o Ajudante-de-Ordens entregou-lhe a espada, ele bateu com ela em cada ombro e passou o colar com a condecoração em volta do meu pescoço; pendurou a estrela da Ordem em minha túnica e deu-me sua mão a beijar, e então disse que seu valete colocaria a fita corretamente para mim – e então eu saí. Então, após o jantar, ele me chamou e me perguntou tudo sobre os Escoteiros, e falou sobre eles por meia hora, e sugeriu que eu os trouxesse a Windsor Park para que ele os visse no verão.*

---

<sup>145</sup> Knight Commander of the Victorian Order.

Nessa conversa, o Rei cordialmente concordou com a sugestão de que os Escoteiros que se provassem excepcionalmente bons recebessem o título de *King's Scouts*<sup>146</sup>.

Em 1910, B-P percebeu que se a fraternidade Escoteira deveria desenvolver-se nas linhas em que ele havia elaborado (já tinha 123.000 membros), precisaria tornar-se para ele um trabalho de tempo integral. O Rei Edward era da mesma opinião. Ambos sentiam que, ainda que isso significasse o fim de sua carreira, ele poderia fazer muito mais pelo seu país ao prover a nova geração de treinamento para serem bons cidadãos, do que treinando alguns homens para uma possível guerra futura.

Então, após mais de trinta anos de serviço, durante os quais ele bebera até o fundo do copo da aventura, do trabalho duro e das merecidas homenagens, B-P passou para a Reserva com uma recompensa por bons serviços, um brilhante passado para o qual olhar, e ainda jovem o suficiente para embarcar naquilo que descreveu como “sua segunda vida<sup>147</sup>”.

O Rei Edward VII foi um dos primeiros a vislumbrar possibilidades no Movimento Escoteiro, e sua morte em 1910 foi um grande pesar para B-P.

A vida de um oficial de Cavalaria do Exército e a vida de um Chefe Escoteiro num Movimento com objetivo de promoção da paz mundial e fraternidade podem parecer, à primeira vista, ter muito pouco em comum. Mas olhemos com mais atenção.

“Treine seus Escoteiros como indivíduos e então atrele essa individualidade ao benefício da coletividade”, sempre foi uma das máximas de B-P, aplicável tanto a garotos quanto a homens. Durante sua carreira militar, ele se aprimorara pela prática em liderar homens, pelas viagens, trabalho duro e experiência, para tornar-se um líder de jovens;

---

<sup>146</sup> Equivalente a Escoteiro da Pátria.

<sup>147</sup> Assim ele o diz em *Lições da escola da vida*. Ele diz que suas “duas vidas” têm como traço de união o *Scouting*: a exploração cavalariana que inspirou os “exploradores” juvenis.

e, tendo visto em primeira mão tanto dos horrores da guerra, ele estava em boa posição para promover a paz.

De início, houve apreensão quanto à interpretação de, por ter um General à testa e tantos militares no topo da organização, os Escoteiros não poderiam ser outra coisa senão uma organização militarizada. A resposta de B-P a isso é que não havia motivo para que um velho cavalo de circo, finda sua carreira no picadeiro, não pudesse encontrar satisfação em adaptar-se à útil ocupação civil de puxar uma carroça de padeiro.

A política partidária nunca atraiu B-P. Quando, após a Guerra Sul-africana, ele foi convidado a se candidatar para o Parlamento, ele não conseguiu resistir a enviar a seguinte resposta ao telegrama de Lord Roberts: “Encantado – de que lado?”.

Livre, por fim, ele se assegurou trabalho suficiente para mantê-lo mais que ocupado pelo resto da vida.

Em 1912, B-P foi para o Canadá, onde o Escotismo foi entusiasticamente adotado, e precisava de alguma ajuda em seu processo de organização. Ele levou consigo duas Patrulhas de Escoteiros típicos escolhidos por competição entre Tropas na Metrópole. Esses Escoteiros viajaram pelo Canadá dando demonstrações de construção de pioneirias, seguimento de pistas, técnicas de campismo, cozinha e outras atividades Escoteiras, para ilustrar as palestras que B-P deu nos principais centros. Os Estados Unidos também estavam dando suas beliscadas no Escotismo – e a história de como eles vieram a adotar esse treinamento não deve ser esquecida.

Um rico editor americano, o Sr William D. Boyce, estava andando em Londres e se perdeu no nevoeiro, quando um garoto foi até ele ofereceu-se para guiá-lo e carregar sua bolsa. Para espanto do americano, o garoto recusou peremptoriamente qualquer gratificação pelo serviço prestado, explicando que era um Escoteiro e não aceitava gorjetas. Pensando nisso, o americano chegou à conclusão de que deveria haver alguma coisa no espírito de um Movimento que fez um garoto obviamente pobre recusar o que poderia ser para ele uma bela quantidade de

dinheiro. Ele comprou um exemplar de *Scouting for boys* e retornou à América resolvido de que lá deveria haver Escotismo também.

*Scouting for boys* continuou a ter extraordinária receptividade não apenas no Império Britânico e nos Estados Unidos; de países em toda parte do mundo vinham solicitações para traduzir o livro e publicá-lo para os seus jovens.

1911 viu B-P ser nomeado Coronel Honorário de seu regimento original, o 13º de Hussardos (depois (13º/18º *Royal Hussars Queen Mary's Own Cavalry*), e esse mesmo ano marcou um grande passo na história do Movimento Escoteiro. O novo Rei, George V, inspecionou a maior reunião de Escoteiros vista até então: 33.000 deles, em Windsor Great Park.

## **CAPÍTULO XIV**

### **PAX**

*Pois um destino mais feliz  
Do que aquele que Deus me deu  
Nunca houve  
Nem nunca haverá.*

*(Robert Bridges)*

Desse momento em diante, a vida de B-P tornou-se em grande parte a história do Movimento Escoteiro. Mas alguns pequenos detalhes pessoais têm de ser acrescentados para trazer a uma conclusão nossa história, que em muito está relacionada à primeira de suas “duas vidas”.

Foi a bordo do *Arcadian*, indo para as Índias Ocidentais em 1912, que ele conheceu sua futura esposa, a Srta Olave Soames, e seu casamento com ela nesse mesmo ano foi descrito como o maior golpe do gênio de B-P. Pois ele casou-se com a única pessoa, entre todas as outras, que seria capaz de ajudá-lo no que ameaçava ser uma tarefa avassaladoramente grande.

À medida que novas necessidades se apresentavam, novas ideias chegavam para fazer-lhes frente. Guias, para as irmãs dos Escoteiros; Lobinhos<sup>148</sup>, para os irmãos mais novos que não gostavam de ficar de fora do jogo; Escoteiros do Mar<sup>149</sup>, para rapazes com propensão para a prática marinheira; Pioneirismo, uma forma de Escotismo voltada para os rapazes mais velhos e para os jovens que retornavam da Primeira

---

<sup>148</sup> O Ramo Lobinho, atendendo a crianças de 8 a 11 anos, foi instituído em 1916.

<sup>149</sup> A Modalidade do Mar foi oficializada em 1909, e seu primeiro manual foi escrito pelo irmão mais velho de B-P, Warrington, seu velho “comandante” no veleiro da família.

Guerra Mundial<sup>150</sup>; cursos de treinamento para Chefes Escoteiros<sup>151</sup>; e distintivos de proficiência nos mais variados temas que poderiam interessar um garoto [especialidades].

Para acompanhar o passo de um Movimento como esse era preciso muito trabalho duro, e um toque de gênio, e nisso foi que Lady Baden-Powell, com sua energia juvenil<sup>152</sup>, charme e crença nas possibilidades de ambos os Ramos (Escoteiros e Guias), pôde trazer tão grande auxílio para seu marido.

Quando B-P reuniu os rapazes no primeiro grande Encontro, no Crystal Palace, deparou, entre suas Tropas Escoteiras formadas, várias garotas vestidas no que ao máximo puderam aproximar de um uniforme Escoteiro, e exigindo ser Escoteiras como seus irmãos. O resultado desse entusiasmo foi que, com o auxílio de sua irmã Agnes, B-P escreveu um manual para as meninas e elaborou para elas um esquema que, enquanto dava a mesma Promessa, Lei e ideais dos Escoteiros, dirigia suas energias para caminhos que lhes dariam um treinamento doméstico útil, camuflado no sistema de uniformes, distintivos, jogos e espírito de aventura.

Quando B-P se casou, em 1912, as Guias mal haviam começado a funcionar, e logo precisariam de liderança forte e imaginativa, que pudesse adaptar os princípios Escoteiros a garotas sem fazer delas “molecas” ou Escoteiros de imitação.

---

<sup>150</sup> Já em 1917, B-P estudava a possibilidade de um Ramo para acolher os “Escoteiros velhos” e os jovens que voltavam da guerra, que poderia, pelo serviço, facilitar sua reintegração à sociedade de tempo de paz. Em 1918, último ano do conflito, o Ramo foi criado; seu livro-base, *Rovering to success*, foi escrito em 1919.

<sup>151</sup> Em março-abril de 1919, foi adquirido Gillwell Estate, para ser um local de acampamento de Tropas Escoteiras e um campo de treinamento para os Chefes Escoteiros. Um Clã de Pioneiros acampou lá na Páscoa (17-20 de abril) de 1919, como primeiro ato de posse. O rebatizado Gilwell Park (daí por diante, escrito tendo no meio um só l) foi oficialmente inaugurado em 26 de junho de 1919, e, de 8 a 19 de setembro, sediou o primeiro curso de treinamento para Chefes Escoteiros (o primeiro Curso da Insígnia de Madeira).

<sup>152</sup> Olave tinha 23 anos quando se casou com B-P, em 1912.

Lady Baden-Powell tornou-se Comissária das Guias para Sussex em 1916; em 1917, foi nomeada Comissária-Chefe; e em 1918 ela já havia conquistado, pelo trabalho duro, pelo tato ao lidar com as pessoas que já vinham de mais tempo no Guidismo, e pelo charme e energia mencionados, o título de Guia-Chefe.

Três crianças nasceram para B-P e sua esposa: Peter<sup>153</sup> (1913-1962), Heather (1915-1986) e Betty (1917-2004)<sup>154</sup>. No Dia do Armistício, em 1918<sup>155</sup>, a família B-P encontrou uma casa em Bentley, Hampshire<sup>156</sup>, e mudou seu nome de Blackacre para Pax Hill, para comemorar o fim da Grande Guerra<sup>157</sup> e para enfatizar o espírito pacifista do Escotismo. Dessa casa, pelos próximos vinte anos, eles dirigiriam e inspirariam seus Movimentos gêmeos, e os levariam aos muitos países onde hoje operam.

Em 1920, no Olympia, Londres, realizou-se o primeiro Jamboree (Encontro Mundial). Nessa ocasião, os Escoteiros visitantes acamparam em Richmond Park. Desde então, os Jamborees são acampamentos Escoteiros internacionais. B-P foi, nesse local e tempo, agraciado com o título que lhe deu mais satisfação que todas as suas comendas militares: ele foi aclamado “Escoteiro-Chefe do Mundo”.

Quatro anos depois, no Acampamento Mundial de Guias em Foxlease, Lady B-P foi designada “Guia-Chefe Mundial”.

---

<sup>153</sup> Peter sucedeu o pai como Lord Baden-Powell. O atual (terceiro) Lord Baden-Powell é o filho de Peter e neto de B-P, Robert. Esta nota da autora refere-se a 1975.

<sup>154</sup> Por ocasião da morte de Auriol, irmã de Olave, em 1919, eles adotaram suas três filhas (nascidas em 1912, 1913 e 1918) e criaram-nas junto com os próprios filhos.

<sup>155</sup> 11 de novembro. O Armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial entrou em vigor às 11 horas da manhã, do décimo-primeiro dia do décimo-primeiro mês. Conhecido como Dia do Armistício, Dia da Lembrança, Dia do Soldado Desconhecido ou Dia dos Veteranos de Guerra, é, desde 1919, celebrado com reverência nos países protagonistas das Guerras Mundiais, homenageando os soldados e os mortos de todas as guerras.

<sup>156</sup> Dada ao casal pelo pai de Olave.

<sup>157</sup> A Guerra de 1914-18 foi conhecida como a Grande Guerra até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Por ter sido o maior e mais devastador conflito até então, esperava-se que fosse “a guerra para acabar com as guerras”, pelo medo de se repetirem seus horrores.

A mãe de B-P morreu durante a Grande Guerra<sup>158</sup>. Sua mensagem para os Escoteiros nessa ocasião diz o quanto ela significou para ele:

*Muitos Escoteiros sabem o que é ter uma boa mãe, e quanto mais eles a amam, mais temem a ideia de vir a perdê-la. Sua mãe fez tanto por você ao ter todas as dores e dificuldades de criá-lo quando criança – na saúde e na doença, dando duro para levar você adiante. Ela ensinou você e vigiou você com olhos ansiosos. Ela abriu mão de todo o seu tempo e amor para você. Quando ela morre, você sente isso como um golpe terrível, o rompimento de um laço de felicidade.*

*Eu acabo de perder minha mãe, depois de mais de cinquenta anos de amorosa camaradagem, então eu sei o que isso significa.*

*Ela me educou como um garoto; acompanhou cada passo do meu trabalho como homem. Quando pela primeira vez me veio a ideia de dar início ao Escotismo, eu tinha medo de que não fosse tudo aquilo que eu imaginara, até que ela falou comigo sobre isso e mostrou que eu poderia fazer o bem a milhares de garotos se eu simplesmente não desistisse. E assim o fiz.*

**MAS FOI GRAÇAS A ELA QUE O MOVIMENTO ESCOTEIRO COMEÇOU E FOI LEVADO ADIANTE.**

*Muitos Escoteiros parecem ter pensado nisso ao saber da morte dela, pois recebi uma grande quantidade de mensagens de simpatia deles, assim como um belo arranjo de flores com o lema “Be Prepared”, da Associação Escoteira. A todas essas gentis homenagens ofereço meus agradecimentos do fundo do coração. Apenas rezo para que aqueles que foram tão bons para mim venham, por sua vez, a encontrar conforto quando chegar o triste dia da morte de suas mães.*

*Há apenas uma dor maior que a de perder sua mãe, e é a de sua mãe perder você – não necessariamente pela sua morte, mas por seus descaminhos. Alguma vez já passou pela sua cabeça o que significaria para sua mãe você se tornar um “mau elemento” ou um “pródigo”? Ela lhe ensinou os primeiros passos, as primeiras orações, as ideias do bom caminho, e ficava feliz quando você lhe mostrava as coisas que era capaz de fazer. À medida que ela via você crescer e ficar mais forte e inteligente,*

---

<sup>158</sup> Em outubro de 1914, aos 90 anos.

*ela esperou do fundo do coração que você viesse a fazer uma carreira bem-sucedida e um bom nome para si mesmo – algo de que se orgulhar.*

*Mas se você começa a embromar e não demonstra empenho, se você se torna um parasita, seu coração vai se esfriando com desapontamento e tristeza – ainda que ela não o demonstre; todo seu amoroso trabalho e expectativas terão sido jogados fora, e a dor que ela sofre ao vê-lo deslizar para o caminho errado é pior do que se ela visse você morrer.*

*Você não tem o poder de evitar que ela perca você pela morte, mas você pode impedir que ela perca você por essa outra forma.*

*Faça da sua carreira um sucesso, não importa a que trabalho você se dedique, e você alegrará o coração dela. Tente não desapontá-la, mas fazê-la feliz de toda maneira que puder; você lhe deve isso; e quando ela morrer, será de grande conforto para você saber que fez o melhor possível por ela e tentou ser um bom retorno para ela enquanto ela viveu.*

*De fato, eu nunca conheci nenhum homem realmente bom que não tenha sido também um bom filho para sua mãe; e por agir de maneira a atender às expectativas dela, muitos homens se elevaram às mais altas posições.*

Com a guerra europeia veio o primeiro grande teste para o Movimento Escoteiro. Os Escoteiros foram acampar em 1914, de acordo com seu costume para o que era o fim-de-semana do Feriado Bancário de Agosto. Assim, quando a guerra foi declarada, em 4 de agosto, eles estavam prontos, 50.000 deles, para auxiliar as instituições civis e militares se seus serviços fossem requeridos<sup>159</sup>.

Os Ministérios do Interior (*Home Office*), das Comunicações (*Post Office*), da Guerra (*War Office*) e o Almirantado imediatamente

---

<sup>159</sup> Numerosos Escoteiros e Chefes, tendo idade e condição física compatíveis com o serviço militar, alistaram-se e foram combater na Grande Guerra. São emblemáticos os casos de Jack Cornwell (morto em consequência dos ferimentos recebidos na Batalha da Jutlândia, a bordo do *HMS Chester*), do Capitão Roland Philipps (morto durante a Batalha do Somme, em 1916), do gaiteiro Daniel Laidlaw, (ferido em Loos, em 1915) e do Capitão Francis Gidney, que foi o primeiro Chefe de Campo de Gilwell Park e dirigiu o primeiro Curso da Insígnia de Madeira, em 1919 (faleceu em 1928, em consequência de mazelas causadas pelos seus ferimentos de guerra). Seis dos jovens de Brownsea morreram na Grande Guerra ou em consequência dela.

aproveitaram a oferta de B-P dos serviços dos jovens. Escoteiros foram empregados, em grandes quantidades, para vigiar as linhas telefônicas e telegráficas dos grandes portos navais. No *War Office*, a toda hora havia necessidade dos seus serviços como mensageiros, auxiliares de secretaria nos quartéis-generais dos Comandos Superiores, e como portadores de despachos.

Veio de Lord Kitchener a primeira solicitação para os Escoteiros tomarem posição no litoral, uma vez que o Almirantado havia retirado os vigilantes da costa para servirem embarcados e, com isso, o litoral da Grã-Bretanha estava desguarnecido e sem vigilância. Esse serviço se manteve por toda a duração da guerra, com os registros mostrando que 23.000 Escoteiros cumpriram turnos no serviço de vigilantes da costa, trabalho esse que foi executado satisfazendo completamente a necessidade das autoridades envolvidas.

O Sr David Lloyd George, então Primeiro-Ministro, escreveu sobre eles:

*Penso não estar exagerando quando digo que a juventude deste país, representada pela Associação Escoteira, merece dividir os louros por ter estado alerta com os já de longa data testados e confiados Exército e Marinha Britânicos. Pois ambos provaram sua qualificação para fazer tal exigência quando a guerra irrompeu sobre nós como um ladrão na noite. É motivo de não pouco orgulho o fato de a Associação ser capaz, dentro de um mês do rompimento das hostilidades, de dar o auxílio mais enérgico e inteligente em todo tipo de tarefa. Quando a juventude da nação pode dar uma tal prova prática de sua honra, correção e lealdade, não há muito perigo de a nação soçobrar, pois esses rapazes estão sendo treinados para prestar serviço ao seu país como líderes em todos os caminhos da vida, no futuro.*

Ano após ano, os Movimentos gêmeos continuaram a crescer em efetivo e em popularidade. Foi o romantismo da vida Escoteira que atraiu seus primeiros associados; e é isso que continuará a atrair rapazes e garotas para os Movimentos, enquanto eles se mantiverem fiéis ao esquema do Fundador; pois, apesar de os tempos e as circunstâncias

mudarem, os jovens permanecem, em essência, não muito diferentes do que B-P escreveu sobre eles, mais de cinco décadas atrás<sup>160</sup>:

*Onde há um garoto que, mesmo nesta época materialista, não se sinta atraído pelo chamado da vida selvagem e da estrada aberta? Talvez seja o instinto primitivo, de todo modo continua ali. Com essa chave, uma grande porta pode ser destrancada para admitir ar fresco e o brilho do sol em vidas que seriam, de outra forma, cinzentas.*

*Os heróis das áreas selvagens, os homens das fronteiras e os exploradores, os que percorrem os mares, os aviadores nas nuvens, são como flautistas de Hamelin para os garotos. Para onde eles forem, os garotos os seguirão, e dançarão a sua música quando cantar as canções de virilidade e coragem, de aventura e altos esforços de eficiência e destreza, de animoso sacrifício próprio em proveito de outros. Há recheio nisto para o garoto, há alma nisto.*

*Observe aquele rapaz descendo a rua; seu olhar está distante. Estará ele percorrendo as vastas pradarias, ou as cinzentas ondas do mar? De todo modo, não é aqui.*

*Você nunca viu manadas de bisões percorrendo Kensington Gardens<sup>161</sup>, passando pelo lugar exato onde Gil Blas<sup>162</sup> encontrou os ladrões atrás das árvores? E não consegue ver a fumaça das tendas dos sioux<sup>163</sup> à sombra do Albert Memorial<sup>164</sup>? Eu vi tudo isso nesses lugares, nestes cinquenta anos.*

*Por meio do Escotismo, o jovem tem a chance de tomar seu equipamento de campismo como um membro da grande fraternidade dos*

---

<sup>160</sup> Mais precisamente, no *Guia do Chefe Escoteiro*, páginas 36-38 da 6ª edição brasileira (2000).

<sup>161</sup> Parque urbano, em Londres.

<sup>162</sup> Personagem literário, protagonista do romance *Gil Blas de Santillana*.

<sup>163</sup> Tribo indígena norte-americana, ramo dos lakota ou dakota.

<sup>164</sup> Monumento mandado construir pela Rainha Victoria em memória de seu falecido consorte, Príncipe Albert de Saxe-Coburgo-Gotha. Por determinação de Victoria, nenhum rei da Grã-Bretanha poderia tomar o nome Albert. Essa obediência se manifestou quando, em 1936, Edward VIII abdicou o trono e passou-o a seu irmão; como Albert era o prenome do novo Rei, este assumiu o trono usando o segundo nome, George. George VI reinou de 1936 até sua morte em 1952, sendo sucedido pela filha, Elizabeth II (que foi Guã e, durante a Segunda Guerra Mundial, quando atingiu a idade de dirigir, foi enfermeira e motorista de ambulância).

*mateiros. Ele é capaz de rastrear e de seguir sinais de pista; ele é capaz de transmitir sinais de comunicação, ele é capaz de acender seu fogo e construir seu abrigo, e cozinhar sua comida. Ele é capaz de aplicar sua destreza e inventividade para muitas coisas em construções de campo (pioneirias e outras artimanhas de conforto e segurança).*

*Sua unidade operativa é uma equipe de seis, comandados por um líder dentre eles mesmos. É a composição usual dos bandos de garotos, para fazer o bem ou para travessuras. Aqui há responsabilidade e autodisciplina para o indivíduo. Aqui há espírito de corpo pela honra da Patrulha, tão forte quanto o espírito da escola numa escola pública.*

O “Jamboree da Maioridade”, em Arrowe Park, Birkenhead [1929], foi a maior coisa que ocorrera até então no mundo Escoteiro. Entre os muitos presentes que B-P recebeu nessa ocasião estava o Pariato<sup>165</sup>, mas ele também ganhou dos Escoteiros do mundo todo um Rolls-Royce com um trailer, para suas expedições de acampamento. Subscrições para essa aquisição foram limitadas a um *penny* por Escoteiro, então o automóvel ficou conhecido como o *Penny Jam Roll*<sup>166</sup> e o trailer Eccles, como o *Eccles Cake* – um prato muito popular no norte da Inglaterra. Houve ainda um retrato dele, pintado por David Jagger, e um par de suspensórios doado pelos Escoteiros do Estado Livre da Irlanda. Sobre isto, há uma história. Quando começaram os rumores de que algum presente ia aparecer, pediram a Lady Baden-Powell que descobrisse discretamente o que mais agradaria ao Chefe; entrando no escritório certa manhã, ela perguntou-lhe se havia alguma coisa de que ele precisasse. Sem desconfiar de nada, B-P respondeu que não precisava de nada, exceto um novo par de

---

<sup>165</sup> A condição de Lorde, ou Par do Reino.

<sup>166</sup> O carro foi vendido por Lady Olave em 1945. O reboque permaneceu em Gilwell Park. Carro e reboque foram reunidos em 2007, por ocasião do 21º Jamboree Mundial (do Centenário), e o carro foi comprado em nome da Associação Escoteira do Reino Unido. Ambos estão preservados em Gilwell Park.

suspensórios. A história circulou e os suspensórios foram entregues com a devida cerimônia durante o Jamboree<sup>167</sup>.

Gilwell Park, o conjunto na fimbria da Floresta de Epping, que fora descoberto durante os anos de guerra e finalmente doado ao Movimento Escoteiro por Sir William Frederick de Bois McLaren (Comissário Escoteiro do Distrito de Rosenath), e que foi inaugurado em 1919 como um campo de treinamento para Chefes Escoteiros, era agora um centro internacional para treinar líderes do Movimento; e B-P decidiu tomar Gilwell para o título do pariató que lhe era conferido. Por mais que amasse Pax Hill, ele anteviu que a casa poderia, em algum momento futuro, sair das mãos da família – o que, de fato, veio a acontecer – enquanto Gilwell tinha todas as possibilidades de permanecer enquanto existissem Escoteiros; então, ele se tornou Lord Baden-Powell of Gilwell, uma honraria que ele aceitou para proveito do Movimento Escoteiro após muita persuasão dos seus seguidores. Ele não queria tais honrarias para si próprio.

Durante esses felizes vinte anos em Pax Hill, pode-se dizer que os Movimentos Escoteiro e Guia cresceram. A primavera e o verão usualmente encontravam a família B-P em casa, mas no inverno eles viajavam pelo mundo – visitando Escoteiros e Guias na Índia, Australásia, África do Sul, ou onde quer que sua presença se fizesse mais necessária, pois agora sua responsabilidade abrangia não apenas a mãe-pátria, mas o mundo inteiro. Eles eram chamados a toda parte para Encontros e Jamborees, e em toda parte eram recebidos como VIPs.

Entretanto, quando em casa, em Pax Hill, B-P continuava a levar a vida simples que amava, dormindo do lado de fora em qualquer tempo e levantando-se às cinco para uma caminhada matinal antes de tomar lugar em sua escrivaninha.

Apesar de o mundo ser sua paróquia, ele deixou sua marca também na vizinhança dos arredores de sua casa. O sinal do “Livro Aberto” que

---

<sup>167</sup> Segundo o relato de B-P, fizeram uma retrospectiva desde sua ancestralidade mais remota: uma ameba numa bacia d'água, um troglodita, um celta, e por aí afora, da forma mais hilariante.

fica nos cruzamentos da aldeia de Bentley foi entalhado e pintado por Escoteiros segundo um desenho de B-P. O trecho do rio Wye onde, nas noites de verão, ele passeava com vara e linha de pesca – mais pelo desfrute da paisagem que pela pescaria propriamente dita – tornou-se a “Associação de Pesca Ambulante de B-P”. e todo ano, enquanto esteve na Inglaterra, ele levava seu conjunto de talheres para o jantar dos ex-militares no centro comunitário da aldeia, em cuja reconstrução – como memorial de guerra – ele teve grande participação.

Atarefado como sempre estava com o seu Movimento, muito trabalho lhe veio às mãos também de outras direções. Ele continuou a fazer coisas em prol de seus antigos regimentos, o 13º de Hussardos e o 5º dos Dragões da Guarda. Desde o primeiro dia em que passou a integrar o 13º de Hussardos, em 1876 até 1937, quando participou de sua última formatura a cavalo, na Índia, por ocasião da mecanização do Regimento, nada era problema se contribuísse para preservar o moral e a grande tradição do Regimento. Uma das tarefas que lhe dava mais prazer era entrevistar os jovens que buscavam comissionar-se nesses regimentos, e nisso ele punha o maior interesse e cuidado.

Ele fundou o *Cavalry Journal* e continuou a escrever e desenhar para o periódico. Sua velha escola, Charterhouse, também exigia um bocado do seu tempo, assim como os sobreviventes do Cerco de Mafeking e Força de Reforço, que faziam suas reuniões anuais em Londres e, mais tarde, em Pax Hill. A Força Policial Sul-africana também fazia seus encontros anuais em outubro, quando os velhos integrantes se reuniam para encontrar-se com ele.

Outro interesse, que o levava a Londres pelo menos uma vez por semana, era a *Mercer's Company*<sup>168</sup>, da qual ele foi Mestre em 1914 e a cujas convenções ele comparecia regularmente. Esta associação beneficente deu imenso apoio ao Movimento Escoteiro nas suas demandas financeiras, e tinha também em seus donativos algumas

---

<sup>168</sup> Instituição beneficente fundada em 1394, mantida principalmente pelos fabricantes e comerciantes de tecidos.

pensões para pessoas idosas, e quando uma lista dessas veio às mãos de B-P, ele teve muita dificuldade para selecionar as beneficiárias. Seu cuidado e preocupação com essas velhas senhoras não eram menores do que os que ele dedicava aos jovens do Regimento.

Outro grande interesse, apesar de mais tarde ele raramente conseguir ajustar-se para comparecer às reuniões, era o *London Sketch Club*, onde – se não fosse pelos Escoteiros e Guias – ele certamente passaria muito tempo. Ele era um bom artista, tanto em desenhos em branco-e-preto quanto em aquarela, e tinha um prazer enorme em conhecer outros artistas e aprender com eles. Chegou a exhibir escultura na Royal Academy, e era um contribuinte regular da Exposição da Sociedade Artística e apresentava obras em sua mostra local em Alton.

B-P agora chegara ao “topo da árvore” em ambas as suas diferentes vidas – a de oficial do Exército e a de Chefe Escoteiro – e estava se preparando para uma terceira vida – a de aposentado, na qual ele esperava fazer algumas das muitas coisas para as quais nunca tivera tempo.

Em 1937<sup>169</sup>, ele compareceu ao seu último Jamboree, em Bloemendaal, Holanda. No dia da abertura, 31 de julho, ele permaneceu ao lado da Rainha da Holanda<sup>170</sup> enquanto 25.000 Escoteiros de 31 países desfilaram perante Sua Majestade. A Rainha, com sua filha, Princesa Juliana (depois Rainha Juliana) e o genro, Príncipe Bernhard

---

<sup>169</sup> No dia de seu 80º aniversário, B-P estava visitando seu velho Regimento, na Índia, e pela última vez vestiu o uniforme completo, participou da formatura e recebeu a continência da tropa a cavalo. O Regimento estava substituindo os cavalos por viaturas de reconhecimento. Voltou à Inglaterra a tempo para o Serviço Religioso para os Escoteiros, no Dia de São Jorge, e viu a atuação dos Escoteiros em diversas tarefas na coroação de George VI.

<sup>170</sup> Wilhelmina (1880-1962) foi Rainha da Holanda de 1890 (se bem que até 1898 tendo a mãe como regente) a 1948, quando abdicou, transmitindo o trono à sua filha Juliana. Durante a Segunda Guerra Mundial, a família real holandesa continuou a ser reconhecida como governo legítimo do país, enquanto no exílio na Grã-Bretanha. O Príncipe Consorte Bernhard combateu como piloto durante a guerra, e foi oficial de ligação entre o governo holandês e as forças armadas britânicas. A Rainha Juliana reinou até 1980, sendo sucedida por sua filha Beatrix, que reinou até 2013, quando abdicou em favor do atual Rei Willem-Alexander.

(ele mesmo um Escotista entusiasta), estiveram presentes em vários momentos durante uma quinzena maravilhosa.

Mas B-P estava envelhecendo, e percebeu que chegava o momento de se recolher. Quando ele proferiu sua mensagem de despedida aos milhares de Escoteiros, sua voz estava carregada de emoção:

*Chegou para mim a hora de dizer adeus. Vocês sabem que muitos de nós não voltaremos a nos encontrar neste mundo. Estou em meu octogésimo-primeiro ano, e aproximando-me do final de minha vida. A maioria de vocês está no começo, e eu desejo que suas vidas sejam felizes e bem-sucedidas. Vocês podem fazê-las assim fazendo seu melhor possível para viver a Lei Escoteira por todos os seus dias, qualquer que seja sua situação e onde quer que estejam<sup>171</sup>. Agora, adeus. Deus abençoe todos vocês.*

A África foi o cenário de muito da juventude de B-P e de muitas de suas aventuras, e agora, em seus últimos anos, ele desejava voltar aos seus campos ensolarados. Ele amava os espaços abertos e as amplas paisagens da terra na qual dois de seus três filhos se casaram e estavam criando suas famílias.

Ele fez construir um pequeno bangalô nos terrenos do Outspan Hotel, em Nyeri, Quênia, e lá ele e sua esposa passaram os próximos três anos, e finalmente ele podia desenhar, pintar, escrever e pescar tanto quanto desejasse. Ele também adorava visitar “Treetops”, bem perto, onde se podia observar elefantes e rinocerontes em seu lugar de pastagem, e noutras ocasiões ele podia tocar os animais selvagens com sua filmadora.

Em 1940, ele escreveu sobre uma típica excursão:

*Então saímos, Olave e eu, com dois empregados no carro, atravessando a grande planície coberta de capim que se estende por trinta milhas entre nós e o Monte Quênia. A umas cinco milhas dos nossos*

---

<sup>171</sup> O Jamboree da Holanda foi o último antes da Segunda Guerra Mundial. O próximo foi o Jamboree da Paz, na França, em 1947. Ainda em 1937, segundo E. E. Reynolds, ele participou, em setembro, da Reunião do Grupo de Gilwell, em Gilwell Park. O casal B-P partiu para o Quênia, já passando o inverno de 1937 em Nyeri, visitando a Inglaterra pela última vez em maio de 1938.

*verdes gramados e jardins brilhantes de Nyeri chegamos ao terreno seco e crestado pelo sol, onde as chuvas não haviam chegado.*

*Milha após milha, seguimos, lentamente, cruzando as planícies ondulantes, sem ver sequer um kraal ou árvore, e apenas ocasionalmente arbustos. Por que lentamente? Porque a cada poucos metros precisávamos parar para olhar os herbívoros pastando quanto podiam do capim ressecado. Havia centenas de zebras, e suas garupas arredondadas mostravam que, apesar de o terreno parecer pobre, havia como obter sustento dele. “Tommies” – as pequenas gazelas-de-Thomson – estavam por toda parte, e sem medo algum do nosso carro. Antílopes kongoni à farta, parecendo-se com um bando de cavalos castanhos com suas cabeças em um ângulo rígido com os pescoços. Órix, belo e grande antílope com marcas negras em seu corpo cinzento e longos chifres retos – belos animais, de fato. Avestruzes, é claro, grandes aves estúpidas, evidentemente ansiosas para se enfileirarem com os animais e escarnecidas como aves por não poderem voar... Estávamos tão distantes da guerra nesta terra pacífica e ensolarada que a única possibilidade de perturbação vinha de uma nota no quadro de avisos do Governo: “Pescadores, cuidado com rinocerontes nesta área”.*

Em 8 de janeiro de 1941, enquanto a Segunda Guerra Mundial seguia em toda sua fúria, B-P faleceu pacificamente e feliz, e recebeu sua pousada no pequeno cemitério de Nyeri, a umas poucas centenas de metros de sua casa “Paxtu<sup>172</sup>”.

O Monte Quênia, que ele adorava observar de sua sacada, estava envolto em névoa cinzenta quando o longo cortejo fúnebre, movendo-se a passos lentos ao som de tambores abafados, dirigiu-se para o cemitério enquanto as salvas de artilharia estrondavam o seu adeus.

Marinheiros, soldados, civis – representantes de todas as comunidades do Quênia – caminharam na procissão, encabeçados pelo Governador e pelo Oficial-General Comandante das Forças, e o Comissário Escoteiro ia à testa de um bando misturado de Escoteiros

---

<sup>172</sup> Jogo de palavras, remetendo a Pax Hill: Pax Two (a “segunda edição” de Pax Hill) ou Pax Too (paz, também). Paxtu se mantém como um pequeno museu do Escotismo.

européus, asiáticos e africanos, tipificando as duas vidas de serviço de Baden-Powell.

Junto à sepultura, também, com sua Presidente, estava um grupo de Guias<sup>173</sup>.

Assim o Fundador foi conduzido ao seu local de repouso final, na verdejante encosta fazendo face à montanha que ele conheceu em todos os seus aspectos. Ao término do comovente serviço religioso, o sol se punha, e enquanto a procissão deixava o cemitério, o pico da montanha brilhava num claro céu azul.

Os Escoteiros têm um sinal de pista – um ponto dentro de um círculo – usado em grandes jogos e em expedições de rastreamento para indicar aos seus companheiros que os seguem que “foram para casa”, ou “voltaram ao ponto de reunião”.

Esse sinal apareceu agora não apenas junto a uma sepultura em Nyeri, mas também em milhares de documentos de serviço fúnebre ao redor do mundo. Um grande Escoteiro tinha “voltado para casa”.

Existe hoje um memorial a Baden-Powell na Abadia de Westminster<sup>174</sup>, no coração da cidade em que ele nasceu, mas seu memorial perene permanece nos milhões de Escoteiros e Guias, qualquer que seja a parte do mundo em que estejam, que foram e são os orgulhosos e felizes membros dos Movimentos que ele fundou.

*Poucos pioneiros têm vida suficientemente longa para ver os resultados do que fizeram. A maioria dos homens se satisfaz se consegue deixar para o mundo pelo menos um filho. Algum homem, antes de morrer, chegou a ver um sonho assim se tornar realidade? Algum chegou a deixar tantos monumentos vivos como você? (Alan Percival Herbert)*

---

<sup>173</sup> Lady Olave retornou à Inglaterra em 1942. Quando faleceu, em 1977, seus restos mortais foram sepultados junto com os do marido, no Quênia. O governo queniano instituiu o túmulo do casal Baden-Powell como monumento nacional.

<sup>174</sup> Inaugurado no Dia de São Jorge (23 de abril) de 1947, no canto sudoeste da nave.

## **APÊNDICE 1**

### **UMA NOTA DE DESPEDIDA PARA MEUS IRMÃOS CHEFES DE ESCOTEIROS E DE GUIAS**

(Encontrada após a morte de B-P)

Cecil Rhodes disse, no fim de sua vida (e eu, por minha vez, sinto a verdade disso): “Tanto por fazer e tão pouco tempo para fazê-lo”.

Ninguém pode esperar ver a consumação, assim como o começo, de um grande empreendimento na curta duração de uma vida humana.

Tive uma experiência extraordinária em poder ver o desenvolvimento do Escotismo desde o seu início até o estágio atual.

Mas há um enorme trabalho pela frente. O Movimento agora está apenas começando a pegar o ritmo (e quando falo de Escotismo, incluo nisso também o Guidismo).

A única coisa que posso denominar minha quanto à promoção do Movimento e que fui sortudo o bastante para encontrar vocês, homens e mulheres, capazes de formar um grupo com o caráter correto para receberem a confiança de continuar a levar o Movimento ao seu propósito.

Vocês farão bem em manter os olhos abertos, por sua vez, para encontrar sucessores à altura, a quem vocês possam, com confiança, entregar o archote.

Não deixem que o Escotismo se torne uma organização remunerada: mantenham-no um Movimento voluntário de serviço patriótico.

No tempo comparativamente curto de sua existência, o Movimento já se estabeleceu com uma base ampla e forte, mostrando-se encorajadoramente promissor quanto às possibilidades para os anos vindouros.

Seu objetivo é produzir cidadãos saudáveis, felizes e úteis à comunidade, de ambos os sexos, para erradicar o predominante egoísmo estreito, pessoal, político, sectário, nacional, e substituí-lo por um espírito mais amplo de auto-sacrifício e serviço pela causa da

humanidade; e assim desenvolver mútua boa vontade e cooperação, não apenas em nosso próprio país, mas também no exterior, entre todos os países. A experiência mostra que essa consumação não é não é um sonho fantástico ou ocioso, mas sim uma possibilidade prática – se trabalharmos por isso; e isso significará, quando atingido, paz, prosperidade e felicidade para todos.

A “promessa encorajadora” repousa no fato de as centenas de milhares de rapazes e garotas, que hoje estão aprendendo nossos ideais, virem a ser pais e mães de milhões num futuro próximo, e nesses filhos eles inculcarão os mesmos ideais – **desde que tenham sido realmente e inequivocamente introjetados por eles graças à ação dos seus Chefes de hoje.**

Portanto, vocês que são Chefes de Escoteiros e de Guias não estão apenas fazendo um grande trabalho em prol das crianças dos seus vizinhos, mas estão também ajudando, de maneira muito prática, a passar o Reino de Deus, de paz e boa vontade, para o nosso mundo. Assim, do fundo do meu coração, desejo que Deus acompanhe sua jornada nesse esforço.

(Assina) Robert Baden-Powell

## **APÊNDICE 2**

### **MEDALHAS E CONDECORAÇÕES DE B-P**

As condecorações e outros artigos apresentados a Lord Baden-Powell podem ser vistos, gratuitamente, na Baden-Powell House, King's Gate, Londres.

- Ashanti Star Medal, 1895
- Matabele Campaign Medal, 1896-7
- South African War Queen's Medal, 1899
- South African War King's Medal, 1900
- Companion Order of the Bath, 1901
- Knight Commander of the Order of the Bath, 1909
- Knight Commander of the Victorian Order, 1909
- Ordem do Mérito, Chile, 1910
- Coronation Medal (George V), 1911
- Knight of Grace of St John of Jerusalem, 1912
- Cavaleiro, Grã-Cruz de Alfonso XII, Espanha, 1919
- Grande Comandante da Ordem de Cristo, Portugal, 1920
- Grande Comendador da Ordem do Redentor, Grécia, 1920
- Baronete, 1921
- Storkos of the Order of Dannebrog, Dinamarca, 1921
- Comandante, Ordem da Coroa, Bélgica, 1921
- Comandante, Legião de Honra, França, 1922
- Grand Cross of the Victorian Order, 1923
- Ordem da Polónia Restituta, Polónia, 1927
- Knight Grand Cross of the Order of St Michael and St George, 1928
- Ordem de Amanullah, Afeganistão, 1928
- Ordem do Mérito, Primeira Classe, Hungria, 1929
- Ordem do Leão Branco, Tchécoslováquia, 1929
- Ordem da Fênix, Grécia, 1929
- Par do Reino (Barão), 1929

- Grã-Cruz da Ordem do Mérito, Áustria, 1931
- Grã-Cruz de Gedintinus, Lituânia, 1932
- Grã-Cruz de Orange de Nassau, Holanda, 1932
- Comandante da Ordem do Carvalho de Luxemburgo, 1932
- Cruz Vermelha da Estônia, 1933
- Grã-Cruz da Ordem da Espada, Suécia, 1933
- Grã-Cruz das Três Estrelas, Letônia (Latvia), 1933
- Jubilee Medal (George V), 1935
- Grande Cordão da Legião de Honra, França, 1936
- Order of Merit, 1937
- Coronation Medal (George VI)

Declarado cidadão de:

Newcastle-on-Tyne, Bangor, Cardiff, Hawick, Kingston-on-Thames (1913), Guildford (1928), Poole (1929), Blandford (1929), Canterbury (1930), Pontefract (1933)

### **GRAUS HONORÍFICOS**

- Doctor of Law, Edinburgh, 1910
- Doctor, University of Toronto, 1923
- Doctor, McGill University, Montreal, 1923
- Doctor of Civil Law (DCL), Oxford University, 1923
- LLD (Legum Doctor), Liverpool University, 1929
- LLD, Cambridge University, 1931

**APÊNDICE 3**  
**OBRAS DE B-P PUBLICADAS**

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>EDITOR</b>
1884	<i>Reconnaissance and Scouting</i>	William Clowes & Sons, Ltd.
1885	<i>Cavalry Instruction</i>	Harrison & Sons
1889	<i>Pigsticking and Hoghunting</i>	Harrison & Sons
1896	<i>The Downfall of Prempeh</i>	Methuen
1897	<i>The Matabele Campaign</i>	Methuen
1899	<i>Aids to Scouting for NCOs and Men</i>	Gale & Polden
1900	<i>Sport in War</i>	Heinemann
1901	<i>Notes and Instructions for the South African Constabulary</i>	Livreto (manual)
1907	<i>Sketches in Mafeking and East Africa</i>	Smith Elder & Co.
1908	<i>Scouting for Boys (seis fascículos quinzenais)</i>	C. Arthur Pearson
1908	<i>Scouting for Boys (edição completa)</i>	C. Arthur Pearson
1909	<i>Yarns for Boy Scouts</i>	C. Arthur Pearson
1910	<i>Scouting Games</i>	C. Arthur Pearson
1912	<i>Handbook for Girl Guides (com Agnes Baden-Powell)</i>	C. Arthur Pearson
1913	<i>Boy Scouts Beyond the Seas</i>	C. Arthur Pearson
1914	<i>Quick Training for War</i>	Gale & Polden
1915	<i>Indian Memories</i>	Herbert Jenkins
1915	<i>My Adventures as a Spy</i>	C. Arthur Pearson
1916	<i>Young Knights of the Empire</i>	C. Arthur Pearson
1916	<i>The Wolf Cub's Handbook</i>	C. Arthur Pearson
1918	<i>Girl Guiding</i>	C. Arthur Pearson
1919	<i>Aids to Scoutmastership</i>	Herbert Jenkins
1921	<i>What Scouts Can Do</i>	C. Arthur Pearson
1921	<i>An Old Wolf's Favourites</i>	C. Arthur Pearson

1922	<i>Rovering to Success</i>	Herbert Jenkins
1927	<i>Life's Snags and How to Meet Them</i>	C. Arthur Pearson
1929	<i>Scouting and Youth Movements</i>	Ernest Benn
1933	<i>Lessons from the Varsity of Life</i>	C. Arthur Pearson
1934	<i>Adventures and Accidents</i>	Methuen
1935	<i>Scouting Round the World</i>	Herbert Jenkins
1936	<i>Adventuring to Manhood</i>	C. Arthur Pearson
1937	<i>African Adventures</i>	C. Arthur Pearson
1938	<i>Birds and Beasts of Africa</i>	Macmillan
1939	<i>Paddle Your Own Canoe</i>	Macmillan
1940	<i>More Sketches of Kenya</i>	Macmillan

## POSFÁCIO

Chegamos ao fim deste passeio acompanhando Baden-Powell, pelos olhos de sua secretária. Uma tarefa que demandou esforço, mas que foi muito prazerosa. Tanto pelo resultado pretendido – servir aos que tenham interesse em conhecer outras curiosidades sobre o Fundador – quanto pelo próprio processo, com os lances divertidos do biografado.

Baden-Powell não foi super-homem (como qualquer de nós, estava sujeito a ficar doente, ferir-se ou morrer, ter medo, raiva e tristeza), nem santo; pelo contrário, ao longo da vida continuou a ser o que se chamaria “um menino atentado” – mesmo quando Comandante do 5º Regimento de Dragões da Guarda, ao participar da “mistificação de Simla”, relatada em sua autobiografia. Não foi sicofanta nem procurou benesses para si próprio. Foi corajoso sem ser temerário. Teve (muitos) lances de sorte para os quais soube preparar-se e aproveitar.

Os seres humanos aprendem por espelhar-se em referências. B-P pode ser considerado uma referência boa ou, no mínimo, divertida. É importante conhecer não apenas os seus “grandes” feitos, mas também o contexto em que ocorreram (até para colocar a “grandeza” nas devidas proporções), e as suas limitações e os erros cometidos, que o trazem de volta à nossa dimensão humana e o tornam passível de ser imitado (ou não) pelos “pobres mortais”.

O Movimento juvenil que “Bathing-Towel” acabou criando vem sobrevivendo a mais de um século compreendendo convulsões, guerras mundiais, guerras ideológicas e religiosas, descolonização, balcanização, “limpezas étnicas” e inúmeros outros tipos de conflito, inclusive internos – o que mostra a validade dos seus fundamentos. Que estes continuem a ser o nosso farol para deixarmos o mundo um pouco melhor do que o encontramos.

## OBRAS COMPLEMENTARES

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.

\_\_\_\_\_. **Memories of India**: recollections of soldiering and sport. Philadelphia, David McKay Publisher, 1915.

\_\_\_\_\_. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.

\_\_\_\_\_. **The Matabele campaign, 1896**. London: Methuen & Co., 1897 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **The Downfall of Prempeh**. London: Methuen & Co., 1900 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **Marksmanship for boys**: the red feather and how to win it. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1915 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **The adventures of a spy**. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **Aids to Scouting for NCOs and Men**, revised and enlarged edition. London: Gale & Polden, 1915 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **Adventures and accidents**. London: Methuen & Co., 1934 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

\_\_\_\_\_. **Cavalry Instruction**. London: Harrison & Sons, 1885 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

BEAUMONT, Marguerite de. **The wolf that never sleeps**: a story of Baden-Powell. Rochester: Stanhope Press, 1949 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

DAVID, Saul. **Military blunders**: the how and why of military failure. New York: Carroll & Graf Publishers, 1998.

FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Planeta, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JEAL, Tim. **Baden-Powell**. Londres: Pimlico, 1991.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Máximas inéditas de Tia Zulmira**. São Paulo: CODECRI, 1993.

REYNOLDS, E. E. **Our Founder**, Patrol Books n° 19. London: Boy Scouts Association, 1960.

SHAKESPEARE, William. **Henrique V**. Porto: Lello & Irmão, 1955.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: história completa. São Paulo: Contexto, 2015.

STEVENSON, David. **1914-1918**: a história da Primeira Guerra Mundial. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

## **FILMES**

- Gandhi (*Gandhi* – 1983), dirigido por Richard Attenborough.
- O homem que queria ser rei (*The man Who would be king* – 1975), dirigido por John Huston.
- Zulu (*Zulu* – 1964), dirigido por Cy Endfield.
- Esperança e Glória (*Hope and Glory* – 1987), dirigido por John Boorman.